

Suspensão vigora até ao fim do ano **Foram-se todos os créditos para comprar habitação**

As marcações de escrituras para compra de habitações através do crédito da Caixa Geral de Depósitos já foram suspensas por decisão do

Conselho de Administração daquela instituição bancária que a comunicou às suas agências há dois dias, para aplicação imediata. A suspensão deverá vigorar até ao final do ano corrente.

Idêntica medida, mas ape-

nas para compra de casas alugadas pelos seus inquilinos, tinha sido anunciada há cerca de duas semanas, mas nesse caso apenas para aplicação na segunda-feira seguinte. Em ambos os casos não houve informação prévia e esclarecimento dos interessados.

A medida agora anunciada vai lesar mais uns largos de milhares de portugueses que

tinham pedido crédito à CGD depois de terem assumido compromissos, nos termos legais e com as consequências daí decorrentes, com os vendedores.

No caso presente, e dado que os promitentes-compradores assinam contratos com prazos estabelecidos, muitos milhares de pessoas poderão ver substancialmente agravados os pre-

ços inicialmente estabelecidos para as casas que pretendiam adquirir.

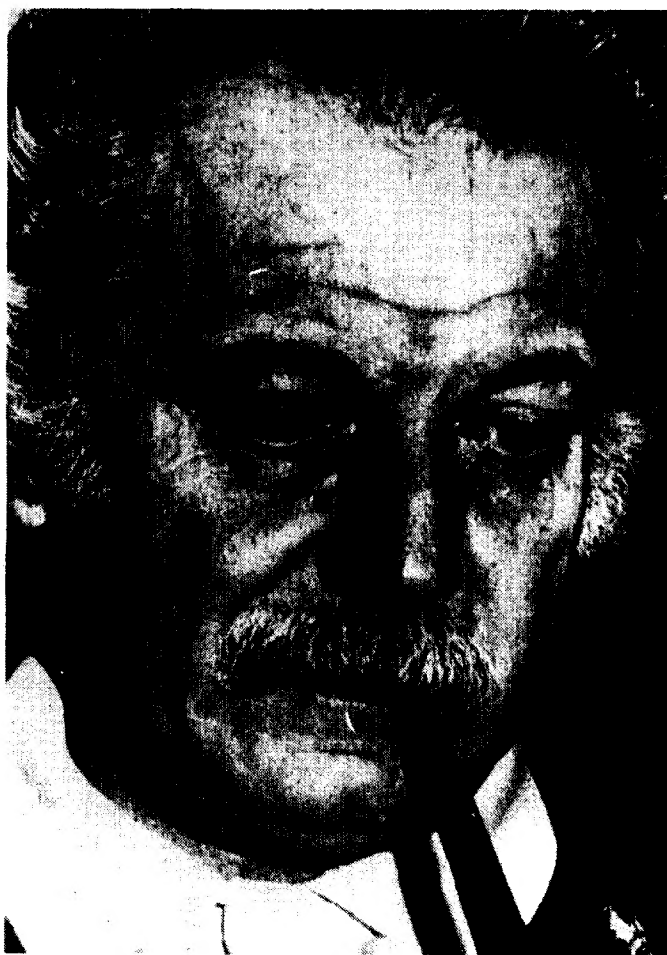
Esta política governamental, imediatamente posta em prática pelas administrações da banca, assenta ao que parece nas dificuldades quanto aos tectos de crédito estabelecidos pelo Governo com carácter anual; à próxima publicação de alterações à Lei do Arrendamento proporcionando chorudos lucros a se-

nhorios e construtores civis; às limitações impostas pelo FMI a propósito dos acordos que o Governo português actualmente negocia.

Por outro lado, as presentes dificuldades à compra de habitações em geral, quando elas não aparecem a preços acessíveis no mercado do arrendamento, coincidem com a extinção do Fundo de Fomento de Habitação sem a

sua substituição por qualquer organismo ou estrutura.

Assinale-se, ainda, que no ano corrente não se iniciou a construção de um único fogo dos dez mil que o executivo prometeu quando se encontrava envolvido em campanha eleitoral. E isso, apesar de aquele número ser evidentemente ridículo quando considerado à luz da carência de 700 mil fogos do nosso país.



George Brassens foi hoje a sepultar

George Brassens, o popular poeta e cantor francês, falecido ontem, aos 60 anos, em casa de um amigo, na sequência de uma longa doença, em Saint-Gely-du-Fesc, perto da sua cidade natal de Sete, foi esta manhã pelas 8 horas a enterrar no cemitério de Py «o cemitério dos pobres». A cerimónia compareceram 300 pessoas entre familiares e amigos de infância e de sempre, que ouviram um breve elogio fúnebre pronunciado pelo padre Barres, também ele um seu amigo.

Finda a cerimónia, Joha, a

companheira, Simone Cazzani, meia-irmã, e um dos seus sobrinhos, afastaram-se rapidamente do cemitério, onde poucos minutos depois reinava a calma.

Sem coroas de flores, sem a grande Paris, o enterro de Brassens foi o último acto de uma vida calma, de uma presença suave. A emoção de todos os que conheciam a sua obra poética, a sua voz quente e divertida, não esbarra nas paredes frias do jazigo familiar. Para esses, para nós, Brassens continua vivo.

Pág. 24

Propostas à margem do Congresso PSD:

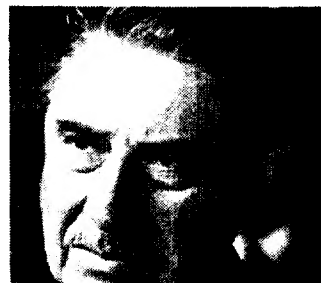
Soares presidente em troca da revisão constitucional

Pág. 5

Pinochet e alguns portugueses pretendem relações a nível de embaixador entre Lisboa e a ditadura chilena

O Chile de Pinochet está a desenvolver uma ofensiva de «charme» internacional para tentar melhorar a sua imagem no mundo. Em Portugal, a campanha visa o restabelecimento de relações a nível de embaixador (actualmente só se mantém a nível de encarregado de Negócios). Jornalistas portugueses têm sido contactados ora para visitarem o Chile, publicando em seguida reportagens elogiosas para a ditadura, ora para abrirem

as páginas dos seus órgãos de Informação aos representantes de Pinochet em Portugal. Por outro lado, políticos portugueses de direita são também contactados com o objectivo de promoverem um mais amplo contacto entre os dois países — de momento através, especialmente, de viagens de empresários portugueses ao Chile. Na última página da nossa edição de hoje publicamos notícia desenhada sobre esta questão es-



Augusto Pinochet

caldante, em relação à qual o Executivo AD tem mantido, oficialmente, uma atitude de reserva. Por outro lado, o Sete Ponto Sete publica, também hoje, um «dossier» sobre o Chile, composto por excertos do diário da esposa do embaixador francês ao tempo do golpe de 1973 — Françoise de Menthon — e por declarações de um jornalista chileno preso e torturado recentemente e que actualmente reside em França.



Secretário-geral do PCF já regressou a França

Eanes recebeu George Marchais

O secretário-geral do Partido Comunista Francês, George Marchais, que durante três dias esteve em Portugal a convite do PCP, regressou esta tarde ao seu país. Ontem foi recebido pelo Presidente da República,

general Ramalho Eanes (na foto), numa audiência que durou cerca de uma hora e durante a qual foram abordadas questões relacionadas com a situação política francesa e com a política internacional. Em S. Bento,

aonde se deslocou igualmente, Marchais foi recebido pelo presidente da Assembleia da República e teve encontros com deputados do PS e com as direcções dos grupos parlamentares do MDP/CDE e da UEDS. Ontem à

noite George Marchais participou num comício de amizade PCP/PCE, que decorreu no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, que se encontrava repleto. Marchais e Cunhal foram os oradores.

Pág. 5

FIJ/UNESCO em Caracas

A Informação deve servir os interesses dos povos — concluiu o Congresso dos Trabalhadores para uma Nova Ordem Mundial Informativa que ontem terminou em Caracas.

A criação de uma agência noticiosa que reflecta os interesses do Terceiro Mundo foi uma das resoluções desta reunião, organizada pela Federação Latino-Americana dos Trabalhadores de Imprensa, com o apoio da Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e da UNESCO.

Responsabilizando os sectores patronais pelo actual desequilíbrio informativo, o Congresso denunciou o controlo exercido pelos países industrializados através de cinco agências ocidentais que detêm o monopólio da Informação.

A nova ordem mundial em questão no âmbito da Comunicação Social terá que cumprir uma informação pluralista, que respeite a identidade cultural dos povos, e responda às suas reais necessidades de informação.

Defendendo a participação dos trabalhadores na construção da nova ordem informativa, o Congresso destacou a necessidade de se criar ou reforçar estruturas com os Conselhos de Imprensa e os Conselhos de Redacção.

A defesa dos direitos dos jornalistas e o fortalecimento dos

sindicatos foi considerado indispensável.

O Congresso defendeu ainda a UNESCO dos ataques que está a sofrer por parte de certos sectores patronais que confundem negócio com liberdade de Imprensa. Foi ainda sublinhado o interesse daquela organização em que os povos participem na definição e enriquecimento de uma nova ordem informativa susceptível de contribuir para o desenvolvimento das sociedades.

Estrasburgo discute futuro da Imprensa

Entretanto, em Estrasburgo, num colóquio sobre o «Futuro da Imprensa», foi afirmado que cada vez haverá mais problemas de independência da Informação em relação poder económico.

Efectivamente, jornalistas de vários países ocidentais denunciaram as pressões exercidas na Europa Ocidental e Estados Unidos pelo mundo dos negócios sobre os meios de comunicação.

O dilema, disseram os jornalistas, resume-se no seguinte: «ou a Imprensa é subvencionada pela publicidade para criticar o Governo ou subvencionada pelo Governo para criticar o sector privado».

Revitalização regional anunciada por Alfaia

O secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social, José Alfaia, afirmou que 1982 será um ano de viragem na revitalização da Imprensa regional.

Alfaia, que falava na sessão de abertura do Encontro da Imprensa Regional, organizado pela Associação Industrial Portuguesa no âmbito da Filagros 81, disse que esta revitalização se insere nos horizontes da regionalização que se abrem e na determinação do Governo em adoptar medidas concretas de apoio à Imprensa regional.

Das medidas existentes salientou o porte pago, o alargamento do subsídio de papel e a promoção de cursos de formação e reciclagem no estrangeiro.

Revelou que a lei orgânica no futuro departamento governamental encarregado da Comunicação Social incluirá um sector específico para a Imprensa regional e para a Imprensa das comunidades de emigrantes.

Manifestou também Alfaia a disponibilidade do Governo para subsidiar prémios de jornalismo a atribuir pela própria Imprensa regional.

Segunda-feira “nasce” a distribuidora dos jornais da tarde

Terá início na próxima segunda-feira, dia 2 de Novembro, a actividade da empresa distribuidora INTERPRESSE que, com o objectivo de melhor servir o público e de rentabilizar a utilização plena dos meios disponíveis, estabelece uma cooperação funcional entre os quatro jornais da tarde: «Diário Popular», «A Capital», «A Tarde» e «Diário de Lisboa» no domínio da distribuição.

A INTERPRESSE — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda — foi constituída com os seguintes objectivos fundamentais:

«Racionalizar a rede de Agentes, criando rotas de distribuição na capital e na província que permitam atingir o duplo objectivo: obter baixo custo/alta eficiência; racionalizar os métodos administrativos e uniformizar o procedimento comercial; promover as cobranças com maior eficiência; promover o rigoroso estudo estatístico das vendas; criar uma mentalidade cooperativa, entre os quatro jornais que, oferecidos ao público em igualdade quanto às formas de distribuição e aos postos de venda, ficarão à livre apreciação e escolha dos leitores.

Prevê-se que a distribuição conjunta dos quatro jornais da tarde venha a custar sensivelmente o mesmo que agora é gasto na distribuição de um só

desses quatro jornais, afirmou o engenheiro Gonçalves Pereira, administrador da «Renascença Gráfica» e que é um dos gestores da nova empresa distribuidora. Ou, por outras palavras: a distribuição conjunta dos quatro vespertinos — disse o engenheiro Gonçalves Pereira ao nosso colega «A Capital» — custará cerca de trinta por cento do total actualmente gasto pelas quatro empresas.

Esta fórmula de cooperação para a distribuição dos quatro jornais da tarde terá como consequência imediata a redução da frota automóvel, gastos de combustível, gastos de manutenção e custos administrativos.

A economia global de custos que se vai conseguir, será utilizada pela INTERPRESSE para organizar uma melhor difusão

dos jornais da tarde e a respectiva penetração no interior do País.

Pretende-se, igualmente, descentralizar a venda aos arredores que era feita apenas no Bairro Alto. A INTERPRESSE criará quatro locais de venda em Lisboa: Praça do Chile, Marquês de Pombal, Alcântara e Bairro Alto.

Para anomalias que se registem na fase de lançamento da INTERPRESSE pede-se a compreensão e a ajuda dos leitores. Aos leitores agradece-se que assinalem essas anomalias e eventuais deficiências.

Na INTERPRESSE estabelece-se uma efectiva cooperação entre «imprensa estatizada» e «imprensa privada». Uma e outra, interessadas na batalha da informação.

“Flashes”

● «O ponto» tem um ano de existência. Que tenha muitos mais — e seja sempre aquela leitura variada que tem sido até à data. Ao seu director, Abel Pereira, e a todos quantos ali trabalham, endereça o «DL» os mais sinceros votos de prosperidade.

● D. Wanda, aquela infatigável e atenciosa funcionária do Sindicato dos Jornalistas, já homenageada em Lisboa pelos profissionais da Informação, vai receber também o carinho dos membros da classe, que trabalham no Porto. Será no dia 6 de Novembro, às 20 horas, no Solar das Caves, em Vila Nova de Gaia.

● O Conselho de Gerência da ANOP dirigiu um convite ao director-geral da Agência Xinhua (Nova China), Zeng Tao, para visitar Portugal em 1982, em data a fixar oportunamente. O convite foi formulado durante a visita à ANOP do representante em Portugal daquela agência, Wang Chih-Ken.



SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

SOLIDARIEDADE À LUTA DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Como demonstração de que os enfermeiros da zona sul não estão sós na luta que vêm desenvolvendo em defesa de uma Carreira de Enfermagem que pretendem digna, tornam público textos de telegramas e comunicados de apoio que a este Sindicato têm sido enviados.

- Telegrama de um Grupo de Enfermeiros do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil Centro do Norte apoiam Enfermeiros da Zona Sul e Ilhas (51 assinaturas de enfermeiros).
- Telegrama de Enfermeiros do Hospital de S. João do Porto solidários com a luta dos Enfermeiros do Sul (60 assinaturas de enferm.).
- Telegrama dos Enfermeiros de Reabilitação do Hospital da Universidade de Coimbra.
- Telegrama de 26 alunos da C.E.C. do Porto.
- Telegrama dos Enfermeiros do Hospital de Ovar.
- Telegrama dos Enfermeiros do Hospital da Universidade de Coimbra.
- Telegrama de um Grupo de Enfermeiros do Hospital de Braga.
- Telegrama dos enfermeiros do Hospital de Vila Real.
- Telegrama de 16 Enfermeiros da equipe de banco dos H.C.L. impossibilitados de fazer greve devido ao horário.
- Comunicado de repúdio às Direcções dos Sindicatos do Norte e Centro.
- Grupo promotor da lista sindical do Centro.
- Apoio dos enfermeiros do Curso de Equiparação do Curso de Enfermagem Psiquiátrica de Coimbra (17 assinaturas).
- Moção de apoio à Zona Sul e repúdio pela posição da Direcção do Norte, enviado por um grupo de enfermeiros do Hospital de S. João (100 enfermeiros).
- Carta enviada por 20 enfermeiros da Zona Centro, que repudiam a posição da Direcção do Sindicato do Centro e apoiam a posição dos enfermeiros do Sul.
- Moção de Apoio à Luta dos Enfermeiros do Sul e Repúdio do Decreto da Carreira do Governo, deliberado por 22 enfermeiros docentes que representam 22 escolas de enfermagem do País.

Lisboa, 30410/81.

Pel'A DIRECÇÃO,
(assinatura ilegível)

Literatura Comentada

UMA NOVA MANEIRA
DE DESCOBRIR A LITERATURA.

Chico Buarque de Hollanda



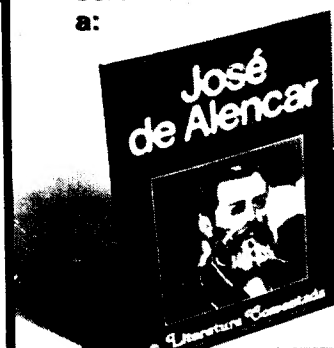
Literatura Comentada é uma nova colecção dedicada a grandes autores de Língua Portuguesa.

Cada volume, dedicado a um autor, excepcionalmente poderá abranger mais de um autor, inclui a sua biografia, um painel histórico da época em que viveu e os momentos mais altos da sua obra.

As notas explicativas, claras e objectivas, dão a esta colecção uma nova inspiração, uma outra abordagem à Literatura que despertará o seu interesse.

À venda
o n.º 2

O próximo volume
será dedicado
a:



Literatura
Comentada

Para o reencontrar com o prazer de ler

Al Khamissi ao «DL»:

«Mubarak é um criado da corte de Reagan»

«O embaixador americano no Cairo é quem governa o meu país», declarou ao «DL» Al Khamissi, dirigente do Movimento Nacional do Egipto, que esteve em Lisboa a participar na reunião preparatória da Conferência Afro-Árabe, que irá decorrer em Luanda de 6 a 9 de Dezembro. Na entrevista que nos concedeu, Khamissi, chefe da delegação egípcia no Secretariado Permanente do Povo Árabe, um grande escritor, companheiro de Nasser, abordou a actual situação no Médio Oriente. No seu discurso polido, rigoroso nos termos, firme na convicção, aquele político egípcio recusou-se a abordar a questão da existência de possíveis divergências no seio do OLP em relação ao plano de paz saudita. Dele nos ficou a impressão de um homem, a quem a idade não roubou o ardor da juventude, a objectividade de um acutillante crítico e a humildade de um modesto cidadão.

«DL» — Qual é, depois da morte de Sadat, a situação no Egipto?

Acredita na possibilidade de uma Revolução Nacional, como o general Shazly afirmou recentemente em Trípoli?

Al Khamissi — Sou membro da delegação nacional egípcia no secretariado permanente do Povo Árabe, que engloba mais de cem partidos políticos e organizações nacionais e progressistas de todos os povos árabes. Não tenho quaisquer comentários a fazer às declarações do general Shazly, pois não sou membro da Frente, de que ele faz parte.

«DL» — Contudo, como egípcio que se opõe ao regime instaurado por Sadat, decerto que tem opinião acerca da actual situação no Egipto.

A.K. — A América está a governar o Egipto por dentro, e está a estender a sua influência à Polícia, ao Exército, nos domínios económico e cultural. Enfim, a todos os campos e actividades. Os EUA têm bases a oeste do Cairo, em «Ras Banas», em «Sina» — uma grande instalação de espionagem contra as nações árabes. No próximo mês de Novembro, as forças militares egípcias, sauditas, sudanesas, do Omã, vão treinar com o Exército americano. Os Estados Unidos estão a interferir claramente na vida do Egipto. O seu embaixador no Cairo é quem, de facto, governa o meu país, recebendo ordens directas de Washington.

«DL» — Qual é, em seu entender, o objectivo dos Estados Unidos?

A.K. — Eles (EUA) querem montar um cinto de segurança total, utilizando para tal forças egípcias, cerca de 250 000 homens, equipados com o armamento mais moderno. Pretendem não apenas o

controlo da região, mas o de todo o mundo. Inclusive da Europa, já que pelo Mediterrâneo podem controlar o flanco sul do vosso continente.

Mubarak: da «esperança» à «desilusão»

«DL» — Quando da subida ao poder de Mubarak, alguns observadores consideraram possível o retorno do Egipto à comunidade árabe.

A.K. — Os observadores enganaram-se. Primeiro, porque Mubarak declarou leis de excepção que vigorarão durante um ano. Segundo, porque no encontro com o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, ele disse «paz para sempre», ao referir-se à «paz» de Camp David. Ora, em nosso entender, Camp David quer dizer guerra para sempre. Em terceiro lugar, Mubarak declarou que iria prosseguir a mesma linha política que Sadat. Pedimos-lhe que libertasse os milhares de patriotas egípcios presos, que cancelasse as leis de excepção. Pedimos também uma nova Constituição, que eliminasse as desigualdades sociais. No Egipto, os pobres estão cada vez mais pobres, os ricos, mais ricos, e o fosso que os separa não pára de aumentar. Se Mubarak mudar de política, nós mudaremos de opinião. Caso contrário, permaneceremos firmes como até agora.

«DL» — Para além das possíveis alterações no Egipto, cuja realização não se concretizou, o retorno do Egipto à comunidade árabe passava também pela questão de Camp David. Ora, há poucos meses o príncipe Fahd da Arábia Saudita apresentou um plano de paz para o Médio Oriente, uma fórmula de resolução da questão palestina, que



Al Khamissi enumera as razões que o levaram a não acreditar em Mubarak

foi bem recebida por Yasser Arafat. Que pensa do plano de paz saudita?

A.K. — Em relação às declarações de Arafat não as li, não as conheço. Sobre o plano de paz do príncipe Fahd, convém, desde já, afirmar que ele não é mais do que uma injeção para tentar revigorar os acordos de Camp David. A América e a Arábia Saudita querem encontrar o melhor caminho para a realização da estratégia dos EUA. É essa estratégia é a de utilizar bases na nossa terra (a nação árabe) para derrotar os movimentos de libertação de todo o mundo, criar novos mercados, aniquilar as indústrias dos países que subtem, de modo a que estes não encontrem concorrência nesses mercados. Os americanos querem o branco no preto: bases militares, mercados, e nada mais!

«DL» — Os organizadores da Cimeira Árabe de Fez esperavam a participação nos debates de uma delegação egípcia. Entretanto, fontes oficiais do Cairo desmentiram a deslocação a essa cidade marroquina de qualquer delegação do Egipto. Qual é a importância da Cimeira de Fez?

A.K. — Nenhuma. Vão discutir entre quatro paredes o plano da Arábia Saudita. Os verdadeiros desejos do Povo Árabe estão na rua. Todas as forças progressistas do mundo árabe pretendem que se realize um verdadeiro debate com a presença de todas as grandes potências. Fez será igual a Genebra. Não adiantará nada.

«DL» — Mas a Cimeira de Fez não poderá contribuir para um reforço da solidariedade árabe?

A.K. — A solidariedade já foi encontrada. Quando Sadat disse que o Egipto era independente do corpo das na-

ções árabes, todos os egípcios se ergueram contra ele. Todos os egípcios acreditaram na validade do movimento árabe de libertação, que, por seu lado, apoia a resistência egípcia. A solidariedade, como vê, existe.

Dos direitos humanos ao terrorismo internacional

«DL» — Há pouco falou da estratégia americana no Médio Oriente, do cinto de segurança, que ameaça a própria Europa. Neste contexto, qual o significado da recente intervenção militar americana em águas líbias, que levou inclusivamente ao derrube de dois caças da Força Aérea daquele país?

A.K. — A política dos Estados Unidos conheceu nos últimos anos uma alteração, apenas de estilo, não de conteúdo. Carter dizia defender os direitos humanos. Ora, por detrás dessa cortina de fumo, nós sabemos como vivem os negros de Harlem, sem direitos humanos. Sabemos como as forças palestinas no Líbano foram dizimadas com bombas americanas, como milhares de pessoas foram mortas em África e na América Latina, vítimas das armas made in USA. A América ia falando de direitos humanos e ia matando. Agora, quando Reagan chegou ao poder, falou de terrorismo internacional, ao referir-se aos movimentos de libertação. Para o actual presidente americano, para a América oficial, se os povos se querem libertar, fala-se imediatamente de terrorismo internacional; para tentar esconder os interesses que temem perder. Mas os povos já ultrapassaram esta cortina de fumo. E que é que eles vêm por detrás dela? O verdadeiro terrorismo, a face de Reagan, o rosto da América oficial. O que Reagan pretende é aniquilar todos os progressistas que lutam contra a sua política. Qathafi luta contra Reagan, porque pretende a liberdade para os países árabes, porque está contra os interesses dos EUA. É por isso que os americanos querem derrubar Qathafi e conquistar a Líbia, utilizando o Sudão, pelas mãos de Mubarak, o criado da corte de Reagan.

Entrevista de Nuno Ribeiro
Fotos de Rui Pacheco



● Começam hoje as comemorações do décimo aniversário da elevação de Alcains a vila, prolongando-se por 21 dias. A 14 de Novembro, Ramalho Eanes, visitará a sua terra natal, o que acontece pela primeira vez em visita oficial

como Presidente da República. Entre as manifestações previstas, contam-se actividades culturais, teatro, cinema, folclore, jogos tradicionais, exposição de trabalhos dos alunos de várias escolas locais e outros programas para as festas.

● «O prosseguimento da actualização do Governo da AD agrava a vida dos portugueses e põe em perigo a democracia», declarou ontem José Manuel Tengarrinha no decorrer de uma sessão promovida pelo MDP/CDE na casa da Cultura de Moscaide. Acrescentou ainda que tal «agravação» convém, porque quanto mais aguda for a situação, tanto mais facilmente se abrem condições para dominar o processo de inversão democrática e impor soluções autoritárias.



● O PCP condenou ontem o atentado de que foi vítima na passada segunda-feira o industrial de Vila Nova de Famalicão, João Mesquita de Oliveira. A direcção regional do Minho daquele partido considerou, em comunicado tornado público, a acção como «um acto criminoso e terrorista» e que «os seus autores terão de ser julgados pelos democratas e pelos trabalhadores».



● André Gonçalves Pereira, ministro português dos Negócios Estrangeiros, chegou ontem a Nova Delhi, para uma visita de uma semana à Índia. Conferenciará com o seu homólogo indiano, Narasimha Rao, e com a primeira-ministra, Indira Gandhi. O ministro português seguiu para Goa, onde em visita privada permanecerá durante três dias.

Programa nuclear francês: amputado ou escalonado?

Ao propor reduzir em um terço o programa nuclear da precedente maioria, em 1982 e 1983, o governo francês desiludiu certos parlamentares socialistas que desejavam uma redução muito mais acentuada. Mas arrisca-se a decepcionar sobretudo os 63 por cento de franceses que votariam «sim» a um referendo que propusesse continuar o programa em questão. Embora deplorando o secretismo de que se rodeava, a maioria dos nossos compatriotas pensa que a política de energia foi a melhor actualização do sestenato anterior. Acrescentemos que os nossos parceiros do ocidente o admiravam e o cobiçavam, enquanto

lamentavam que os seus cidadãos os impedissem de o imitar.

Ao contrário dos alemães e dos ingleses, dos escandinavos, os franceses são pouco sensíveis às campanhas pela ecologia ou pelas energias novas. As primeiras parecem, de resto ignorar que as centrais térmicas (proclamadas naturais) são muito mais poluentes que as centrais atómicas e que a vizinhança destas últimas fez até agora muito menos vítimas que a das condutas de gás na região parisiense. As segundas confundem os decénios posteriores ao ano 2000, com os anteriores, não tendo em conta que os estudos realistas avaliam em mais 5 por

Maurice Duverger

cento a parte de energia que poderão fornecer em 1990, o solar, a «biomassa» e as outras inovações imagináveis. Se convém multiplicar as pesquisas para ultrapassar esse nível, seria louco antecipar os seus resultados, limitando de ora em diante o desenvolvimento das outras fontes de energia.

Sobre todos esses pontos, Pierre Mauroy não tem mais ilusões que os nossos concidadãos. Ele sabe que eles não se deixarão embalar por canções infantis ou bandas desenhadas,

mas que esperam argumentos sérios para admitir o retardamento do programa nuclear. As economias de consumo constituem uma das partes sólidas do plano governamental. Abrem perspectivas importantes, na medida em que se apoiaram sobre um financiamento correspondente. Mas seria política malthusiana justificar com elas uma restrição do número de centrais, enquanto que a energia continua a ser uma mercadoria

Continua na pág. 4

● O ministro da Administração Interna afirmou ontem no Porto que «a descentralização administrativa é tarefa elementar do Estado democrático». Ângelo Correia falava no início da visita de trabalho que efectuou à Comissão de Coordenação da região Norte. O ministro realçou ainda o significado político da sua visita, «sintomática de que o paternalismo administrativo não é adequado à modernização do País».

● A Associação dos Amigos dos Países Árabes (AAPA) convidou hoje a vereação da Guarda a revogar a sua decisão de germinar aquele município com a «cidade sionista/israelita de Safed». Em comunicado, a AAPA recorda aos vereadores da Câmara da Guarda «as inúmeras humilhações, sofrimentos, injustiças e até expulsões que sofre o povo palestino na cidade de Safed».



Expressamente confidencial

● O dr. Francisco Pinto Balsemão não juntou com o doutor Diogo Freitas do Amaral no Tavares (pobre). A ausência de ambos foi muito notada. Apesar de não serem esperados.

● Não se confirma que o dr. José Carlos de Vasconcelos tenha oferecido um jantar de 24 talheres à Comissão Permanente do PS.

● A comissão organizadora do partido presidencialista desistiu do projecto piquenique, nos jardins de Belém para obtenção de fundos destinados aos trabalhos de organização e de propaganda.

● Foi anulado o passeio-visita dos sócios do Centro Nacional de Cultura, e outros curiosos, à residência do CEMGFA, general Melo Egidio. A anulação da visita deve-se à circunstância de no mesmo dia e à mesma hora estar convocada, para a residência particular do CEMGFA, uma reunião preparatória do «golpe de Estado» militar.

● Devido à comoção fortíssima que o acometeu ao ter conhecimento do «golpe de Estado» militar, o jornalista Nuno Rocha está a ser submetido ao tratamento adequado.

ao telefone com

Advogado de Martelli:

“Um caso de cegueira jurídica”

A notícia sobre a extradição do arquitecto italiano Roberto Martelli, que a efectivar-se, conforme ontem noticiámos, será a primeira realizada em Portugal ao abrigo da Convenção Europeia para a Repressão ao Terrorismo, está a causar viva polémica na classe forense dadas as flagrantes contradições de que parece enfermar a decisão do Supremo Tribunal de Justiça. Procurando situar o problema, o «DL» ouviu Miguel Sousa Tavares, o patrono de Roberto Martelli juntamente com Agostinho Pereira Miranda e Francisco Sousa Tavares (a partir do momento em que o processo subiu ao Supremo).

«DL» — Como recebeu a defesa o acórdão do Supremo?
Miguel Sousa Tavares — «Torna-se necessário dizer que até ao momento o meu pai (responsável pela fase final do processo) ainda não foi notificado, o que, em princípio, só deverá acontecer na próxima quarta-feira. Assim o que veio a público na imprensa portuguesa parece-me ser a reprodução de notícias saídas em Itália, fruto, supomos, de qualquer fuga de informação. Pelo que não nos parece oportuno tecer considerações sobre um acórdão que desconhecemos pela via normal».

«DL» — E a confirmar-se a decisão do Supremo veiculada pela imprensa?

MST — «É evidente que apresentaremos recurso, pois era nossa convicção de que, na pior das hipóteses, o Supremo mandaria anular o processo da Relação. Um processo (autêntico caso de cegueira jurídica) mal organizado e, quanto a nós, repleto de irregularidades. Por exemplo a Relação pronunciou-se sobre 52 crimes de que Roberto Martelli viria acusado. Quando é certo que o nosso constituinte apenas se encontra pronunciado por treze acusações».

«DL» — A confirmar-se a extradição o que poderá acontecer a Martelli?

MST — «Se Roberto Martelli ficasse em Portugal, dada a nem sequer grande gravidade dos crimes de que está acusado, poderia ser condenado quando muito a dois ou três anos de cadeia. Em lugar disso em Itália, só pela simples acusação de pertencer a uma organização terrorista, poderá apanhar algumas dezenas de anos de prisão».

Entretanto, a Comissão de Luta Contra a Repressão (CLCR) divulgou um comunicado em que coloca em paralelo a atitude tomada pelo Supremo relativamente a Martelli e ao neofascista Fabio Di Martino, a quem foi recusada a extradição apesar de vir acusado de crimes muito mais graves, entre os quais aviltava o sequestro de um juiz.

Objectivo da “rede” de Mulheres: reflectir para transformar

PORTO, 31 — Reflectir para transformar a sociedade é o objectivo básico da «Rede» de mulheres ligada a Maria de Lourdes Pintasilgo apresentada pejorativamente por um matutino lisboeta.

«O que está em jogo é esta sociedade, queremos transformá-la, intervir mais amplamente», afirmou, ao «DL», Fátima Vasconcelos, uma daquelas mulheres envolvidas no ataque desferido pelo «Portugal Hoje», na passada quinta-feira.

Nesta «Rede», que tem vindo a ser constituída desde há um ano (o seu germe foi lançado durante uma reunião em Lisboa), estão representados todos os estratos sociais, desde camponesas, a técnicas superiores, passando por operárias, serventes, técnicas de curso médio, etc. «Não há qualquer limitação de entrada à partida», sendo as próprias pessoas a optarem se ficam ou não, em função da forma como se sentem na rede.

Tipo de reflexão, perspectivas do debate, possibilidades de transformação — são alguns dos factores que poderão, porventura, entrar em equação.

A «Rede» tem, neste momento, milhares de mulheres espalhadas por quase todas as zonas do País e tem vindo a alargar-se quase espontaneamente atrás de uma pequena frase: «Estás de acordo? Passa a palavra». Independentemente das reuniões que têm sido feitas a nível local, a «Rede» tem-se reunido a nível mais amplo e ainda na semana passada se realizou em Braga um debate alargado no qual participaram dezenas de mulheres do Norte. Anteriormente, em Junho, tinha-se efectuado, em Coimbra, um encontro de âmbito nacional.

«É olhando criticamente esta sociedade onde a exploração se mantém e os valores materialistas pontificam que nós vemos que temos coisas a dizer» — afirma Fátima Vasconcelos. «Faz sentido, acrescenta, para

nós, as mulheres reunirem-se com outras mulheres porque temos uma experiência comum que os homens não têm». Nega Fátima Vasconcelos qualquer conteúdo feminista nesta rede, assim como a existência de qualquer elo cristão à sua volta. «Há mulheres cristãs, mas não existe nenhum elo de identificação a esse nível».

Durante as reuniões locais e encontros mais amplos têm sido discutidos problemas ligados com o trabalho, o consumo, a Constituição, enfim problemas para os quais as mulheres têm uma palavra importante a dizer. Relativamente à defesa dos Direitos consignados na Constituição, por exemplo, foi reconhecida a necessidade de desencadear um movimento de pressão que retire a propriedade exclusiva da revisão constitucional aos partidos políticos e seus constitucionalistas (onde as mulheres têm a representatividade que se conhece) e evitar que as questões-chave se convertam

em moeda fácil de troca.

Unanimemente se defendeu também a necessidade de dar voz às mulheres junto dos órgãos da AR, conscientes que estão de que «a igualdade de direitos dos cidadãos não é elemento acessório do nosso futuro, mas alicerce do projecto colectivo dum povo que não pode ser deixado à deriva de acordos flutuantes».

Entretanto, num texto emitido ontem por um grupo de mulheres da «Rede», lê-se que a referência insinuada que a esta foi feita pelo matutino lisboeta constitui um atropelo ao direito de reunião e que «atacando esse direito e a democracia e a liberdade que visam, é a auto-organização que estão a pôr em causa, é a organização autónoma das mulheres que parecem querer impedir».

No mesmo texto diz-se que a «Rede» «são fios que se vão tecendo entre as pessoas nós de solidariedade que se vão estreitando em conversas, reuniões, encontros...»

Escolha dos chefes militares pelo Governo

Acordo PS/AD não é irreversível

— declara o PCP

O compromisso estabelecido entre a direcção do PS e a AD para retirar ao Presidente da República as suas actuais competências militares, atribuindo ao Governo a competência para escolher e propor os chefes militares, «significa (afirma o PCP em nota da SIP) que a direcção do PS converge com a AD no propósito de subordinar as Forças Armadas ao comando e aos objectivos subversivos das forças reacçãoárias de assegurar a governamentalização, partidáriação e instrumentalização da instituição militar, liquidando o seu compromisso de fidelidade ao regime democrático».

Nesta ordem de ideias, o Partido Comunista Português entende que «é absolutamente necessário e urgente que todos os democratas tomem aguda consciência das gravíssimas consequências e enormes perigos que resultariam para a de-

mocracia caso o acordo agora estabelecido entre a direcção do PS e a AD viesse a ser votado favoravelmente na Assembleia da República e consagrado no texto constitucional».

Na situação concreta em que vivemos, «a solução (acentua o PCP) acordada entre o PS e a AD — escolha e indicação dos chefes militares pelo Governo AD e sua nomeação formal pelo Presidente da República — só poderia provocar duas situações, qualquer delas tão altamente favoráveis aos planos e interesses das forças reacçãoárias quanto extremamente prejudiciais para a defesa da democracia».

O dilema, na óptica do PCP, seria o seguinte:

«Ou o Presidente da República aceitava as propostas do Governo AD e assim consentiria na entrega das Forças Armadas ao controlo da AD que rapida-

mente restabeleceria uma hierarquia militar fascizante e as utilizaria para dar cobertura ao seu golpe contra o regime democrático; ou o Presidente da República recusava, uma após outra, todas as propostas de nomeação dos chefes do Estado-Maior, e criar-se-ia uma situação de grandes dificuldades ao funcionamento das instituições».

Depois de afirmar que o acordo estabelecido pelo PS com a AD nesta matéria constitui uma das graves confirmações e manifestações da «efectiva política de alianças com a direita em que está deliberadamente empenhada a Direcção do PS», o Partido Comunista Português, lembra que «nunhum democrata se deve esquecer, por um momento que seja», de que tal acordo, «no âmbito da comissão de revisão constitucional da Assembleia da República não é lei no Portugal democrático, nem é

irreversível e inevitável a sua consagração na lei fundamental do País».

Sublinhando que «a reconsideração pela direcção do PS dos seus compromissos com a AD em matéria de organização do poder político» se torna «desde já» uma justa exigência «democrática, e nacional», em relação ao processo de revisão constitucional, o PCP declara que «o povo português tem todo o direito de intervir e decidir sobre a revisão constitucional». Assim, «rompendo a cortina de silêncio e as negociações e acordos de bastidores», é essencial, afirma ainda o PCP, que «se levante e afirme um amplo movimento de opinião popular, democrática e patriótica em defesa da Constituição», a fim de «impedir que na revisão constitucional se consuma um golpe traiçoeiro contra a luta do povo português e contra o regime democrático».

Programa nuclear francês

Continuação da pág. 3

rara na Europa, cuja exportação é fácil e frutuosa. Se a França produzir um excedente de electricidade nos anos que vêm, esse excedente será aproveitado pelos nossos vizinhos, trazendo divisas muito úteis à nossa economia.

Entretanto, toda a gente se dá conta que não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. Os investimentos necessários às economias de consumo poderiam atingir o nível previsto se as despesas de construção das centrais continuassem a ser conformes ao programa a precedente? O governo pode encontrar aí um argumento válido, na condição de não dissimular que um plano de economias de consumo é sempre mais aleatório que um plano de trabalhos públicos, porque as primeiras dependem de uma multidão de agentes de decisão sobre os quais o poder tem pouca acção, enquanto que as segundas são dominadas por ele.

Deverá mostrar o mesmo rigor para dissipar a impressão de que o seu refreio do nuclear se opõe à política de relançamento que serve de base à sua luta contra o desemprego. Não será

contraditório querer ao mesmo tempo um aumento da produção e um abrandamento do desenvolvimento das fontes de energia? Seria conveniente um exame mais atento para descobrir que o relacionamento abrange os dois próximos anos, enquanto que as centrais iniciadas no mesmo período só darão resultado muito mais tarde. Mas os peritos governamentais constatarem também o aumento provável do consumo para além de 1990 e a substituição necessária dos materiais deslocados «exigirão inevitavelmente o empenho de novas centrais». Isso não torna a redução actual dos programas muito perigosa para o futuro?

Tudo depende da duração das centrais construídas. A decisão de reduzir o seu número em 1982 e 1983 tem por objectivo principal assegurar um melhor escalonamento no tempo, a fim de assegurar a utilização do parque industrial: seguindo-se os renovamentos às construções originais, sem rupturas que teriam como consequência fases de paragem total e fases de continuação. Encarando assim as coisas a longo prazo, teríamos que o que importava hoje seria não tanto restringir o começo das obras até 1990, mas sobretudo

redistribuir de modo diferente as fases da construção. Deste modo, no fim do ciclo, chegaríamos a resultados equivalentes e, ao mesmo tempo poder-se-ia relançar outro ciclo logo a seguir, recorrendo a meios já com boas provas na prática e inteiramente disponíveis.

Sedutor em teoria, um tal projecto não é fácil de pôr em prática. Por um lado, a previsão torna-se mais incerta à medida que o seu termo se afasta: quem pode com certeza e verdade, determinar os meios necessários à edificação das centrais nucleares de 1990 e as necessidades de consumo nessa data? Por outro lado, quanto maior for o esforço de construção imediata, mais rapidamente se desenvolve a interdependência energética e o aumento da economia nacional. Os dois elementos são de resto necessários ao êxito do socialismo à francesa, diferente ao mesmo tempo do comunismo e da social-democracia, que François Mitterrand ambiciona construir. Válida em princípio, a reparação planificada das construções nucleares, seria ilusória e perigosa se fosse muito ambiciosa e se negligenciasse o velho provérbio: «Mais vale um pássaro na mão que dois a voar!»

AVISO

A TAAG-Linhas Aéreas de Angola, avisa os senhores passageiros que o seu voo DT 651 de 2 de Novembro é antecipado para o dia 1 de Novembro (domingo) com saída de Lisboa às 23.05 locais. Os senhores passageiros deverão comparecer no aeroporto de Lisboa, às 21.00 horas do dia 1 de Novembro.



Cunhal e Marchais no comício de amizade PCP-PCF

O significado das eleições francesas e a solidariedade entre comunistas

As recentes eleições francesas mostraram que «a contribuição dos comunistas é indispensável para derrotar a reacção e abrir caminho a uma alternativa democrática» — afirmou ontem à noite Álvaro Cunhal, no decorrer do comício de amizade PCP-PCF que, com a presença de George Marchais, secretário-geral dos comunistas franceses, se realizou no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

Antes, Marchais, numerosas vezes interrompido pelos aplausos vibrantes da multidão que enchia a deitar por fora a velha sala do Parque Eduardo VII, saudara o «amplo movimento de resistência democrática que se desenvolve em Portugal», sublinhando o papel do PCP «na primeira linha deste combate pela mais ampla unidade das forças populares».

«Qual o significado para Portugal das modificações verificadas na situação política francesa?» — começou por perguntar Álvaro Cunhal, antes de passar a responder:

«Desde 1975/76, combatendo a democratização da vida nacional e particularmente as transformações democráticas mais profundas que o povo conquistou e que o PCP teimava, como teima, defender, tanto a reacção como o secretário-geral do PS afirmavam que Portugal não podia andar para a esquerda, porque a Europa estava a andar para a direita com governos de direita inamovivelmente fixados no Poder».

No entanto, lembrou Cunhal, as eleições francesas mostraram, juntamente com outros acontecimentos noutros países europeus, que «a Europa deixou de andar para a direita e que está agora a andar para a esquerda», acrescentando que também em Portugal «é possível uma tal viragem».

Além disso, insistiu o secretário-geral do PCP, «desde 1975/76 que as mesmas forças e personalidades repetem exaustivamente que os comunistas pouco ou nenhum papel podem desempenhar numa alternativa democrática» — e agora as eleições francesas demonstraram que «a contribuição dos comunistas não só é importante, como é indispensável para derrotar a reacção e para abrir caminho a uma alternativa democrática». E em Portugal sublinhou, «nenhuma alternativa

democrática é possível sem o PCP e muito menos contra o PCP».

Por outro lado, «desde 1975/76, as mesmas forças e personalidades repetem que em Portugal (assim como noutros países da Europa capitalista) os comunistas não podem participar no Governo porque os Estados Unidos e a NATO não aceitam a participação dos comunistas em Governos dos países da Europa Ocidental». Contudo, também neste campo, as eleições francesas mostraram que «o imperialismo não pode impedir a participação dos comunistas nos Governos dos países capitalistas da Europa, desde o momento em que os povos dos respectivos países decidam essa participação».

O objectivo da AD

O secretário-geral do PCP falou ainda longamente do desenvolvimento da luta pela paz, das grandes forças de transformação do mundo, da originalidade dos caminhos da revolução e os ensinamentos universais, da reacção no Poder, e da democracia portuguesa que, apesar de estar em perigo, conta com uma balança de forças que lhe é favorável.

Cunhal alertou com ênfase que «a transferência para o Governo das competências militares do Presidente da República e do Conselho da Revolução» é neste momento o grande objectivo da AD.

Neste momento, e no imediato, a AD sacrifica a este objectivo todos os outros. Não interessa à AD que a situação económica e financeira do país caminhe para o desastre. Não interessa à AD que todos os défices atinjam somas fabulosas. Não interessa à AD a degradação das condições de vida do povo, que aliás fazem parte da sua política.

Para a AD o objectivo principal, actual, fundamental, indispensável para levar por diante o seu plano subversivo e golpista é tirar ao Presidente da República e passar para o Governo, passar para Freitas do Amaral e seus acólitos, as competências militares fundamentais que actualmente cabem ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução.

O secretário-geral do PCP recordou que quando se formou o 1.º Governo AD Freitas do Amaral proclamou que a entrada no Mercado Comum era «a prioridade das prioridades» da AD. Porém, agora pode dizer-se: «ganhar para o Governo a competência para nomear os chefes das Forças Armadas e poder assim reconstituir uma hierarquia militar fascizante e uma linha de comando que dê à reacção o suporte armado, militar para o golpe em curso contra a democracia — isto é a prioridade das prioridades da AD no Governo e na Assembleia».

Só que a «AD sózinha não pode levar por diante um tal golpe. Ela precisa de dois terços de votos na Assembleia. E os deputados da «AD» são menos de dois terços». Apenas com a ajuda de Mário Soares e da Comissão Permanente do PS, que «se mostram dispostos a dar à AD» esses dois terços tal será possível. E Álvaro Cunhal alertou então para os perigos que uma tal atitude pode vir a ter (ver comunicado da Comissão Política do PCP sobre este assunto) noutro local desta edição e afirmou que o «golpe está em marcha».

O Mundo move-se

George Marchais, atentamente escutado pela multidão exprimiu a solidariedade dos comunistas do seu país para com o milhão de trabalhadores portugueses que vivem em França, e acusou os anteriores governantes do seu país de terem desenvolvido campanhas «racistas e xenófobas», tentando fazer dos trabalhadores imigrados os responsáveis pela crise que a França atravessa.

O líder comunista francês disse que no âmbito de acção da nova maioria de esquerda, foram tomadas algumas primeiras medidas sociais em favor dos trabalhadores emigrados.

Referindo-se à situação em França cinco meses após a vitória da maioria de socialistas e comunistas, Marchais disse estar a situação em aberto, nada estando «ganho ou perdido à partida».

«Não é fatal» — explicou — «que a actual situação conduza o país a uma experiência social-democrata».

«É possível» — disse — «pôr em prática uma outra política que não seja a da gestão da crise em benefício do grande capital».

Acrescentou que a todos os níveis o PCF se situa «lealmente na nova maioria, desempenhando plenamente o papel original e independente do partido revolucionário para corresponder às expectativas dos trabalhadores e do país para avançar pela democracia para o socialismo».

Recordando depois que na Europa se assiste a uma viragem, Marchais afirmou: «Não há dúvida que o Mundo se move. E move-se no bom sentido. Em poucas dezenas de anos mudou mais do que no passado durante um século. Vejam o socialismo! Um bilião e meio de homens e mulheres constroem no actualmente em todos os continentes numa crescente diversidade. Esta construção não se processa sem problemas, sem dificuldades, mas a influência exercida pelos países socialistas na evolução do mundo continua a crescer. É em primeiro lugar a esta influência que devemos este bem precioso acima de todos: trinta e seis anos sem uma guerra mundial!»

É também sobre o peso dos países socialistas no equilíbrio de forças mundial que se apoiam milhões de homens e mulheres que lutam para se libertarem das cadeias do jugo imperialista.

É aí também, que o caminho foi entretanto percorrido: Desde 1945, noventa países libertaram-se do colonialismo.»

Marchais regressou a França

A meio da tarde de hoje a delegação do PCF, chefiada por George Marchais regressou a França. O secretário-geral do PCF foi ontem recebido pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes e pelo presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias. Em S. Bento, Marchais teve ainda encontros com as direcções dos grupos parlamentares da UEDS e do MDP/CDE. Salgado Zenha, Almeida Santos, e Jaime Gama, foram alguns dos deputados socialistas que também se reuniram com o secretário-geral do PCF.

PSD pressiona Soares

acenando-lhe com Belém

Não é um «facto político» para o Congresso é uma «espada» sobre a maioria do PS

A possibilidade do próximo Congresso do PSD, a realizar no Porto em 5 e 6 de Dezembro, começar a discutir o perfil do candidato presidencial a Belém, foi cuidadosamente lançado esta semana por dirigentes sociais-democratas.

Não se trata, porém, de um facto político agendado propostadamente para o Congresso.

Trata-se, isso sim, de uma espada sobre a maioria PS. Em período importante do processo de revisão constitucional, com a discussão em breve do OGE e a necessidade de saber como vão as eleições para as autarquias locais, os sociais-democratas estão a pressionar Mário Soares.

Poderão apoiar Mário Soares, como candidato a Belém, se, se e se...

Fontes sociais-democratas admitem, mesmo, perceber o facto de Mário Soares ou Manuel Alegre virem a público anunciar

que não haverá alianças com o PS ou que o PS necessita de uma viragem à esquerda, para consumo interno e acalmar as divergências entre «soaristas» e membros afectos ao «ex-Secretariado». No entanto, esses mesmos responsáveis, avisam Mário Soares de que não deverá ir muito mais longe.

Com o lançamento desta campanha, o PSD poderá ter esfragado um curto período de acalmia no interior do PS. Veio mesmo dar razão às críticas e comentários dos membros do ex-Secretariado. A isto, a maioria socialista poderá reagir com um «discurso» à esquerda ou um voto contra, na próxima discussão do Plano e Orçamento.

Pressionado pelos sociais-democratas, atacado por uma parte considerável do seu próprio partido, Mário Soares está cada vez mais «só, só» com o PS.

Resolução sobre Timor vai ser votada na Assembleia Geral da ONU

Uma resolução reafirmando o direito de Timor-Leste à autodeterminação e independência começou ontem a circular na quarta comissão das Nações Unidas para a Descolonização, patrocinada, tal como a de 1980, por 23 países africanos, entre os quais todos os de expressão portuguesa.

O representante da FRETILIN, José Ramos Horta, disse no entanto esperar conseguir outros co-patrocinadores antes de ela ser votada na próxima semana. Tradicionalmente, Portugal não co-patrocinava resoluções sobre Timor, não estando portanto incluído nestes 23 países.

Sensivelmente igual à do ano passado, esta resolução, que será certamente aprovada, primeiro na quarta comissão e depois na Assembleia Geral, exprime «profunda preocupação» perante uma nova situação de fome em Timor-Leste e apela a diversas organizações das Nações Unidas para que deem de imediato assistência à população do território.

Declarar também que ao povo de Timor-Leste deve ser permitido determinar livremente o seu futuro de acordo com as resoluções relevantes da Assembleia Geral e procedimentos aceites internacionalmente.

Votação na próxima semana

O documento nota a iniciativa tomada pelo Governo português

de acordo com o comunicado do Conselho de Ministros de 12 de Setembro de 1980, e convida Portugal, a potência administrante no território de acordo com a lei internacional, a continuar os seus esforços com vista a assegurar o direito à autodeterminação e independência do povo de Timor-Leste.

Assinala também com satisfação a ajuda humanitária dada por certos Estados membros das Nações Unidas e organizações humanitárias ao povo de Timor-Leste, apelando a todos os Governos interessados para que continuem esta ajuda.

Prevê-se que esta resolução seja submetida a uma votação na 4.ª comissão no decorrer da próxima semana. A resolução do ano passado sobre Timor-Leste foi aprovada na trigésima-quinta Assembleia Geral por 58 votos a favor, 35 contra e 46 abstenções. Os países da CEE, à excepção da Grécia, que votou a favor, abstiveram-se. Os Estados Unidos, Austrália e Japão votaram contra.

Espera-se ainda uma intervenção da Indonésia antes da votação para responder ao ataque feito pelo embaixador de Portugal, Rui Medina, que a acusou de «recusa obstinada» em abordar o aspecto político da questão de Timor-Leste.

EXTERNATOS

Alvares Cabral	Marques de Pombal	S. Vicente
Av. Grao Vasco, 1	Rua Morais Soares, 93	R. Edith Cavel, 8
Tel. 70 69 74 5	Tel. 83 46 58 83 14 16	Tel. 84 88 64 5
(Benfica)	(A. Chie)	(A. Chie)

INSCRIÇÕES ABERTAS
ANO LECTIVO 1981/82

Na rota do urânio português

Rios, minas e populações que riscos correm?

Aconteceu num fim-de-semana: rodeado de enorme aparato policial, um camião entrou nas instalações da ENU, na Urgeirica, carregou bidões de urânio e partiu.

O destino da encomenda era o Iraque.

Os trabalhadores souberam do sucedido na segunda-feira seguinte, quando retomaram o trabalho.

Para António Minhoto, membro da comissão de trabalhadores, tratou-se de uma «manobra de intimidação sobre os operários».

Mas esta razão servirá para justificar todo o secretismo que habitualmente rodeia estas operações e, de um modo geral, o tema urânio?

Há interesse em que se fale o menos possível do assunto.

É certo que não existem em Portugal grupos de ecologistas particularmente activos e sensibilizados para a contestação da extracção dos minérios. Quanto a isso, os «homens do urânio» pouco têm a recear.

Pouco a pergunta fica no ar: que razões políticas de fundo aconselharão esta espectacular «clandestinidade», que acabará por dar lugar, mais cedo ou mais tarde, a especulações?

Neste país de «brandos costumes», em que poucos saberão sequer que existe exploração de urânio, tantas precauções afiguram-se sem muito sentido.

«Isso é com os médicos»

Tantos cuidados não existem, contudo, no que se refere ao trabalho de mina propriamente dito.

A falta de informação entre os mineiros quanto aos perigos decorrentes da extracção de urânio, é total.

Esta situação, porém, não parece levantar problemas particulares à administração da empresa, nem aos organismos oficiais competentes, sempre predispostos a minimizarem os riscos do contacto diário com materiais radioactivos.

Os mineiros da Bica, na freguesia da Sortelha (concelho do Sabugal), revelaram-nos que são submetidos a exames médicos anuais na Guarda, a expensas da empresa.

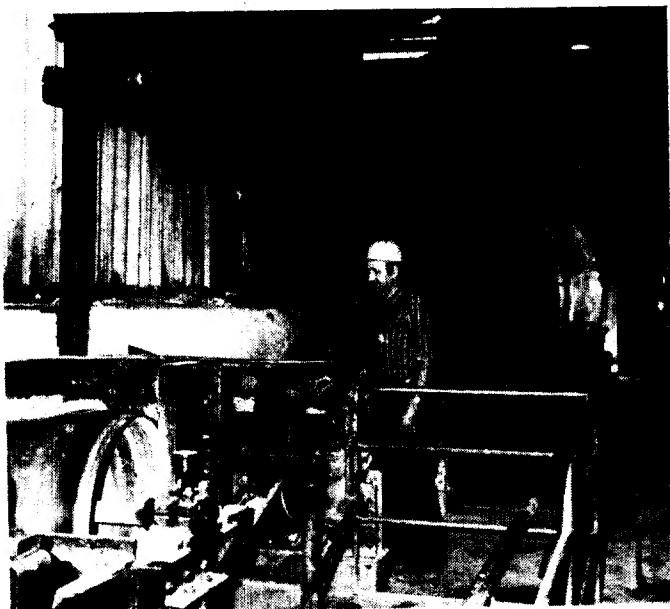
Além de exercícios com pesos e «sopro para o balão» (no dizer de um mineiro), efectuam análises ao sangue e «raio X» no hospital distrital daquela cidade.

Os resultados, porém, nunca lhes são comunicados.

«Os problemas da silicose, do reumatismo e da asma», afirma António Minhoto, «ultrapassam-nos. Nós lutamos para que haja mais segurança nas minas e melhores condições de trabalho. Mas não podemos analisar a situação física dos trabalhadores. Isso é com os médicos.»

Radão é perigoso

Para além dos danos causados às actividades agrícolas e



Urgeirica: este operário sabe os perigos que corre?

problemas decorrentes do lançamento de poluição radioactiva nos cursos de água, há a grave questão das poeiras e gases — o radão — que se soltam em cada fase do trabalho: no fundo das galerias, durante o transporte do minério e no tratamento.

Os primeiros afectados são, naturalmente, os próprios mineiros.

Para combater a silicose, injecta-se normalmente água nas galerias, regando permanente-

mente os locais de extracção.

Mas as emanações de radão, provenientes das rochas que partem, são muito mais perniciosas.

«Não temos informação sobre isso», declaram-nos os trabalhadores. António Minhoto, por seu turno, acrescenta que «o lugar onde há mais radiações é no secamento, onde o minério já vem quase puro».

No bairro operário da Urgei-

rica, todos conhecem os casos de «velhos» mineiros que, pouco depois de reformados — presentemente o limite é de 50 anos de idade e 20 de mina — «abafam e morrem».

Mas, como era de prever, não existem quaisquer estatísticas disponíveis sobre o assunto. Noutros países, caso dos Estados Unidos, as estatísticas sobre mortes por cancro nos pulmões revelam elevadas percentagens entre os mineiros do urânio, e hoje toda a gente está de acordo em considerar o radão como um gás perigoso.

E entre nós, também será assim?

De que morrem os mineiros?

Os mineiros e operários da estação de tratamento são obrigados a usar dosímetros, que permitem aos serviços médicos medir regularmente as doses de radiações recebidas.

Os trabalhadores pouca importância ligam a estas medidas. Muitos nem sequer as cumprem.

Por outro lado, os habitantes das regiões circundantes não são submetidos a idêntico controlo. E, quanto aos condutores dos camiões que transportam os minérios ricos para a estação de tratamento da Urgeirica, não conseguimos apurar se estão igualmente submetidos a vigilância médica.

O delegado de saúde do Sa-

bugal declarar-nos-ia não possuir elementos sobre a ocorrência de cancros pulmonares na área da sua jurisdição, onde existem em laboração numerosas minas de urânio.

Por outro lado, as certidões de óbito relativas a antigos mineiros residentes no concelho, apontam sobretudo para elevadas percentagens de morte por aterosclerose, o que, de qualquer modo, tem a ver com um trabalho prolongado em minas, sujeito a condições deficientes — ou inexistentes — de segurança e protecção.

Sabe-se hoje alguma coisa sobre as explorações de urânio: o número de toneladas de óxidos que produzem, quantos milhões podem dar a ganhar a um país, o número de postos de trabalho que geram, os investimentos que exigem.

Mas estamos ainda muito longe de saber os riscos que fazem correr a longo prazo, aos locais de exploração, aos rios, às populações, aos mineiros.

No entanto, este é um assunto que diz respeito a todos. Por isso, todos temos também o direito de exigir que os responsáveis abandonem o silêncio comprometedor a que têm estado ao longo dos anos e façam, de vez, o balanço das vantagens, custos e riscos que a exploração de urânio implica para o nosso país.

Carlos Pessoa



EMPRESA DE PROMOÇÃO DE VENDAS

DEPOIS DOS ÉXITOS ALCANÇADOS EM TODAS AS SUAS PROMOÇÕES

CARNET JJ-CICLO TV COR

Compre um Televisor a cores... dispondo apenas de 5.500\$00!

Vá de férias num Mini com um atrelado tenda XARPA vendo televisão a cores num DECCA

Inscriva-se imediatamente seguindo as condições estabelecidas:

- 1.º — Envie através de Vale Postal Nacional para o Apartado 4069 - 1506 Lisboa Codex a importância de 500\$00 referente ao seu "sinal de compra".
a) Só serão consideradas as inscrições efectuadas até ao dia 5 de Novembro de 1981.
- 2.º — Preencha e recorte, um dos boletins duplos "inscrição - sinal de compra", publicados diariamente de 24 de Outubro a 1 de Novembro de 1981 nos principais jornais de Lisboa e Porto.
- 3.º — Cole o referido boletim num postal dos CTT e remeta-o para "JJ Empresa de Promoção de Vendas — Trav. do Rosário, 16-2.º-D 1200 Lisboa.
- 4.º — A orgânica geral desta campanha é publicada no jornal Correio da Manhã nos dias 24 e 25 de Outubro e 1 de Novembro.

9

Boletim de Inscrição Sinal de Compra n.º

C. Postal

Venho informar que em _____ enviei para o Apartado 4069 - 1506 Lisboa Codex, através do Vale Postal Nacional, com o n.º de emissão: _____, a quantia de 500\$00 (Quinhentos Escudos) referente ao sinal de compra de um receptor de televisão a cores c/écran de 51 cm..

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Telefone: _____

Idade: _____ anos, nascido a _____ estado civil: _____

profissão: _____ nome e morada da entidade onde presta serviço: _____

Tem filhos? _____ Quantos? _____ mencione a idade de cada filho seguida da letra M ou F, conforme o seu sexo seja: Masculino ou Feminino. _____

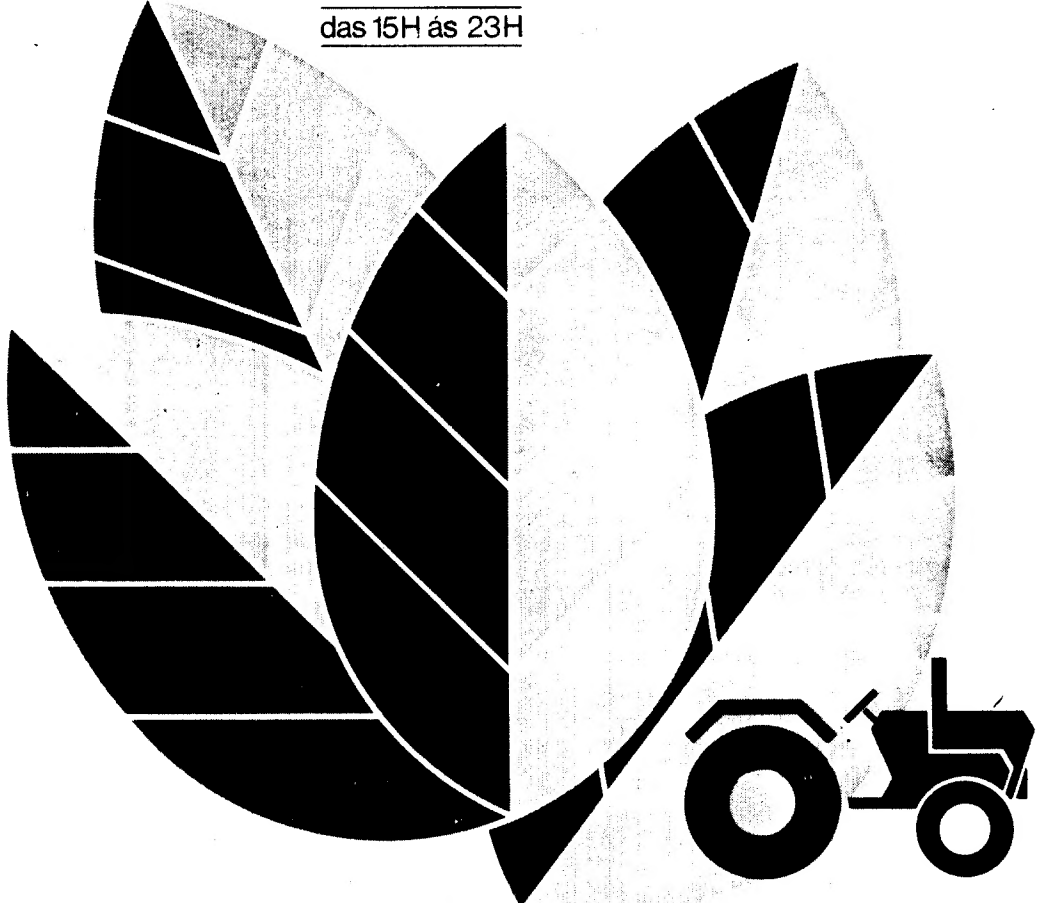


SALÃO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA
INTERNATIONAL AGRICULTURAL EXHIBITION

30 out./8 nov./81

feira internacional de lisboa
associação industrial portuguesa
lisboa-portugal

das 15H às 23H



ensino

Provas de admissão ao ISEL contestadas pelos alunos

Os estudantes do Instituto Superior de Educação Física decidiram promover o debate a vários níveis, incluindo o público, das provas de admissão àquele estabelecimento de ensino, no presente ano lectivo.

A decisão foi tomada em reunião geral de alunos no passado dia 23, tendo as provas de admissão, da responsabilidade da comissão instaladora do ISEF, chegado ao conhecimento dos alunos no passado dia 14.

Afirma a direcção da Associação de Estudantes do ISEF que «a CI impõe exames que fazem lembrar a admissão ao INEF no período em que este se encontrava ligado às instituições militares ou paramilitares». Segue-se, no comunicado, a descrição das referidas provas: 1 - provas obrigatórias para todos os candidatos, a ginástica, atletismo, natação e a um desporto colectivo; 2 - para serem aprovados têm que ficar aptos em três das 4 provas; 3 - ginástica - sequência de exercícios obrigatórios em 4 aparelhos; masc.: solo, salto de cavalo, paralelas e barra fixa; fem.: solo, salto de cavalo, assimétricas ou bola e trave ou corda; 4 - atletismo, marcas mínimas num lançamento e num salto e tempo máximo dos 100 metros; 5 - natação, tempo máximo nos 100 metros obrigatoriamente nadados em três técnicas regulamentares; desporto colectivo - provas semelhantes ao último ano, com opção entre futebol, rãguebi, andebol, voleibol e basquetebol.

Quais são os critérios da CI? - pergunta a DAE. «O que é que esta pretende com isto? Que só entrem os jovens altos, bem constituídos, musculados, de saúde férrea, bem alimentados desde criancinhas, com os clubes e instalações desportivas ao

virar da esquina? Que só entrem os jovens de «boas famílias», dos grandes centros urbanos, dum meio social e económico com acesso ao esclarecimento cultural?» (...) «Que ligação terão estas provas com a enorme necessidade de se formarem professores e técnicos qualificados em educação física no nosso País?»

Outras perguntas faz a DAE, nomeadamente, se não estarão os responsáveis pela estrutura da globalidade das provas, «completamente alheados do que é a realidade escolar e da educação física no nosso País?»

Os estudantes contestam ainda o método como foram elaborados e como apareceram os exames. As provas foram elaboradas, dizem, sem conhecimento dos estudantes e sem qualquer informação aos professores acerca das intenções e objectivos da sua estrutura. «Isto só é possível», sublinham os estudantes, «porque continuamos a ter à frente do ISEF pessoas e estruturas sem legitimidade democrática para o dirigir. Porque não existem mecanismos de controlo de professores e estudantes sobre a acção dos órgãos decisórios - Comissão Instaladora e Conselho Científico. Porque não existe gestão democrática no ISEF.»

A Reunião Geral de Alunos decidiu, além do debate das provas, mandar a Direcção da Associação dos Estudantes para contactar os Sindicatos dos Professores no sentido de alargar a discussão aos professores de educação física; pedir uma entrevista ao MEU para expor o problema; analisar em conjunto com as Comissões do Ano, o evoluir da situação, convocando uma nova RGA para decidir as formas de continuação da luta.

Intervenção na AR sobre o ensino no Alentejo

O deputado Trindade Reis (PS) falou ontem no Parlamento dos graves problemas que afectam os professores primários e de forma especial os que procuram o primeiro emprego.

Disse que muitos dos «sonhos de fecundo trabalho pedagógico, criados e alimentados na Escola do Magistério, morrem logo à nascença, no contacto com a realidade que os opera».

«Começa o ano lectivo, ou antes deveria ter começado, e o rol das carências e insuficiências de um sistema de ensino sem rumo apareceu à luz do dia» - afirmou.

Disse que quem passar agora pela direcção escolar de Beja poderá sentir o drama que é o preenchimento de 123 vagas de professores primários existentes no distrito.

«São verdadeiras levas de professores primários que, sujeitos a um concurso nacional. Chegaram dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto» - prosseguiu.

«É o conelho de Odemira, o maior do País, onde três quartos da população vive num terço da área que irpa receber o maior número destes mestres escola», continuou o deputado (e padre) Trindade Reis.

Das vagas a concurso no distrito, 50 por cento situam-se neste vasto conelho, onde, por outro lado, 70 dos 78 edifícios escolares se encontram perdidos na serra ou na Charneca,

«isolados de tudo e de todos» - explicou ainda.

Destas escolas, apenas 10 por cento têm, num raio de cinco quilómetros, um telefone. Correio não há. A sorte é o transístor - disse ainda descrevendo a situação.

«De habitação nem se fala, pois as populações são pobres como a terra e vivem em casa de terra batida, com duas divisões.»

«No ano lectivo transacto, um professor dormiu sempre num saco-cama sobre o estrado da sala de aula» - anunciou o deputado Trindade Reis ao Parlamento.

Quanto às crianças, caminham a pé, «por serra e vale, à chuva ou ao vento, em carreiro de cabras, percursos de 20 minutos e mais para chegarem à escola» - explicou ainda.

«São em geral entre seis e oito os que constituem uma turma, o que é um incentivo à inovação pedagógica»

As crianças são a única companhia da professora e por isso as demora na escola mais do que o pedagogicamente aconselhado. «Saem as crianças e a professora barrica-se na escola»

«Surge a praga das «baixas», não havendo dia em que na delegação escolar não entrem atestados e turmas há, com cinco professores, que não têm aulas. Pois estão todos com «baixa» não por fuga ao trabalho, mas por não terem nervos para aguentar mais»

Desbaratização, desratização e desinfestação

Há duas firmas que pretendem tratar da «saúde» aos HCL

Há duas empresas interessadas na desbaratização, desratização e desinfestação, no próximo ano, das instalações dos sete estabelecimentos que fazem parte dos Hospitais Cívicos de Lisboa, apurou esta manhã o «DL» junto do Serviço de aquisições dos HCL, ao Campo dos Mártires da Pátria.

No momento em que técnicos e especialistas europeus portugueses se preocupam com a

prevenção hospitalar, cujos cuidados a tomar desde a limpeza da cozinha à lavandaria ao próprio número de visitas diárias (há uma proposta para reduzir os seus limites), foram há dias ressaltados em seminário, é importante que ao concurso aberto em 6 do corrente para a limpeza, higienização, asseio e salvaguarda dos Hospitais Cívicos de Lisboa se candidate duas firmas do ramo

A que vier de acordo com a decisão da comissão de escolha a nomear pela Comissão Administrativa dos HCL, a

responsabilizar-se pelo serviço, terá que cumprir o caderno de encargos que todos os anos os Hospitais Cívicos de Lisboa apresentam. Nele consta a obrigatoriedade de uma vistoria mensal a todos os estabelecimentos e desinfestação de

quaisquer vestígios de insectos ou ratos, para além dos cuidados preventivos rotineiros e periódicos.

O ano passado os HCL dispenderam 328 mil escudos com a desbaratização, desratização e desinfestação dos seus sete estabelecimentos, montante esse que este ano poderá ser superior. Tudo depende da proposta a aceitar, cada qual com montantes póprio.

Quando é que a ordem reconhece a geriatria?

O despertar de novos médicos para a especialidade de geriatria, bem como a criação de estruturas adequadas ao tratamento de idosos, constituíram aspectos em foco no II Congresso Português que decorreu em Lisboa e que teve larga participação de interessados.

O presidente do Congresso, e da Sociedade Portuguesa de Geriatria (promotora do encon-

tro), José Reis Junior, congratulou-se pelo «crescente desenvolvimento dos trabalhos apresentados», comparativamente ao realizado o ano passado, nomeadamente os relativos às doenças cerebrovasculares, aparelho digestivo, tensão arterial e inserção do idoso no ambiente familiar.

Em declarações prestadas à ANOP, José Junior disse que em

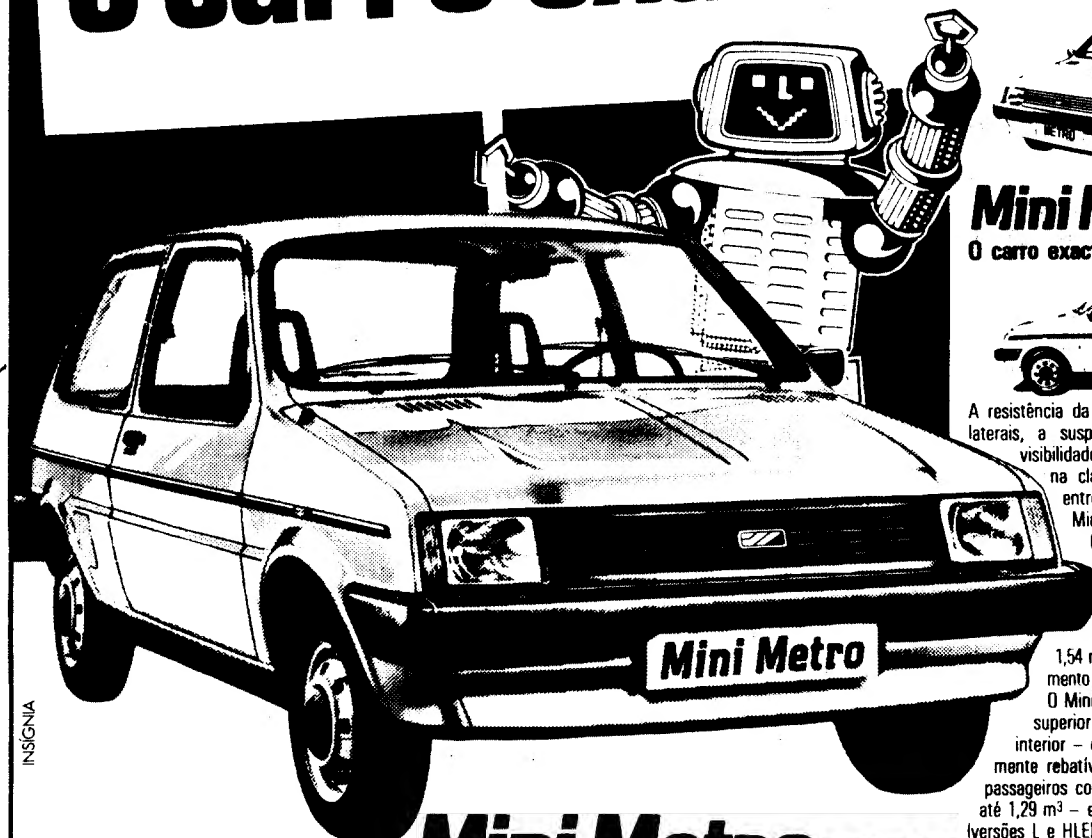
Portugal não existem nem hospitais de geriatria e gerontologia, (especialidade que se dedica ao tratamento e apoio da terceira idade) ou quaisquer outros serviços especializados em hospitais gerais. Por outro lado - acrescentou - o interesse pela investigação centra-se em Portugal em pouco mais de 60 médicos, apesar da Sociedade Por-

tuguesa de Geriatria se ter fundado em 1950 - disse.

A necessidade de serem ainda ministrados ensinamentos ao longo dos cursos de Medicina, conhecimentos que em Portugal se têm prestado apenas em cursos isolados de pós-graduação, foi frisada por José Reis Junior, que alertou também para a formação de pessoal paramédico.

Mini Metro

o carro exacto



Mini Metro

O carro exacto na concepção e fabrico

O Mini Metro corresponde a objectivos nunca anteriormente impostos, para a sua categoria, por qualquer fabricante.

O Mini Metro resulta dum processo de montagem completamente computadorizada. Os «robots» que fazem o Mini Metro não falham!

E a inspecção de qualidade, também computadorizada, assegura o respeito por normas precisas.



Mini Metro

O carro exacto na economia

Extremamente económico em qualquer versão, com o modelo HLE o Mini Metro já conseguiu 4,5 l aos 100 kms (22,22 kms por litro), devido, entre outros motivos, ao excepcional coeficiente de resistência ao ar na classe - 0,41.

Na manutenção, o Mini Metro requer apenas uma revisão anual ou de 20.000 em 20.000 kms.



Mini Metro

O carro exacto na condução



A resistência da carroçaria a embates frontais e laterais, a suspensão exclusiva «Hydragas», a visibilidade horizontal de 88%, inigualada na classe, a excelente direcção são, entre outros, factores que fizeram do Mini Metro o primeiro carro pequeno (pequeno?) vencedor do troféu internacional de segurança DON.

O Mini Metro tem uma inultrapassada relação de dimensões exteriores (3,4 m de comprimento, 1,54 m de largura) e interiores (compartimento para passageiros de 2,07 m³).

O Mini Metro oferece uma versatilidade superior no aproveitamento do espaço interior - com o banco traseiro assimetricamente rebatível, permitindo transportar 2 a 3 passageiros com maior ou menor bagagem - até 1,29 m³ - em qualquer dos modelos - 1000 (versões L e HLE) e 1300 S.

O equipamento do Mini Metro é capaz de enfrentar qualquer comparação. Nenhum carro foi mais testado pelo próprio fabricante do que o Mini Metro. Mas para nós o mais importante é a sua opinião.

O Mini Metro está ao dispor da sua admiração nos concessionários British Leyland de Portugal.



British Leyland de Portugal

Concessionários em todo o País

Vontade de futuro.



FABRICADO NA GRÃ-BRETANHA

de ontem para hoje

Pela defesa
do "cannabis"

Centenas de jovens participaram ontem à noite na Faculdade de Letras de Lisboa, na primeira sessão pública realizada em Portugal a favor da descriminalização do haxixe e da marijuana. A sessão, promovida pela «Iniciativa Pró-Descriminalização do Cannabis» (IPDC) e a Juventude Autónoma Revolucionária (JAR) abriu com um breve debate e acabou com a actuação de Jorge Palma e outros cantores «partidários da mesma causa». Como se definiram. Durante o debate, um dos elementos do IPDC afirmou que nalguns países o consumo do cannabis (haxixe e marijuana) é tolerado, enquanto «em Portugal há todos os anos cerca de mil pessoas penalizadas por isso».

**General Lopes Alves:
licenças militares
poderão ser abolidas**



desde há uma semana na Cidade da Praia e a sua tripulação aguardou em liberdade, sem quaisquer restrições, a decisão do tribunal. A multa aplicada corresponde à penalidade mínima prevista: 1500 escudos por tonelada de arqueação.

**De pratas a máquinas
de calcular:
três jovens detidos
por furto**

A Polícia Judiciária anunciou ontem, a prisão do presumível autor do furto de objectos em prata no valor de mil e duzentos contos ocorrido numa residência de Lisboa em Dezembro do ano passado. O detido chama-se Ramos e tem 20 anos. A PJ revelou ainda terem sido presos mais dois indivíduos de apelidos Barros, de 18 anos, e Brites de 25, alegados autores do furto de máquinas de calcular e de escrever no valor de duzentos contos, tendo sido recuperadas algumas delas. A PJ prossegue as diligências no sentido de identificar os outros co-autores e apreender o restante produto do roubo.

**Em estado
de imundície:
matadouro
clandestino
em Cais dos Povos**



Alertada por uma denúncia telefónica, sobre a existência de um matadouro clandestino em Cais dos Povos no concelho de Vila Franca de Xira, a Direcção-Geral de Fiscalização Económica encontrou num barracão de um comerciante, com banca de venda de caprinos e ovinos no mercado daquela vila, uma carcaca completa de ovelha, 44 «mãozinhas», despojos diversos, 22 peles de cabra e uma ovelha, para além de dois frascos de plástico, vazios, que haviam contido tinta especial para marcação de carnes e um pincel. Examinadas as carcaças e as «mãozinhas», pelo veterinário municipal foi tudo considerado impróprio para consumo e, necessariamente inutilizado. «Para esta rejeição, se outros motivos não existissem, bastaria o estado de imundície em que as instalações se encontravam», salientou aquele médico veterinário.

**«Flor Holandesa»:
pesqueiro português
multado
em Cabo Verde**

O pesqueiro português «Flor Holandesa», pertencente à Cooperativa de Pesca Artesanal do Cabedelo (Viana do Castelo), foi ontem multado em 150 contos por pescar ilegalmente em águas cabo-verdianas. O barco está

Quando a PSP faz "Poder Local"

Vereador de Ilhavo em tribunal
por "desobediência à autoridade"

«Assim se compreende por que o Governo quer as polícias sob a sua alçada» — dizia o vereador Senos da Fonseca, da Câmara de Ilhavo, eleito por voto popular, pouco antes de ser arrastado para fora da respectiva sala de reuniões por vários agentes da PSP da esquadra local.

A força policial fora chamada pouco antes pelo presidente da Câmara, José Bilelo, homem do PSD, que já tomara idêntica decisão na semana passada, também em reunião da vereação. A actuação da PSP/presidente da Câmara pareceu, desta vez, ter sido revestida de maiores cuidados.

E assim um vereador cuja perda de mandato foi determinada por um antigo capitão da pesca do bacalhau foi acabar o seu dia respondendo às perguntas de um juiz em Aveiro. A acusação, ao que conseguimos apurar, é a de «desobediência à autoridade».

O caso não ficou ontem resolvido, no que se refere ao tribunal que está a julgar Senos da Fonseca. Tanto a acusação, a cargo do Ministério Público, como a defesa, entregue ao dr. Carlos Candal, não prescindiram da

possibilidade de recurso. Por isso, o julgamento prosseguirá na segunda-feira às 15 horas.

O que certamente não ficará por aqui é o diferendo que se arrasta na Câmara de Ilhavo, onde um presidente continua a arrogar-se o direito de declarar a perda de mandato de um vereador eleito.

E, por outro lado, o único vereador da APU, protestando embora contra tudo o que se passa perante os seus olhos, chamando-lhe indignidade com palavras suas, tem de manter-se em funções para não impedir o funcionamento da Câmara e provocar, por tabela, o agravamento dos enormes problemas que já ali se verificam.

A actuação da PSP é que também não pode ficar por relatar. Chamada a actuar por um presidente da Câmara (e a legislação actual retirou-lhe a autoridade policial) entra numa sala de sessões municipal pela porta oficial e não define em que situação pretende que o vereador abandone o lugar a que tem direito por sufrágio popular.

Ou seja, quando o vereador foi arrastado para uma sala próxima, acabando por lhe provocar

ferimentos, o responsável da PSP de Ilhavo «esqueceu-se» de lhe dar voz de detenção, de prisão, ou qualquer outra coisa que fosse. Para o agente que se diz da ordem, a questão parecia pôr-se em termos de simples dicotomia: ou sai daí a bem ou a mal.

Por isso, a questão, uma delas, que se porá na segunda-feira, será a do direito que um cidadão tem de se recusar a cumprir uma ordem ilegítima.

Problema que, aliás, também se vem pondo quanto à perda de mandato do vereador do PS, decidida unilateralmente pelo capitão José Bilelo, actual presidente que se habilitou durante anos a dar ordens da ponte de comando de bacalhoeiros.

Dessa decisão, Senos da Fonseca apresentou recurso no tribunal competente. Só que a decisão demorará meses na melhor das hipóteses e anos com certeza absoluta.

Não nos cabe, pois, a nós, determinar se um presidente municipal tem poder para cassar um mandante de um vereador eleito. Assinalamos que a opinião geral de juristas abalizados (incluindo o actual governador civil de

Aveiro, do PSD, num momento em que se encontrava «à paisana») é de que o não pode fazer.

Tudo somado, porém, permitindo-nos calcular que se a lei tem tamanho buraco, o Poder Local, poderá vir a tornar-se uma enorme paródia se os presidentes de Câmaras onde haja maiorias absolutas, ou coligações apropriadas, começarem a determinar sistematicamente «perdas de mandato» aos seus adversários políticos.

E o que diria a AD se isso viesse a acontecer-lhe?

Rogério Vidigal

PS — Num intervalo da sessão procurámos ouvir algumas declarações do sr. José Bilelo. A resposta foi um discurso balofo sobre portuguesismo, defesa da pátria, e quejandos. Com o remate de que os jornalistas são uns mentirosos, uns aldrabões, etc. e tal. Por isso, o homem recusou-se a dizer-nos fosse o que fosse, naquela ou noutra circunstância. Registamos.

RV

Distrito pede dissolução

Cesar: uma freguesia "orgulhosamente só"

A dissolução da Junta de Freguesia de Cesar, concelho de Oliveira de Azeméis, foi recomendada na sexta-feira ao Ministério da Administração Interna pela Assembleia Distrital de Aveiro.

A Assembleia Distrital que reuniu na Mealhada, deu como provadas irregularidades graves cometidas por aquela autarquia e constantes dos termos de um inquérito administrativo.

O inquérito, ordenado pelo governador civil de Aveiro, revela que a Junta de Cesar destruiu estruturas urbanísticas subsidiadas pela Câmara de Oliveira de Azeméis.

Opondo-se à ocupação do topo norte do largo da feira de Cesar por um parque de diversões infantis, que fora aprovado pela Assembleia da Freguesia, a Junta desmantelou um espelho de água, bancos e outras obras aí realizadas.

Em fase subsequente, mandou arrancar estacas com que a Câmara de Oliveira de Azeméis demarcara o terreno, que é seu património, onde está a proceder à reconstrução do parque infantil.

O inqueridor também que a conduta da Junta de Freguesia de Cesar com os restantes or-

gãos autárquicos do concelho e distrito tem sido de permanente confrontação.

Recentemente, os dois vogais que o acompanham na Junta pediram a exoneração na mira, segundo Raimundo Rodrigues, «de reocuparem os seus lugares na Assembleia da Freguesia para perfararem, nesse órgão, a maioria capaz de fazer prevalecer a condenação da obra decidida pela Câmara». Justino Rocha, confirmaria aliás esta interpretação.

«Estou agora orgulhosamente só, e algo arrependido da destruição feita, mas lutando para

que o parque, a ir por diante, sofra pelo menos algumas alterações» — disse o autarca.

Referiu, também, «estar criado um cisma na freguesia de César onde a população o acompanha na contestação do parque, cujas obras estão prosseguindo, agora numa fase de maior acalmia».

Sobre essa contestação popular o presidente da Câmara de Oliveira de Azeméis observou, na reunião da Assembleia Distrital que a freguesia de Cesar contava cerca de três mil habitantes, dos quais apenas sete ou oito dezenas se têm mostrado activos na oposição às obras.

Estão feitos mas não podem abrir

Leis contra abertura
de postos médicos em Soure

Os Serviços Médico-Sociais não podem apoiar, de imediato, o funcionamento de novos postos médicos, por falta de suporte legal, segundo um responsável da delegação de Coimbra desses serviços.

A fonte confirmou ter alertado

a Câmara Municipal de Soure no distrito de Coimbra, para a impossibilidade da abertura, que a câmara pretendia fazer no princípio de Novembro, de dois desses postos, nas aldeias de Cotas e Sabugueiro, daquele concelho.

O presidente da edilidade

afirmou por seu turno ter ficado perplexo e considerou que os habitantes dessas aldeias, que ajudaram a construir os postos «não vão ficar satisfeitos».

Leal Cordeiro acrescentou ter sido o secretário de Estado da Saúde, Paulo Mendo, quem há

cerca de um ano o encorajou a prosseguir a dinâmica do lançamento de postos médicos no concelho de Soure.

O autarca referiu que a Câmara de Soure tinha criado de raiz e mobilado cinco postos, e comprado uma viatura para transporte dos médicos «gastando nisso milhões de escudos».

«Assumimos compromissos que não podemos honrar» — disse Leal Cordeiro.

As restrições ao lançamento de novos postos médicos «são desmobilizadoras e vão afectar o plano que havia de construir mais dez postos a curto prazo» — referiu ainda o presidente da Câmara de Soure.

**Hospital de Gouveia:
carências em debate**

Carências do hospital conceelhio de Gouveia vão ser debatidas nesta vila no dia 7 de Novembro, em reunião conjunta entre a Câmara Municipal de Gouveia e a Comissão Instaladora do referido hospital.

Na reunião prevê-se ainda a participação do presidente da Comissão Inter-Hospitalar de Coimbra, Costa Falema.

Preto no branco

Espinho e Póvoa
vão ter jogos de azar

Nandim de Carvalho pôs o preto no branco ontem no Porto: de uma assentada homologou a apostilha aos contratos de concessão de fortuna ou azar das zonas de Espinho e da Póvoa de Varzim. Esta apostilha aos contratos celebrados há quatro anos com a Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde (Solverde) e a Sociedade Póvoa de Empreendimentos Turísticos (Sopete), permite a passagem destas zonas de jogo de temporárias a permanentes.

Além do secretário de Estado assinaram o acordo o presidente do Conselho de Inspeção de

Jogos, António Ferreira, Edgar Alves Ferreira, da Solverde, e António Arriscado Amorim, da Sopete. Nandim de Carvalho salientou o interesse público das empresas de jogos e acrescentou que, como «pólos de desenvolvimento regional do País, devem orientar-se para investimentos que beneficiem os concelhos limítrofes no sector do turismo».

O secretário de Estado destacou, por outro lado, a importância do Conselho de Inspeção de Jogos na execução de estudos para o sector e na penalização dos jogos ilícitos. Em nome da

Sopete, António Arriscado Amorim revelou que esta empresa vai aplicar 1,5 mil milhões de escudos em infra-estruturas nos campos da hotelaria e da construção civil, nomeadamente na construção de 51 habitações sociais. Na Sopete, constituída por 500 accionistas, trabalham 3500 empregados.

A Solverde prevê investimentos da ordem dos dois biliões de escudos em várias obras, entre as quais um complexo hoteleiro (em construção), uma piscina coberta em fase de acabamento, e o projecto de construção de um casino.

Apenas o princípio de um "caso"?

Homem da CAISPA condenado a dez anos de prisão por burla

Manuel José Nunes, o responsável pela recente tentativa de constituição de uma sociedade de investimentos denominada CAISPA e antigo funcionário do Banco Português do Atlântico (BPA), foi ontem condenado no primeiro juízo criminal da Boa Hora, em Lisboa, a 10 anos de prisão maior, com um ano de perdão.

Manuel Nunes recolheu imediatamente à cadeia, já que o tribunal presidido pelo juiz Gonçalves Costa, não autorizou a sua saída em liberdade provisória enquanto aguarda julgamento do recurso da sentença, ontem mesmo interposto pelo seu advogado, o conhecido e discutido dr. Guerra Madaleno.

A pesada pena aplicada ao administrador indigitado da CAISPA culminou um segundo julgamento iniciado em Março deste ano, a seu pedido, com o argumento da existência de factos novos em relação ao julgamento que tinha levado à sua condenação a nove anos de prisão em Março de 1978 por abuso de confiança contra o BPA. O tribunal colectivo que ontem condenou Manuel Nunes agravou-lhe a pena em mais um ano, e deu como provado não o crime de **abuso de confiança** de que ia acusado, mas o crime de **burla por defraudação** no montante de 18 mil oitocentos e setenta e um contos, duzentos e sessenta e oito escudos e 60 centavos, cometido contra o

BPA entre Dezembro de 74 e Maio de 75.

O longo acórdão, lido durante mais de quarenta minutos pelo juiz presidente, descreve em pormenor a técnica utilizada pelo réu para concretizar o desvio de tão avultadas somas. Assim, durante o período de tempo referido, e usando dos conhecimentos da prática bancária adquiridas ao longo dos 14 anos em que desempenhou funções relacionadas com os serviços de tesouraria e letras (na delegação do BPA na Rua do Ouro) procedeu ao lançamento a crédito nas contas de sua mulher e da sociedade de Comissões e Representações Nunes, Pinto & Cia. Lda., de que era co-proprietário de numerosos cheques de clientes do banco destinados ao pagamento de letras. O total das operações fraudulentas assim efectuadas ascende a cerca de 18 mil contos. Contudo, e para lá de mais quase seiscientos contos de que se apropriou por outras vias em prejuízo do BPA, o juiz presidente considerou no final do julgamento que as burlas do réu poderiam ter ultrapassado em muito os 18 871 contos que foram dados como provados. O BPA, por seu lado, acusava o réu de se ter apropriado ilegalmente de cerca de 27 mil contos.

O tribunal condenou igualmente o réu ao pagamento de uma indemnização de 30 mil contos ao banco lesado.

Liberdade provisória negada

O pedido de libertação provisória apresentado por Guerra Madaleno em proveito do seu cliente (até que fosse lida a sentença de recurso que logo interpostos) teve a resposta negativa do tribunal, atendendo à gravidade da pena pronunciada e ao facto de que o réu já anteriormente se mantivera em parte incerta durante um longo período pelo que é «seriamente de recear que se, colocado em liberdade provisória, procure pôr-se em fuga».

Assim, decidiu que o réu guarde em prisão preventiva os termos ulteriores do processo.

Ameaças de bomba

No início da sessão, Manuel Nunes pediu ao tribunal que proibisse aos repórteres fotográficos na sala de audiências de lhe fazerem fotografias. Interrogado pelo juiz da razão do seu pedido, já que ainda há dias tinha aparecido fotografado durante uma entrevista na primeira página de um matutino, respondeu pouco à vontade e hesitante que depois disso tinha recebido ameaças de atentados à bomba. Perante a natureza desse argumento, o juiz não pôs qualquer impedimento à actividade normal dos repórteres.

Muitas dúvidas

Perante o julgamento ontem efectuado levantam-se algumas

dúvidas relacionadas com as razões que terão movido Manuel Nunes a apresentar-se à justiça, pedindo a repetição de um julgamento em que já tinha sido condenado à revelia a nove anos de prisão. Desde o momento em que se apresentou aguardou a conclusão deste segundo julgamento em liberdade provisória depois de ter prestado uma caução de 100 contos.

Entretanto, e como é do conhecimento público lançou-se numa operação que deveria levar à transformação da sociedade de representações Nunes e Pinto (que dirigia e se dedicava entre outras coisas a negócios imobiliários), numa sociedade de investimentos que teria o nome de CAISPA. Essa sociedade, que seria dotada de um capital de 31 milhões de contos, em tudo duvidosa, ao ponto da Secretaria de Estado do Tesouro ter indeferido a autorização para a sua constituição e ter alertado o Ministério da Justiça para eventuais irregularidades cometidas em relação com a sua criação, havia sido posta em causa no princípio da semana pela Coordenadora das Comissões de Trabalhadores dos bancos. Recordou-se que anúncios recentemente publicados na imprensa por essa sociedade ainda não oficialmente constituída propunham numerosos postos de trabalho aos bancários interessados, exigindo-lhes contudo a prestação de elevadas cauções.

Por outro lado pediam-se também propostas de fornecimento de importantes quantidades de material de escritório e de terminais de computadores, assim como de viaturas e de instalações para a sede e cerca de 300 delegações concelhias da dita CAISPA, legalmente ainda inexistente.

Entretanto, o principal (ou pelo menos o que se apresentou como tal) responsável pelo lançamento dessa sociedade aguardava a condenação quase certa, e que ontem se verificou, por autoria de uma enorme burla cometida contra um banco em que havia trabalhado. Ao mesmo tempo, dizia que tinha o apoio de companhias de seguros (nacionalizadas, naturalmente) e de municípios dominados por partidos tanto de esquerda como de direita.

Finalmente, aparecia em tribunal defendido por um advogado que tem sido frequentemente referenciado na imprensa como implicado em negócios imobiliários, e não só, que têm originado muitas acusações e já provocaram diversas queixas em tribunal. O último caso noticiado relaciona-se aliás com uma possível fraude ligada à importação de equipamentos industriais.

Perante tudo isto, não é ilícito perguntar, Manuel José Nunes será apenas a parte visível de um qualquer iceberg? Tratar-se-á apenas de um vulgar caso de burla e de um burlão com tendências megalómanas?

Monopólio dos petróleos

Portugal reconheceu durante as negociações para a adesão à CEE, que o monopólio de Estado na comercialização de quatro produtos petrolíferos é contrário às regras comunitárias — soube ontem a ANOP num despartamento do ministro da Indústria.

No Gabinete para a Integração Europeia do Ministério da Indústria, Energia e Exportação já funciona um grupo de trabalho encarregado de estudar a liberalização do comércio de gasolina, gásóleo, fuelóleo e querosene.

O regime português de distribuição de produtos petrolíferos data de 1937 e é quase uma cópia da legislação francesa de 1928. Os franceses tiveram dificuldades para compatibilizar a sua estrutura de comércio com as exigências comunitárias o que só veio a acontecer em 1979.

Contudo, muitas situações de monopólio continuam a existir de facto, mais de vinte anos depois da criação da CEE e 13 anos depois do fim do período de transição estabelecido pelos seis países fundadores para o estabelecimento da União Aduaneira entre os Estados membros.

Será que o Governo português vai aceitar que lhe imponham a concretização imediatamente após uma eventual adesão à CEE, de princípios que aqueles que já lá estão há mais de vinte anos ainda não puseram em vigor, ou só o fizeram recentemente? Ou será que para o Governo português o argumento das imposições da CEE se destina apenas a encontrar justificações para levar por diante uma política contrária à Constituição e aos interesses nacionais, mas favorável a determinados interesses privados?

Apenas em 2 dias esgotámos 400 micro-computadores

SINCLAIR ZX81

Faça já a sua encomenda para os próximos 500 a distribuir em fins de Novembro



O SEU MICRO-COMPUTADOR PESSOAL.

- Duas velocidades de funcionamento.
- Controle sintático
- Gráficos
- Funções científicas.
- Variáveis.
- Notação em vírgula flutuante (de $\pm 3 \times 10^{-39}$ a $\pm 7 \times 10^{38}$ rigorosos até 9 1/2 dígitos decimais).
- Cálculo de Expressão.
- Etc.

A SUA MEMÓRIA INFALÍVEL
Controle os stocks da sua Empresa
Controle a sua conta bancária.

LIGUE AO SEU TV E AO SEU LEITOR DE CASSETTE NORMAL.

VÁ À LUTA! JOGUE COM O SEU COMPUTADOR, TALVEZ CONSIGA VENCÊ-LO!

COMO ENCOMENDAR O SEU ZX81

Por correio, utilize o cupão abaixo. Pode pagar por cheque ou vale de correio. De qualquer dos modos dê-nos 30 dias para a entrega. Os cheques ou vales de correio devem ser emitidos à ordem do Banco Português do Atlântico, conta n.º 511/07660359.

LANDRY ENGENHEIROS CONSULTORES, LDA.
Rua Coelho da Rocha, 57-3.º Dt.º - 1300 LISBOA

Quant.	Material	Cod.	Preço Unitário	Total
	SINCLAIR ZX81 Computador pessoal incluindo o Manual BASIC em português	1	10 500\$00	
	Fonte de Alimentação Sinclair 220 V/9 V/600 mA	2	1 000\$00	
	Printer (Impressor)	3	10 000\$00	
	16K - BYTE RAM	4	7 500\$00	
	5 Cassettes já programadas	5	2 500\$00	
	Mais detalhes sobre ZX81	6	-\$	

Inclua um cheque n.º _____ sobre o Banco _____ no valor de Esc. \$ _____ a favor do Banco Português do Atlântico, conta n.º 511/07660359.

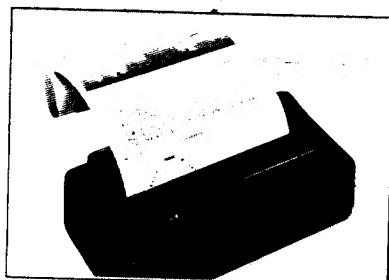
Inclua Vale de Correio no valor de Esc. \$ _____ a favor do Banco Português do Atlântico, conta n.º 511/07660359.

(preencha com letra de imprensa)

NOME _____

MORADA _____

TEL. _____

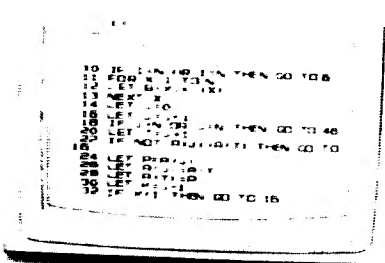


PRINTER (IMPRESSOR)

Imprime exactamente tudo o que se encontra no ecrã de televisão.
ENCOMENDE-O TAMBÉM.



MEMÓRIA 16K-BYTE RAM
Multiplica por 16 o número de BYTES do computador base.



Manual BASIC em Português.



LANDRY ENGENHEIROS CONSULTORES, LDA.
Rua Coelho da Rocha, 57-3.º Dt.º - 1300 LISBOA Tel. 66 35 38 ou 60 93 85

Acidente em Fátima

CP quer despedir electricista culpado

O electricista que estava de serviço por ocasião do acidente ferroviário de Fátima é apontado pela CP como o responsável directo pelo mesmo e tem sobre si pendente um processo disciplinar com vista ao seu despedimento. Foi Marques da Costa, presidente do Conselho de Gerência da empresa, quem revelou oficialmente a situação, perante o secretário de Estado dos Transportes Internos e o chefe da Comissão de Inquérito (Ferreira Alves).

Marques da Costa disse que, em termos de procedimento disciplinar, o caso não está totalmente acabado, dadas as pessoas que «por omissão ou negligência, não provocaram directamente o acidente, mas contribuíram para atrasar a averiguação dos factos».

O chefe da comissão de inquérito, Ferreira Alves, explicou o acidente afirmando que o electricista se tinha convencido de que o sinal luminoso não devia estar bom, por estar a indicar há demasiado tempo que a via estava obstruída. Enquanto procurava detectar se o sinal estava avariado, provocou (inadvertidamente) a mudança de cor do sinal para verde. O comboio que estava à espera que o sinal abrisse avançou e colidiu com o

que estava parado na via. «Passou-se tudo num lapso de tempo muito curto e o electricista agiu de boa-fé, mas não tomou as precauções necessárias e foi infeliz» — concluiu o chefe da comissão.

Relativamente à segurança ferroviária e à eventual falta de dispositivos de reforço da sinalização, Marques da Costa afirmou: «Se não estamos à cabeça da Europa em termos de segurança ferroviária, estamos de certeza mais próximo disso nesse sector do que na segurança rodoviária. Se não estamos melhor em segurança ferroviária, é devido às passagens de nível, em que somos absolutamente campeões, por termos uma por cada 500 metros de rede», acrescentou.

Afirmou, no entanto, que não pode ser encarada para já a hipótese de extinção das passagens de nível, uma vez que «são sete mil e, mesmo que eliminássemos uma por dia, levaríamos 20 anos». Quanto ao sistema de reforço e segurança-repetição de sinais, controlo automático de velocidades e comunicação por rádio, Marques da Costa afirmou que ainda em nenhum país da Europa existem todos estes sistemas completamente integridos.

Motorista da AR há 31 anos:

Nem por quinhentos contos venderia as memórias

O mais antigo funcionário do Parlamento, Raul dos Santos, é motorista dos presidentes da Assembleia há trinta anos e um dos três trabalhadores que vivem no próprio Palácio de S. Bento.

Raul dos Santos, de 58 anos, tem registado todos os acontecimentos a que assistiu como motorista dos presidentes do Parlamento nas últimas décadas. Mas disse à ANOP que «nem por 500 contos venderia as minhas memórias».

Almoçadas compostas por sete pratos, visitas oficiais, 25 de Abril, golpe de Beja e morte de Salazar, são alguns dos muitos itens das agendas onde Raul dos Santos escreveu diversos factos da história dos últimos 25, 30 anos.

Vive numa dependência do Palácio, pela qual paga renda ao Estado desde que começou a ser motorista em S. Bento, quando Albino dos Reis era presidente da então Assembleia Nacional.

Depois, foi motorista dos sucessores de Albino dos Reis, Mário de Figueiredo e Amaral Neto. E recorda-se de uma Assembleia Nacional ter reunido no próprio dia 25 de Abril, em 1974.

«Fui eu que, cerca das oito da manhã, dei a notícia da Revolução a Amaral Neto. Mas a Assembleia ainda reuniu nesse dia. Houve chamada e tudo» — diz Raul dos Santos.

Depois do 25 de Abril, dissolvida a Assembleia Nacional, foi motorista de Sá Carneiro, então ministro no Governo de Palma Carlos.

Viria ainda a ser motorista dos ministros Victor Alves, Pereira de Moura, Arnão Metelo.

Passou mais tarde a motorista do primeiro presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes.

Esteve depois ao serviço de Teófilo Carvalho dos Santos e do sucessor deste, Leonardo Ribeiro de Almeida.

«Continuo em funções, e ainda me faltam alguns anos para me reformar» — diz.

O único presidente da Assembleia de que não foi motorista foi Henrique de Barros.

Hoje é o "Dia dos Avós"

Mais que promessas eles querem é obras

Nem todos os avós deste País utilizaram a benesse que a Secretaria de Estado da Cultura, através das casas de espectáculo, concedeu ontem a quem tem mais de 65 anos. A «borla» foi tardiamente anunciada, justamente na véspera do Dia dos Avós, que hoje decorre pela primeira vez, em todo o país e não será igual em toda a parte. É que nisto de avós, o ambiente da grande urbe não é o mesmo da pequena povoação, embora o significado da data e os objectivos perseguidos pelos seus promotores sejam explícitos:

uma chamada de atenção para o lugar que na família as pessoas mais idosas desempenham, impondo-se não considerar a sua presença levemente como um peso, mas promover a sua participação — afirmou a secretaria de Estado da Família ao anunciar ontem no MAS este novo evento.

O alargamento do horário de utilização do passe social das pessoas de mais de 65 anos foi a principal medida revelada na reunião com os jornalistas e inserindo-se nas comemorações. Foi Abílio Rodrigues, secretário de Estado dos Transportes Internos, que anunciou o conjunto de iniciativas no campo dos transportes que melhor poderão reflectir o apreço do Governo pelos mais velhos. É pena, no entanto, que tenham sido ontem anunciadas e só em 1 de Janeiro do próximo ano entram em vigor, por alegadas dificuldades financeiras.

Nesse âmbito as restrições nas horas de «ponta» dos dias úteis passarão a praticar-se entre as 6.30 e as 9.30 e das 17 às 20 horas. Fora destes períodos, a utilização do passe é livre, não existindo quaisquer restrições na circulação aos sábados e domingos. Além do passe «L» para a 3.ª idade e do «L3», válido

para os fins-de-semana e dias feriados, será criado um novo passe mensal «L2» válido (em Lisboa) para a Carris, CP, «Metro», RN e «Transtejo», com número ilimitado de viagens pelo preço de 450 escudos. A utilização será, contudo, interdita nos períodos de «ponta» — a partir de Janeiro que vem.

Os idosos do Porto também beneficiarão do rol de medidas anunciadas. Aí será criado, com efeito, um passe mensal intermodal STCP/CP, válido na cidade e em determinados cursos ferroviários limítrofes que custará 235 escudos e cujas restrições de horário são idênticas às de Lisboa. Já a concessão pela CP de 50 por cento de desconto aos utentes de idade superior a 65 anos passará a verificar-se por toda e qualquer distância, vigorando, no entanto, as restrições de passes para os transportes de via férrea e do tipo transvia até 50 quilómetros.

Importantes achados arqueológicos em Almada

Escavações no solo para substituição de antigas instalações estão a proporcionar em Almada importantes achados arqueológicos que o Centro Arqueológico daquela cidade tem vindo a recolher, para estudo.

Uma relação dos achados feitos nos últimos tempos inclui grande quantidade de ossadas, vasilhas, moedas, e outros vestígios de épocas que irão até ao século XII. O que parece ter impressionado os estudiosos do Centro (e principalmente os estudantes, que são eles que o animam e têm em actividade) é menos a existência, a variedade e a idade de tais objectos, e mais a sua quantidade.

Uma relação mais pormenorizada de tais objectos inclui ainda uma cabeceira de sepultura, moedas desde D. Sancho I, dos séculos XII e XIII até D. João III, do século XVI, alfinetes de cobre, cerâmicas e vidros.

Entre os achados mais recentes figuram três cisternas (ou silos), de época remota, que estavam entre destroços de edifícios demolidos e uma variedade numerosa de lixos saídos do dia-a-dia das populações que se foram sucedendo no local (Travessa Henrique Nogueira, dentro da cidade).

Estes lixos «contam», pelas indicações que poderão fornecer acerca da vida quotidiana das populações, seus alimentos, ob-

jectos e utensílios, caseiros e de trabalho.

Segundo o Centro Arqueológico de Almada, este concelho, que não é rico quanto a monumentos, só recentemente conhece significativa expansão urbana. Ainda há cerca de duzentos anos, por exemplo, o concelho não era mais do que quatro pequenas localidades: Cacilhas, Almada, Caparica e Murfalcem.

Ainda segundo o Centro, porém, o concelho terá sido importante zona rural, no tempo da ocupação árabe, e já antes. Daí que os mais significativos vestígios que estão a ser encontrados sejam relacionados com equipamento rural.

Maria de Fátima: fuga ao isolamento

Os leitores estão recordados do apelo que fizemos a favor de Maria de Fátima da Silva Monteiro, uma criança de 9 anos de idade com problemas de desenvolvimento mental de nascença.

As manifestações de solidariedade não se fizeram esperar. Até à data, recebemos os seguintes donativos: Anónimo, 250\$00; M. P., 20\$00; Mário Tomé, 2.000\$00; E. J. M., 200\$00; Sandra Cristina,

200\$00; Anónimo, 150\$00, José R. Pires, 200\$00; Maria Albina Faustino, 200\$00 e António Augusto Baião, 100\$00, o que perfaz a importância de esc. 3.320\$00.

Esta verba está ainda longe de corresponder às necessidades da família da jovem Maria de Fátima, que como dissemos, não dispõe de meios para fazer face aos cuidados médicos e pedagógicos necessários.

O pai da criança é operário da construção civil e a mãe doente, só com grande dificuldade pode ainda fazer a lida doméstica. Por outro lado, a contribuição da Caixa de Previdência, embora preciosa, não permitirá cobrir todas as despesas.

Por estas razões, renovamos o nosso apelo certos de que a solidariedade já tem manifestado não deixará de encontrar eco entre outros leitores.

LIBER 25

Revista Militar
para civis
Revista Civil
para militares

Está publicado o n.º 4 da revista bimestral LIBER 25, referente aos meses de Setembro-Outubro. Este número da revista abre com um texto do major Vasco Correia Lourenço, conselheiro da Revolução, intitulado:

«Vivamos o 5 de Outubro cumprindo Abril». Pedro Ramos de Almeida assina um artigo sobre «A História Constitucional Portuguesa e a Democracia». Alberto Freire escreve sobre: «Exército, o Espelho da Nação». João Faria Borda, recorda o «8 de Setembro de 1936», a revolta a bordo dos navios «Bartolomeu Dias», «Afonso de Albuquerque» e «Dão». O capitão de mar-e-guerra, engenheiro construtor naval, na reserva, João Falcão de Campos trata de «O Preço das Armas», Guiomar Belo Marques fala de «A Mulher e o Serviço Militar». E sobre a formação do sargento, escreve João Lex.

A revista publica, também, um «documento», dados estatísticos, e uma entrevista sobre a situação em Timor-Leste.

Quem acode a 65 crianças de S.Domingos de Benfica?

A educação infantil não vai muito bem nos Bairros de Palma e Fonseca, em S. Domingos de Benfica, pois o único jardim que servia os filhos dos moradores da área deixou de ser subitamente subsidiado pela Misericórdia de Lisboa e a própria Junta de Freguesia, contra uma deliberação tomada pela Assembleia de Freguesia, também não parece disposta a apoiar o estabelecimento infantil enquanto se mantiver a renitência e incompreensão da Santa Casa.

Moradores dos bairros de Palma e Fonseca, que há quatro anos arrancaram com uma Associação Popular e aquele Jardim Infantil, pretendem que a JF cumpra a deliberação da Assembleia de Freguesia e que movimente algum dinheiro, pelo menos provisoriamente, para as 65 crianças do jardim, uma vez que «possui depósitos bancários superiores a mil e quinhentos contos», diz um comunicado dos pais que se reuniram em plenário há bem poucos dias.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

COMUNICADO DA CP SOBRE A GREVE DO SINDICATO NACIONAL FERROVIÁRIO DE TRENS E REVISÃO

Foi distribuído ao público em geral e aos utentes da CP em particular um aviso assinado pela Direcção do Sindicato Nacional Ferroviário de Trens e Revisão que pode ser considerado como um incitamento ao não cumprimento das disposições tarifárias pelos utentes e consequentemente arrastar uma quebra de receitas para a empresa.

A CP, apuradas as responsabilidades, procederá, se for caso disso, pelas vias competentes, incluindo as judiciais, em relação aos autores desse incitamento à ilegalidade, pois que viajar sem título de transporte constitui infracção.

O Conselho de Gerência tomará todas as disposições para garantir o controlo das receitas — nomeadamente através do reforço do controlo de entradas e saídas de passageiros nas gares — tanto mais que, de acordo com as indicações de que dispõe, a maioria dos trabalhadores não adere a esta greve injusta e precipitada.

SERVÍÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todas as mulheres que fazem parte da Comissão de Mulheres em Defesa da Constituição, para uma reunião a realizar no dia

2 de Novembro
na Casa do Alentejo

Convidam-se todas as mulheres que queiram aderir a esta Comissão a estarem presentes e participar nesta reunião.

A Comissão de Mulheres
em Defesa da Constituição



EXTERNATO
JOAO PEQUENO
INFANTIL — PRIMÁRIO
ÚLTIMAS
INSCRIÇÕES

ABERTO TODO O ANO
Horário 8-19.30 h
R. da Estrela, 21
Telef. 664455 — 1200
Lisboa



AMÉRICO
DOMINGUES
DE ALMEIDA

MISSA 1.º ANO DO
SEU FALECIMENTO

Esposa, filha e neto participam que será rezada missa, amanhã (Domingo) pelas 12 horas, na Igreja da Encarnação, agradecendo a todos que assistam a este acto.

Função Pública**Governo garante princípio de anualidade das tabelas salariais**

O Governo garantiu ao Sindicato da Função Pública o princípio da anualidade das tabelas salariais em relação ao sector e que os próximos aumentos serão feitos a partir de Janeiro de 1982. Esta declaração foi prestada

pela Comissão Técnica Governamental à Comissão Negociadora Sindical da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, durante uma reunião realizada ontem — revelou uma fonte sindical.

Um porta-voz da Comissão Negociadora Sindical (CNS) declarou que foram abordados na reunião a revisão salarial para 1982, e o estabelecimento de um calendário de elaboração de vários diplomas respeitantes a diversos aspectos do regime laboral do sector.

Quanto ao primeiro ponto, e para além da garantia dada sobre a anualidade das tabelas salariais, a Comissão Técnica Governamental informou não dispor de parâmetros definidos pelo Governo para iniciar, desde já, a discussão de montantes concretos sobre matérias de incidência económica — referiu a mesma fonte.

Outra questão definida — prosseguiu — foi a de ter sido aceite a discussão sobre os montantes a inscrever no Orçamento Geral do Estado, antes da aprovação

do OGE, para que assim possam ser satisfeitas reivindicações do sector de natureza económica.

Sobre o segundo ponto, o dirigente sindical disse ter o Governo proposto um calendário de diplomas a concretizar entre Novembro de 81 e Maio de 82.

Em relação às matérias prioritárias a serem negociadas concluiu-se que seriam, entre outras, as da negociação colectiva, férias, faltas e licenças e duração de trabalho.

Ficou também estabelecido que o Governo suspenderá a partir de 1 de Janeiro de 1982, a aplicação do Decreto 57/80 sobre classificação de serviços e que estaria concluído, até fim de Novembro, um projecto de resolução, a submeter ao Conselho de Ministros, sobre o exercício da actividade sindical — disse a mesma fonte.

Em Novembro**Trabalhadores dos TLP****paralisam quatro dias**

Os trabalhadores de Lisboa dos Telefones de Lisboa e Porto vão efectuar quatro dias de greve em Novembro, exigindo a não aplicação da avaliação de desempenho, segundo anunciou o Sindicato dos Telefonistas de Lisboa.

Em conferência de imprensa, a direcção do Sindicato revelou que, de acordo com as decisões do plenário de 15 do corrente, convocou um dia de greve para 17 de Novembro, seguido de 72 horas de paralisação nos dias

24, 25 e 26 do mesmo mês. Durante as greves serão distribuídos comunicados de esclarecimento à população.

Os trabalhadores de Lisboa dos TLP estão em luta contra a aplicação pela empresa da avaliação de desempenho que consideram «um método injusto e incorrecto para avaliar a competência de cada trabalhador».

No terceiro dia de greve será efectuado um plenário dos TLP/Lisboa, para fazer o ponto da situação e decidir medidas a tomar.

Bancários do Centro**Alvitrada****“unidade de acção”****entre a CGTP e a UGT**

Representantes da CGTP/IN e da UGT apelaram ontem em Coimbra à unidade na acção entre as duas organizações sindicais.

Torres Couto, secretário-geral da UGT, e Joaquim Calhau, do Secretariado Nacional da CGTP, fizeram o apelo à unidade, ao falarem na sessão de encerramento do I Congresso do Sindicato dos Bancários do Centro, que decorreu durante dois dias em Coimbra com a presença de 230 delegados.

«Importa pôr de parte o que nos separa para nos reforçarmos em torno daquilo que nos une», disse Joaquim Calhau.

Sublinhou que os principais inimigos dos trabalhadores são actualmente o patronato, as multinacionais e o Governo.

Torres Couto disse que não considera a CGTP, «nem inimiga nem tão pouco adversária da UGT» e frisou que «o inimigo comum é o patronato e quaisquer Governos que criem condições favoráveis a esse patronato».

Depois de afirmar que nenhuma das organizações sindicais pode resolver sozinha os problemas dos trabalhadores, considerou a CGTP necessária e indispensável no panorama político-sindical português e disse que não existe razão nenhuma para adiar o diálogo entre

as duas organizações.

Os congressistas aprovaram uma moção em que manifestam a sua disposição em defender a banca nacionalizada e realçam a sua oposição a qualquer tentativa de reprivatização.

Deliberaram também manifestar a sua «profunda discordância» pela criação das sociedades de desenvolvimento regional, que consideram causadoras de «efeitos nefastos sobre a futura rentabilidade das instituições bancárias nacionalizadas».

De acordo com a referida moção, o Sindicato dos Bancários do Centro irá lutar pela alteração da actual política governamental, designadamente no que respeita à restrição ao crédito.

O congresso contestou a actual política de pessoal seguida pelos conselhos de gestão dos bancos, devido «aos evidentes riscos em que está a colocar os actuais postos de trabalho».

O Sindicato dos Bancários do Centro está filiado na UGT e a sua direcção é constituída por sindicalistas afectos ao Partido Socialista e por independentes.

No primeiro dia de trabalhos foram eleitas a comissão fiscalizadora de contas e a comissão de disciplina, ficando cada uma constituída por três elementos afectos à direcção e dois à tendência intersindical.

Lista unitária vence nos Metalúrgicos do Sul

Uma lista afecta à CGTP/IN venceu as primeiras eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul.

Segundo uma fonte sindical, com a quase totalidade das mesas já escrutinadas (faltavam apenas cinco no total de 218), a lista «A», apresentada sob a sigla «Lista unitária — CGTP-IN» contava com 13 306 votos.

A lista «B», que se apresentou sob a sigla «Lista de Classe — por uma nova direcção, com uma política de combate e não de recuo» e que foi publicamente apoiada pela UDP, contava 2321 votos.

O Sindicato dos Metalúrgicos do Sul foi criado em 29 de Maio de 1981, resultando da fusão dos

Sindicatos dos Metalúrgicos do Alentejo, Faro e Setúbal.

O mandato dos corpos gerentes e dos secretariados distritais é de três anos.

O novo sindicato conta com cerca de 44 mil filiados, que trabalham em 1400 empresas do sector, situadas nos distritos de Setúbal, Évora, Beja e Faro.

SNTCT

Foram marcadas para 30 de Novembro as eleições para a mesa do Plenário e do Secretariado Nacionais do Sindicato dos Correios e Telecomunicações (SNTCT). Ao mandato, para o biênio de 82/83, concorrem três listas.

É TEMPO DE EXPLICAR!

**DIA 31 DE OUTUBRO
DIA MUNDIAL DA POUPANÇA**

Para mais, é Sábado. E em princípio, você terá mais tempo para explicar a uma criança quanto é importante uma poupança segura, para ajudar a enfrentar o futuro. Mas não vamos falar por si que sabe tão bem como nós, quais as vantagens do Depósito e do Juro. Apenas lhe queremos recordar, no DIA MUNDIAL DA POUPANÇA que o MEALHEIRO DO MONTEPIO GERAL permite a uma criança o depósito das suas economias, a possibilidade de uma conta-caderneta própria e um rendimento chamado juro. Afinal, um “outro mealheiro”. Consulte o MONTEPIO GERAL para informações mais detalhadas. A poupança — conta para o futuro!



MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONOMICA DE LISBOA

**POUPE COMBUSTÍVEL**

Partilhe o seu automóvel com outras pessoas que façam habitualmente o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO



Ainda em São José da Costa Rica, guardas civis abrigam-se junto ao avião tomado por um comando anti-sandinista que acabaria por obrigar a tripulação a aterrar numa «quinta» em El Salvador. (Telefoto UPI/ANOP- /«DL»)

Raptado por anti-sandinistas

Avião da Costa Rica aterra em El Salvador

Cinco direitistas nicaraguenses que raptaram ontem um avião da Costa Rica, obtendo a libertação de seis camaradas deles presos, em troca dos passageiros, foram aprisionados ao aterrarem num aeroporto salvadoreño.

O avião aterrou numa pista rural em San Miguel, cerca de 140 quilómetros a Sudoeste da capital de El Salvador, e os cinco

raptadores, bem como os seis anti-sandinistas anteriormente libertados, foram aprisionados por forças do Exército, dizem as autoridades de San Salvador.

Os 20 passageiros e uma hostedeira de bordo tinham sido libertados depois de uma noite de negociações no aeroporto da capital da Costa Rica, cujas autoridades cederam aos raptadores para salvar os passageiros.

Entretanto, as autoridades de El Salvador permitiram que o piloto e o co-piloto do avião raptado regressassem com o aparelho a São José da Costa Rica.

O presidente da Costa Rica, que disse à imprensa ter recebido a notícia através do presidente de El Salvador, anunciou que irá pedir a extradição dos raptadores.

A ruptura Jamaica-Cuba

Seaga cumpre as ordens dos patrões americanos

— comenta Havana

A ruptura de relações diplomáticas da Jamaica com Cuba «é mais um passo na estratégia agressiva e anticubana» da administração norte-americana, acusou hoje o Governo cubano.

A ruptura de relações foi decidida por Seaga (primeiro-ministro jamaicano) mas decretada em Washington, lê-se num comunicado do Ministério cubano dos Negócios Estrangeiros hoje publicado no jornal «Granma». (Seaga é vulgarmente conhecido por «Ciaga» entre os latino-americanos).

O próprio Seaga deu a conhecer, em Kingston, a decisão do seu Governo de cortar os laços diplomáticos com Havana, fundamentando-a na alegada recusa das autoridades cubanas em extraditarem três jamaicanos acusados de assassinio.

Para Havana «os pretextos» invocados pelo líder de Kingston

são tão grosseiros que nem merecem ser comentados».

«O senhor Seaga, diz o comunicado, cumpre as ordens de Washington no sentido de contribuir para criar um clima de hostilidade a Cuba que permita justificar as ameaças que o senhor Haig (secretário de Estado norte-americano) continua incansavelmente a proferir contra o nosso povo».

Assinalando a «importante cooperação» existente entre os dois países, designadamente nos domínios da educação e saúde pública desde que, em 1972, estabeleceram relações, o comunicado alude, em particular, à colaboração prestada por médicos, técnicos e especialistas cubanos da saúde na Jamaica.

São ainda referidas as doações, feitas por Havana, de três escolas secundárias, uma escola superior de educação des-

portiva, um complexo desportivo e 14 vivendas.

Guatemala: exército diz controlar a situação

O Exército mantém o controlo da situação sobre toda a Guatemala, depois da ofensiva desencadeada na passada quarta-feira contra três cidades, Solola, Escuintla e Mazatenango, situadas respectivamente a Oeste, a Sul e a Sudoeste do país, declarou um porta-voz militar, o coronel Jaime Rabanales.

O porta-voz qualificou essa ofensiva, que fez 26 mortos e muitos feridos (indicações oficiais) de «acção de propaganda», acrescentando que em momento nenhum as forças armadas se viram em dificuldade.

Os rebeldes que atacaram a cidade de Solola, pertenciam ao Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP). Pelo contrário, as acções contra as cidades de Mazatenango e Escuintla não foram reivindicadas por qualquer dos grupos.

Fome no Brasil: Mulheres invadem município

Em busca de alimento e de trabalho, cinco centenas de mulheres brasileiras invadiram o município de Apodi, a 350 km de Natal, capital do Estado de Rio Grande do Norte.

Segundo informações prestadas pela dirigente dos programas de assistência aos desalojados de Apodi, Vilma Viana, as mulheres, todas provenientes de zonas rurais da região, invadiram o município pacificamente e não se entregaram ao saque.

O presidente do município de Apodi, Valdomiro Pedro Viana, declarou que, em toda a zona leste de Rio Grande do Norte, a situação actual é grave, devido à prolongada seca que está a castigar o nordeste brasileiro.

Moçambique

Como foi desmantelada uma rede da CIA

Um livro que condensa nas suas 144 páginas uma descrição de factos ligados ao desmantelamento de uma rede clandestina da CIA em Moçambique foi lançado no mercado local.

De acordo com o relato em começos de 1976 um piloto da Força Aérea Moçambicana, João Carneiro Gonçalves, foi contactado por agentes da CIA em Maputo, aceitou ser recrutado, mas comunicou tudo aos serviços moçambicanos de segurança, que lhe deram instruções no sentido de aceitar o que lhe fosse proposto.

Por meio de Carneiro Gonçalves, os serviços moçambicanos de segurança mantiveram-se informados durante alguns anos sobre como é que estava montada a rede dos serviços desta agência norte-americana de informação, em Moçambique, seus objectivos e interesses.

A rede viria a ser desmantelada depois de comandos sul-africanos haverem atacado, em 1981, residências de militantes do Partido Nacionalista sul-africano, ANC na Matola, arredores de Maputo, ataque para o qual teriam contribuído informações que os serviços secretos dos Estados Unidos obtiveram em alguns moçambicanos, tanto civis como militares.

De entre os nomes de cidadãos norte-americanos que Moçambique apresentou como havendo trabalhado neste país para a CIA contam-se Waklter Caetano de Andrade, Frederick

Leel Wetering, Lavone Iorraine Tate, Sandra Adeline Taber, Jimmy Joseph Kolker, James Douglas Smith e Shirley Tegro.

Quatro dos elementos da Embaixada dos Estados Unidos em Maputo viriam a ser expulsos de Moçambique, em Maio último: Frederick Boyce Lundhal, Louis Leon Ollivier Junior, Arthur Russel e Patricia Russel, bem como as mulheres dos dois primeiros, acusadas de cumplicidade em operações de espionagem.

A SITUAÇÃO EM Moçambique

O presidente moçambicano Samora Machel, analisará na próxima semana, a situação política do país, num comício já anunciado oficialmente.

Embora não haja indicação acerca de quem será o principal orador no comício, tem-se como certo que será o presidente.

Samora Machel efectuou recentemente uma deslocação às províncias do norte de Moçambique, enquanto outros responsáveis visitaram centros de reeducação que poderão vir a ser desmantelados.

Estas iniciativas são interpretadas como preparatórias do discurso de Samora Machel, que poderá ter como tónica a reparação de injustiças de que teriam sido vítimas antigos combatentes.

Namíbia

Grupo de Contacto hoje em Salisbúria

O Grupo de Contacto Ocidental para a independência da Namíbia, chega hoje a Salisbúria, prosseguindo a viagem que está a efectuar a vários países africanos, que já o levou à Nigéria, a Angola, à África do Sul e à própria Namíbia.

Durante a sua visita a Salisbúria, os membros do Grupo irão encontrar-se, ainda hoje, com o primeiro-ministro do Zimbábue, Robert Mugabe, o qual declarou, há algumas semanas, que a Namíbia podia ser independente em 1982, se o Grupo de Contacto exercesse uma pressão bastante forte sobre a África do Sul.

Na Namíbia o Grupo de Contacto apresentou ontem a pri-

meira fase do plano de independência, contendo princípios constitucionais, plano que deverá conduzir à independência em 1983 — recorde-se.

Também foi a primeira vez que o Grupo de Contacto reconheceu como interlocutores todos os partidos internos namibianos criados pela África do Sul, ao passo que a Assembleia Geral da ONU apenas reconhece a SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano).

O Grupo, composto por representantes da Grã-Bretanha, do Canadá, da França, da RFA e dos EUA, deverá em seguida visitar Moçambique, a Zâmbia e a Tanzânia.

Chade: situação de calma aparente

A presença militar líbia em N'Djamena era tão discreta como de costume, esta manhã, depois do anúncio oficial do pedido de retirada das forças de Trípoli, formulado pelo Chade.

A população, pelo contrário, segundo a France-Presse, deixa transparecer a sua alegria.

Mas a nível oficial, o entusiasmo, é menos evidente ea partida dos líbios continua a ser uma incógnita. Prefere-se falar da «legítima satisfação» do Governo.

Assim, um ministro chadiano declarou, pedindo o anonimato: «Aconteça o que acontecer, tenho agora o sentimento de ter cumprido o meu dever», referindo-se ao pedido governamental de retirada líbia.

Do lado governamental, há sobretudo a preocupação de não fazer qualquer declaração intempestiva e, durante este repouso de fim-de-semana, os ministros deverão ser ainda mais discretos.

Sublinha-se, contudo, ser ainda cedo para saber quais as

verdadeiras relações entre a Líbia e o Chade. Recorda fonte militar chadiana que serão precisas cerca de três semanas para saber se as tropas do coronel Kadhafi irão realmente deixar N'Djamena.

O pedido estipula que a retirada líbia deve ser «imediata e total» na capital e na região vizinha do Chari, e que deve ser completada até 31 de Dezembro no restante território do Chade.

Por outro lado, as autoridades chadianas desejam que um encontro franco-africano, marcado para os dias 3 e 4 de Novembro, em Paris, ao qual assistirá o presidente Weddeye, permita fixar a data da chegada ao Chade da «força pan-africana neutra condição indispensável», segundo correspondente da já citada France Presse, para conseguir a retirada líbia.

Confirma-se em N'Djamena que a Nigéria e o Senegal já concordaram em participar nessa força e que a França e a Argélia se comprometeram a dar apoio logístico ao Chade.

Reunião

Jaru remode e proib

O primeiro-ministro polaco, Jaruzelski, anunciou ontem no Parlamento uma remodelação do Executivo que afectará as pastas dos Transportes, Comércio Interno, Comércio Externo, Assuntos dos Veteranos e Matérias-Primas.

A reunião da Dieta que esta tarde prosseguirá os seus trabalhos, deve votar uma resolução apelando ao fim das greves. Lembra-se que na quinta-feira o Governo e o Sindicato Solidariedade tinham-se manifestado contrários à recente vaga de greves selvagens.

Em discurso transmitido em directo pela televisão, Jaruzelski, falou da possibilidade de o apelo para pôr fim às greves ser acompanhado, em caso da recomendação, não ser respeitada, por medidas extraordinárias não especificadas.

Por outro lado, a remodelação ministerial, ontem anunciada pelo primeiro-ministro e secretário-geral do POUP, a mais profunda das seis já verificadas nos últimos catorze meses, é, segundo os observadores, uma tentativa desesperada para pôr a economia polaca em ordem.

«Case»

Govi reco

O Governo espanhol agravou as sentenças do conselho de guerra que condenou na quarta-feira passada o capitão Juan Milans del Bosch, por injúrias ao rei, a penas de um mês e um dia de detenção.

O secretário de Estado de Informação, Ignacio Aguirre, que ontem anunciou esta decisão, precisou que este recurso deve ser examinado pelo capitão-general da primeira região militar, o general Quintana Lacaci.

Recorda-se que os meios políticos democráticos de Madrid se tinham mostrado inquietos com a indulgência mostrada pela justiça militar para com o capitão Milans del Bosch, acusado de injuriar o rei. Outro oficial, o coronel Álvaro Graiano, foi, pelo mesmo tribunal, condenado a uma pena de dois meses e um dia de detenção por haver denunciado em carta ao «Diário 16» a existência de sectores de extrema-direita no seio das Forças Armadas espanholas.

Manifestação proibida

O governador civil da provín-

Despenhou-se um «B-52»

Um bombardeiro estratégico «B-52» despenhou-se ontem no estado do Colorado, tendo morrido os seus oito tripulantes, segundo anunciou um porta-voz da Força Aérea Americana.

Em Washington, o Pentágono indicou que o avião estava a efectuar um voo de treino a baixa altitude e que não era portador de bombas.

O octorreacitor despenhou-se a cerca de 90 km da cidade de Pueblo, numa região semidesértica de difícil acesso. Por enquanto, ignoram-se as causas do acidente.

Roberto Guevara preso no México

A Polícia mexicana, deteve, ontem Roberto Guevara de La Serna, irmão do falecido líder guerrilheiro Ernesto «Che» Guevara», informou a imprensa da capital do México.

As informações não precisaram o dia da detenção de Roberto Guevara, dirigente do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT) da Argentina, e que a Polícia mexicana responsabiliza pelo sequestro de Beatriz Garza, so-

brinha do candidato presidencial Emilio Madero.

Na mesma ocasião, foi detido outro dirigente do PRT, António Begile.

Mais seis militantes desta organização, entre eles Cesar Santucho, irmão do dirigente guerrilheiro Roberto Santucho, encontram-se presos desde terça-feira, sob a acusação de serem os autores do mencionado rapto.

ção da "Dieta" em Varsóvia

Jaruzelski propõe relação ministerial proibição das greves

Assim Jaruzelski demitiu o vice-primeiro-ministro Stanislaw Mach, o ministro do Comércio Externo, Ryszard Karski, o ministro do Comércio Interno, Zygmunt Lakomik, o ministro dos Materiais de Construção, Engenheiro Szyr, o ministro dos Transportes, Sygryd Zajfyd, e o ministro encarregado dos Assuntos dos Veteranos de Guerra, general Mieczyslaw Grudzien. Em sua substituição foram propostos Edward Kowalzyk (líder do pequeno Partido Democrático), Jerzy Ozdowski, Roman Malinowski (vice-primeiros-ministros), Tadeusz Nestorowicz, Zenon Komander, Tadeusz Opolski, Janusz Kaminski, e Jan Antosik.

A remodelação proposta corresponde à entrada no gabinete ministerial de novas forças políticas e amplia a cooperação na coligação governamental a membros do POUP, do Partido Democrático e a membros do pequeno Partido Camponês Unificado.

A entrada para vice-primeiro-ministro de um católico sem filiação partidária, Jerzy Ozdowski e de Romam Malinowski, não correspondeu segundo os

observadores, a uma tentativa de um alargamento da coligação governamental a representantes da central Solidariedade e da Igreja. Entretanto, na reunião desta tarde espera-se um vivo debate já que vários deputados manifestaram a sua oposição à proibição das greves, alegando que a separação entre governantes e governados facultou ao Solidariedade a função da oposição.

Enquanto isto, representantes dos partidos comunistas da República Democrática Alemã e Checoslováquia, em declarações ao diário "El Nacional" de Caracas, acusaram hoje a central sindical Solidariedade de ser contra-revolucionária. Nas suas declarações os dois dirigentes comunistas, Wolfgang Bauoth, do Partido Socialista Unificado da RDA, e Jaroslav Kase, editor da revista do Partido Comunista Checo "Novo Pensamento", foram unânimes em afastar a hipótese de uma intervenção militar na Polónia. Manifestando a sua preocupação pelas "dificuldades que o Partido Operário Unificado Polaco enfrenta", salientaram, contudo, que a solução a adoptar "tem de ser política".

so" Juan Milans del Bosch

governo espanhol recebe a sentença

cia de Alava, proibiu sexta-feira à noite uma manifestação anti-NATO convocada por várias organizações bascas para Vitória, sede do Governo basco autónomo.

A decisão da coligação independentista "Herri Batasuna" (próxima da ETA Militar) de participar nessa manifestação esteve na origem da proibição.

Deputado abandona UCD

Manuel Díez-Pines, deputado da União do Centro Democrático (UCD-governamental) pela circunscrição de Ciudad Real, decidiu abandonar as fileiras desta formação para aderir à Aliança Popular recente vencedora das eleições para o parlamento autónomo da Galiza.

Díez-Pines precisou que tinha esperado até quinta-feira à noite, termo do debate sobre a NATO no Congresso dos Deputados, para anunciar a sua decisão.

Nas eleições de 20 do corrente na Galiza, reduto tradicional da direita, a UCD perdeu

mais de metade dos seus eleitores, sobretudo a favor da coligação cuja principal componente é a Aliança Popular.

"Atípica" mata de novo

Registou-se ontem em Madrid mais uma morte devida a "síndrome tóxica" enquanto em Saragoça as autoridades decretaram a proibição da venda de mais uma marca de óleo tóxico, o "Oleoil".

Como na maior parte dos falecimentos ocorridos desde 1 de Maio, a vítima (a centésima septuagésima nona) morreu durante uma segunda hospitalização. Trata-se, duma mulher de 34 anos, hospitalizada pela primeira vez a 9 de Junho e reinternada no passado dia 1 de Outubro por causa do agravamento do seu estado de saúde.

Contudo, segundo as autoridades espanholas, não se declarou qualquer caso novo deste tipo de intoxicação desde o princípio do mês de Julho.

Submarino encalhado

URSS pede desculpa à Suécia

A União Soviética apresentou ontem à noite à Suécia pedidos de desculpa pelo incidente do submarino que encalhou próximo da base naval de Karlskrona. As desculpas foram apresentadas pelo embaixador soviético em Estocolmo, Mijail Jakolev, durante um encontro que teve com responsáveis pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Suécia.

Contudo, círculos governamentais, que consideram esta atitude uma vitória diplomática, classificam-na de insuficiente.

Entretanto prosseguem as conversações para "safar" o submarino da delicada posição em que se encontra. Para o efeito, deslocaram-se à base naval sueca o adido militar e um secretário da embaixada soviética em Estocolmo.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

4 semana



Os AWACS dos sauditas

Deixem a Finlândia e olhem para a Tailândia

Enquanto certos políticos europeus reagem à onda de pacifismo, esgrimindo o fantasma da «finlandização» da Europa por parte da URSS, vão os EUA «tailandizando» a Arábia Saudita, sem que ninguém pareça aperceber-se de tal.

A autorização que o Senado norte-americano acabou por conceder ao presidente Reagan para vender «AWAC's» a Riade é um ponto alto num processo, que tem vindo a desenvolver-se de 1973 para cá, e cuja amplitude pode medir-se pelos números fornecidos pela revista «Newsweek»: enquanto em 22 anos (1950 a 1972) Riade adquiriu aos EUA armamento no valor de 1,2 milhões de dólares, entre 1973 e 1980 as suas compras de material bélico a Washington ascenderam a 34 mil milhões.

Para convencer os senadores reticentes, a Administração Reagan tinha argumentos de grande peso, pormenorizadamente expostos pela já citada revista na sua edição de 12 do corrente. Dado que dinheiro não falta aos cinco mil príncipes sauditas que deservem o país, e dado que há muitos concorrentes — mesmo ocidentais — por esse mundo fora, ansiosos de penetrarem no mercado (por exemplo, Mitterrand, a quem a «Newsweek» chama «François da Arábia»), o malogro do negócio dos «AWAC's» poderia causar graves danos económicos (e de outra natureza) aos EUA.

Se não, veja-se: a Arábia Saudita decidiu armar-se dos pés à cabeça com material americano. Já estão a ser fabricados, para lhe serem entregues, vastas quantidades de armas, incluindo caças F-15. Além disso, os americanos estão a construir quatro bases aéreas, duas navais, três terrestres e uma academia militar na Arábia Saudita. Essas «construções» todas custarão aos sauditas a linda soma de 13,6 mil milhões de dólares. Tudo nesses empreendimentos será fornecido pelos EUA, desde o mais pequeno cinzeiro ao mais inofensivo cesto dos papéis.

Por outro lado, os príncipes sauditas têm estado a comprar munições em tais quantidades que, segundo uma fonte militar dos EUA em Riade, «nem em dez anos de treinos poderão ser gastas». A revista «Newsweek» explica as grandes vantagens desta situação: as FFAA sauditas ficam praticamente sob a asa protectora dos EUA, que, através do treino, conselheiros (poucos, de presença nada ofensiva, numericamente reduzida, em consequência do alto grau da sofisticação das armas sobre as quais têm de «aconselhar») e da dependência total no que diz respeito às peças sobressalentes e às munições ficarão por inteiro sob o controlo USA. Além disso, haverá uma compatibilidade total entre os dois exércitos.

A mesma fonte militar americana em Riade explicou, aliás, com muita clareza os grandes benefícios futuros do armazenamento daquelas quantidades astronómicas de munições em território saudita: «elas ficam aqui para nós as podermos utilizar, se um dia a coisa estourar».

Os «AWAC's» são hoje mais umas peças de transferência que os EUA fazem dos seus equipamentos bélicos para um país sito na zona do golfo, e ainda por cima com uma vantagem surpreendente: é Washington que recebe o dinheiro. Os sauditas pagam aos EUA o favor que lhes fazem de enxamear o seu deserto e petrolífero país com armas e munições das quais não consta que necessitem.

Tudo isto podia ser encarado com simples ironia, se não estivesse directamente relacionado com os planos extremamente perigosos que a Casa Branca e o Pentágono têm para a zona do golfo.

Na passada segunda-feira, dia 26 de Outubro, foi divulgado em Washington um estudo elaborado pela Comissão Econó-

mica conjunta da Câmara dos Representantes, no qual se revelava que a Administração Reagan está pronta a assumir compromissos militares relativos à segurança no golfo Pérsico sem consultar o Congresso.

Esta «disposição» da Administração Reagan contraria fundamentalmente a Constituição dos EUA e uma prática que tem sido seguida depois dos desastres da Indochina.

Em suma: a Arábia Saudita está para a zona do golfo exactamente na mesma situação em que a Tailândia se encontra para o Vietname. Os riscos para a paz decorrentes de qualquer aventura — na qual o povo norte-americano se pode ver envolvido sem que a sua opinião pública disso seja informada — são evidentes para todos. A URSS já advertiu que considera a zona do golfo como de sua segurança (o que, diga-se de passagem, se justifica muito mais do que idêntica declaração feita ainda na Administração Carter pelos EUA).

Depois da venda dos «AWAC's», os sauditas deixam de ter razões de queixa dos EUA, e o Pentágono fica com as mãos inteiramente livres para continuar as suas transferências. É certo que o plano Fahd está metido no «pacote» de exigências que os sauditas fizeram aos norte-americanos para servirem de novos xás. Também é certo, que, ao contrário do que os Estados árabes e as organizações palestinas mais radicais entendem, esse plano contém virtualidades tais que a sua aplicação significaria, sem dúvida, uma mudança de vulto na situação no Médio Oriente.

Mas neste negócio quem fica a perder são os sauditas. Porque quanto mais brinquedos sofisticados militares adquirirem aos EUA, mais dependem de Washington, menos força de negociação detêm. E o plano Fahd visivelmente não é para amanhã. Já se viu como os americanos e os israelitas conseguem entreter um Estado árabe «amigo e aliado» com planos de paz. Para os EUA, a tática de se aliar é ir apertando o garrote. O poderoso negociador de hoje torna-se no fantoche de amanhã, porque aquilo que ele exige leva tempo, encontra oposições, requer demoradas negociações, enquanto aquilo que o Pentágono oferece em troca, leva muito menos tempo a criar uma dependência asfixiante.

É certo que a Arábia Saudita apresenta evidentes sinais de «síndrome iraniano». Disso estão bem conscientes os norte-americanos, de tal modo que Reagan, numa conferência de imprensa transmitida pela TV, e destinada a servir de pressão para forçar o Senado a consentir na venda dos «AWAC's», declarou que os EUA nunca permitiriam que o seu aliado saudita se transformasse num Irão. O que torna as coisas muito mais graves ainda. Porque pode acontecer que, face a qualquer tentativa de «alteração da ordem interna saudita», os EUA se decidam a ir ao tal armazém de munições, que têm à mão de semear na terra wahabita. E tudo — o pior de tudo — podia acontecer para segurar no trono cinco mil príncipes de um país desértico do golfo. Um deputado trabalhista britânico ousou apelar a Reagan de «cretino incoerente». Cretinos e incoerentes podemos nós considerar os políticos de esquerda que escondem os sinais de fumo do paiol susceptível de explodir a todo o momento, para nos embalar com cantigas de «finlandização» da Europa. Quase somos levados a acreditar nas novas histórias de bruxas: na versão que por aí circula, segundo a qual seres extraterrestres nos andam a enlouquecer a todos para nos autodestruirmos, e deixarmos este planeta ao seu inteiro dispor. Consta que esses seres andam carecidos de «espaço vital» e são imunes às radiações nucleares.

Alice Nicolau

Irão: primeiro-ministro anuncia programa

O Conselho de Ministros não poderá levar a bom termo «as missões divina e revolucionária» que incumbem ao Irão «sem o apoio popular», declarou ontem num discurso-programa o novo primeiro-ministro Hossein Mousavi.

Antes de evocar as grandes linhas da sua acção futura, Mousavi manifestou o desejo de que o Conselho de Ministros passa a ser designado por «Conselho dos Servidores do Islão e do Povo».

Expondo seguidamente os seus projectos, nomeadamente em matéria de economia e de política estrangeira, o primeiro-ministro considerou que o primeiro problema do Irão é a guerra com o Iraque. «O desfecho desta guerra do Islão contra a heresia determinará o destino do Islão no mundo inteiro», disse.

No plano económico, Mousavi garantiu que o sector privado «poderá prosseguir as suas actividades sem preocupações no âmbito da Constituição». «Não tencionamos transformar o Estado num grande patrão», precisou.

No plano interno, o primeiro-ministro insistiu no problema da segurança. «Sem a presença do povo — declarou — jamais o Governo e as forças da ordem estariam em posição de resistir às vagas contra-revolucionárias».

Abordando por fim o capítulo da política estrangeira a que se dedicou nos últimos quatro meses, indicou «desenvolveremos todos os esforços para não nos desviarmos uma polegada da palavra de ordem 'Nem Leste Nem

Oeste'». Anteriormente considerava que esta atitude era igualmente válida em matéria económica.

O primeiro-ministro indicou, entretanto, que a «Frente Islâmica» e a questão palestina serão dois vectores importantes da diplomacia iraniana. «O nosso Governo — disse — jamais aceitará uma plataforma na questão palestina, já que não se trata de uma questão territorial mas de um problema que diz respeito ao Islão».

Entretanto, de acordo com o

jornal «República Islâmica» na sua edição de quinta-feira, sete pessoas foram executadas e mais doze morreram em atentados e confrontos durante os últimos três dias no Irão.

Segundo o jornal, os executados foram quatro membros do Partido Democrata Curdo Iraniano (PDKI), por «participação nos recentes confrontos armados de Mahabad», o Azerbeidjão, dois «Hipócratas» (Mudjahidin), um dos quais, segundo o jornal, foi denunciado pela sua própria mãe, e um adúltero.

Africanos lutam por Salim na ONU

Todos os países africanos atacaram ontem, os Estados Unidos pela sua oposição à eleição do tanzaniano Salim Salim para o cargo de secretário-geral da ONU.

Os embaixadores dos 50 países africanos reuniram-se na sede das Nações Unidas e, num comunicado, apelaram a Washington para que retire o seu veto ao ministro tanzaniano dos Negócios Estrangeiros.

Pediram também à França e à Grã-Bretanha, que até agora se têm absteído na votação, para votarem a favor de Salim Salim.

O actual secretário-geral, o austríaco Kurt Waldheim, procura obter um terceiro período de cinco anos, mas a sua candidatura foi vetada pela China nas seis votações realizadas.

Waldheim alcançou mais votos do que Salim em todas as votações, mas a China e os paí-

ses africanos acham que o novo secretário-geral deve ser originário do Terceiro Mundo.

No comunicado dos embaixadores declara-se ser imperativo que todos os membros do Conselho de Segurança apoiem a candidatura da África.

Meios diplomáticos europeus comentaram que se trata de uma acção «sem precedentes» por «se imiscuir» nas competências do Conselho de Segurança.

exclusivo

O pacifismo na Europa:

2- Holanda: da "holandite" à "europeíte"

■ Claire Tréan

□ Le Monde

A campanha promovida na Alemanha Federal contra os euromísseis da NATO tem um novo cariz de simpatia pelo neutralismo. Na Grã-Bretanha, uma maioria do partido Trabalhista pronunciou-se a favor do desarmamento nuclear unilateral e o movimento ganha votos também entre os liberais.

A Holanda e, em menor medida, a Bélgica, não estão fora desta campanha.

HAIA - Num pequeno imóvel dum bairro tranquilo de Haia, Mient Jan Faber, jovem secretário-geral do Conselho Interconfessional para a Paz (I.K.V.), confunde o mundo com a segurança dos oradores habituados às perguntas dos cépticos. É preciso «dar novas cores à Europa», afirma, proceder de modo a que o ambiente deste continente seja mais «descontraído», de modo a sair da bipolarização. A mensagem do I.K.V. aos povos europeus é: «do it yourself», assumam as vossas responsabilidades, como puderem, onde quer que estejam. No secretariado internacional da organização não há mãos a medir: espera-se senadores americanos, prepara-se a vinda de representantes da Igreja Evangélica da Alemanha de Leste e o envio de uma delegação à grande manifestação pela paz em Bona, organiza-se a união com as comunas britânicas que, no seio do movimento, «free your own village», se opuseram à instalação de qualquer arma atómica no seu território.

organizações pacifistas, confessionais ou não, dos pequenos partidos de extrema-esquerda, mas também do partido socialista, dos radicais de esquerda, de Democracia 66 e, a título individual, de membros do Partido Democrata-Cristão (C.D.A.), dá uma ideia do impacto do movimento pela paz naquele país. Estas três formações participavam do governo que, constituído em Setembro depois de mais de três meses de difíceis negociações, se demitiu em 16 de Outubro, devido a divergências sobre as questões económicas. A pedido da rainha Beatriz, estes três partidos tentam actualmente encontrar um novo acordo de governo que evite levar outra vez os eleitores às urnas.

Criado em 1966 por nove igrejas que o financiam, o Conselho Interconfessional para a Paz trabalhou tão bem em profundidade que está prestes a ganhar a batalha dos euromísseis. Em 1977, o I.K.V. lançava uma campanha sobre o tema: «Fora com as armas nucleares do mundo e, em primeiro lugar, fora da Holanda». O êxito foi de imediato conside-

causa a dissuasão nuclear enquanto tal, com o apoio, daí em diante, da maioria da população holandesa. Um passo considerável foi dado em 1962 quando a Igreja Reformada, maioritária na Holanda, condenou a utilização das armas nucleares não fazendo no entanto alusão à sua posse.

Estes êxitos valeram ao Movimento pela Paz alguns ataques. Em declarações à imprensa americana, um eminente perito em relações internacionais descrevia-o na última Primavera como uma doença, contagiosa e vergonhosa, que classificava de «holandite» para acentuar que o foco do mal era especificamente holandês. Mais recentemente, Joseph Luns, secretário (holandês) da NATO, acusava o I.K.V. de ser financiado por Moscovo, citando umas linhas dum relatório da C.I.A. como prova da sua afirmação. A questão deu tanto barulho que o ministro do Interior interveio para acabar com o que considerou «calúnias» e para defender os movimentos do tipo do I.K.V. que, afirmou, «constituem um enriquecimento da democracia parlamentar holandesa».

Quanto à «holandite» tornou-se uma «europeíte», e aqueles que iam até ao século dezassete para encontrar a fonte do mal na tradição neutralista ou calvinista da Holanda, tiveram que renunciar às suas pretensões. O luteranismo, o catolicismo, deram já provas nesse plano, há alguns meses, nomeadamente na República Federal da Alemanha.

Com ou sem a NATO?

Em todo o caso e por natureza, o pacifismo é mais «fácil» na Holanda que em qualquer outro lado. Pequeno país que já não tem a pretensão de pesar no concerto mundial, em particular nas relações entre os Dois Grandes, a Holanda pode também mais à vontade permitir-se certas liberdades, quer se trate de condenar os atentados aos direitos humanos no Este ou de se distanciar da NATO. «Encontramo-nos na segunda linha estratégica», acrescenta Samuel Rozemond, director-adjunto para as questões de segurança (N.I.V.V.), por isso nos podemos permitir alguns desvios, na esperança de que outros se ocupem da nossa defesa.

Quanto a J. Faber, é a partir dessa situação de «pequeno país» que ele define o papel do pacifista holandês: «Se a Holanda optasse pelo desarmamento nuclear, a situação militar internacional não seria consideravelmente modificada. Mas isso seria indicativo de uma nova direcção. Não colocamos todos os Estados europeus no mesmo plano, e não nos batemos, por exemplo, pela desnuclearização da Alemanha. Tudo quanto podemos fazer é auxiliar os movimentos pela paz na R.F.A. a promover uma segunda fase do desanuviamento».

«Este movimento para a paz deve ser ambivalente», prosseguiu o dirigente do I.K.V. Não pretendemos um futuro soviético e os aplausos que nos vêm desse lado incomodam-nos. Mas queremos sair do sistema dos blocos. Damos igual apoio ao Solidariedade da Polónia e aos adversários da corrida aos

armamentos na Europa Ocidental.»

A questão de pertencer à NATO raramente foi trazida a público pelas diversas componentes do movimento, quer se trate do I.K.V., do grupo «Detenham a bomba de neutrões e a corrida aos armamentos», criado em 1977 por alguns membros do Partido Comunista, ou do Movimento das Mulheres para a Paz, em que estão reunidas todas as organizações femininas, das

cialmente este interregno permitia a realização de negociações este-oeste. De facto, van Agt, o primeiro-ministro, não tinha poderes para aceitar tal e qual a resolução da NATO à qual é pessoalmente favorável. Uma dezena de parlamentares democratas-cristãos haviam-se juntado à oposição de esquerda para uma moção de condenação dos euromísseis. Van Agt, que não pudera fazer prevalecer o seu ponto de vista como chefe de

desenvolvimento mas sobre o próprio princípio da modernização das armas de médio alcance.

É quase certo, nestas condições, que o chefe do governo proporá apenas um novo adiamento da decisão holandesa. Se os aliados manifestarem a sua impaciência, só vão contribuir para precipitar uma decisão negativa que se vai reflectir, entre outros, no congresso do S.P.D. em Munique, em Abril. «Jogare-



Manifestação pacifista em Amsterdão

mais conservadoras às mais feministas. Mas este silêncio é comandado por considerações táticas; porque não pretende ir contra a opinião centrista. «De facto», calcula Rozemond, «se recusarmos a estratégia militar da NATO e o sistema de dissuasão, ficam poucos argumentos para permanecermos na Aliança Atlântica».

«Jop Atom»

Esta questão ocupa desde há dois anos o cerne dos debates do Partido Socialista, no qual a permanência na NATO já só é aprovada por uma maioria cada vez mais fraca. O facto de se terem integrado no I.K.V. numerosos membros dum partido mais intelectual e menos operário do que no passado, faz-se sentir. Antes das eleições de Maio último, Jop Den Uyl, seu dirigente, receava de tal maneira que uma maioria das suas hostes se pronunciasse pelo desarmamento nuclear total e unilateral da Holanda, que pôs em jogo a sua posição de cabeça de lista. Tudo o que conseguiu, além da alcunha de «Jop Atom», foi que o partido aceitasse finalmente a permanência pelo menos provisória de certas armas nucleares na Holanda, mas recusasse categoricamente os euromísseis.

Em 1979, por ocasião da reunião da NATO em Bruxelas, o anterior governo holandês adoptara uma posição de expectativa que foi também a da Bélgica: um sim de princípio à modernização, mas o adiamento de qualquer decisão sobre o desenvolvimento de novos mísseis. Ofi-

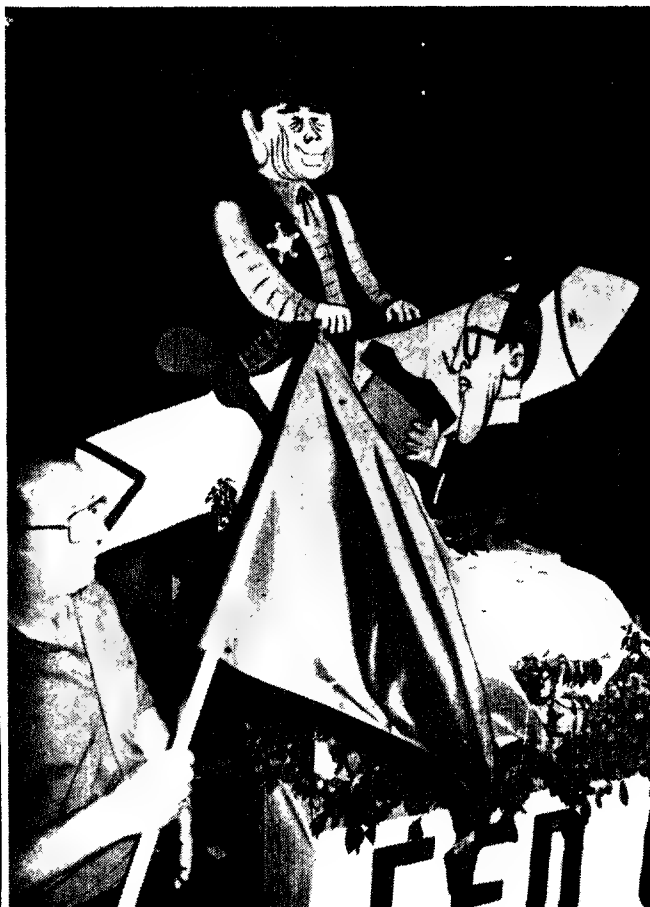
uma coligação de centro-direita, menos ainda o pôde, como chefe do governo de centro-esquerda, formado a 11 de Setembro, com os radicais de esquerda e os socialistas.

O C.D.A. está dividido entre os fieis ao primeiro-ministro demissionário e aqueles dos seus membros que mantêm contactos com o I.K.V. ou são mais ou menos receptivos às suas teses. A necessidade de surgir como partido do centro é para ele vital, e não se pronunciará. A tentativa estimulada pelo governo anterior para sair do impasse, trocando-o por uma atitude mais positiva em relação às armas euroestratégicas, contra uma redução do número de armas de curto alcance, consideradas mais perigosas, foi comprometida pela participação dos socialistas na nova coligação. A Democracia 66 por seu lado, fortemente influenciada pelos movimentos para a paz, apenas difere porque defende um desarmamento progressivo dentro da NATO e não fora dela. A sua posição assenta hoje sobre três pontos: não, «de momento», ao abandono das armas estratégicas; não, «de momento», aos euromísseis; sim à retirada, unilateral se necessário for, das armas de curto alcance.

O primeiro-ministro, quem quer que ele seja, terá a difícil tarefa de anunciar em Dezembro à NATO a decisão da Holanda. Uma resposta positiva sobre o desenvolvimento dos mísseis de cruzeiro está excluída. Os movimentos para a paz exigem quanto a eles uma tomada de posição negativa não só sobre o

mos com o tempo», calcula Rozemond. «Com o pretexto, provavelmente, de que os Estados Unidos não produziram essas armas e têm de qualquer modo de as enviar à Itália e à República Federal da Alemanha, antes da Holanda. Se se mantiver a coligação entre socialistas, democratas-cristãos e radicais de esquerda, nenhuma decisão será tomada antes da primavera de 1985. Mesmo na hipótese de o governo que lhe suceder aceitar o princípio do desenvolvimento dos mísseis, por volta de 1986, seria ainda preciso dois anos para preparar as bases...»

Para além desta quase vitória dos pacifistas, mais importante talvez é o fenómeno social que está na sua origem: a consciencialização da maioria da população holandesa de que não sobreviveria a um conflito nuclear caso a dissuasão fracassasse. «As decisões em matéria de armamento e segurança, afirma Krohnstamm, deputado da Democracia 66, estão, de qualquer modo, democratizadas, graças à acção de organizações como o I.K.V. ou dos órgãos de comunicação de massas. Mas à medida que aumentava o conhecimento do que pode ser o nosso destino atómico, o medo aumentava também. Estamos agora sobre a corda bamba: quanto tempo poderão as pessoas viver nesse receio? Durante quanto tempo os políticos vão poder tomar decisões? Creio que, se não se encontrar outro sistema de defesa ou outro método de diálogo com o Leste, a corda, nos próximos anos, acabará por partir-se.»



Protesto contra a Nato em Madrid

«Do lado francês, é desesperadamente o silêncio», refere de passagem J. Faber.

Prepara-se também activamente a grande concentração que, a 24 de Novembro, em Amsterdão, deve exigir ao governo holandês que dê o «não» categórico à implantação de quarenta e oito mísseis de cruzeiro na Holanda. A participação nessa concentração, a par das

rável.

Quase na mesma altura, começava o debate sobre a bomba de neutrões. O I.K.V. alterava-se assim se pode dizer - a sua opinião e contestava em primeiro lugar o facto de essa nova arma ser utilizável. Dois anos depois dava novo impulso ao movimento a favor da decisão da NATO sobre os sistemas de médio alcance e punha em

Hoje é Dia Mundial da Poupança • Hoje é Dia Mundial da Poupança

Queremos a felicidade ou o consumo desnecessário?

Comemora-se hoje o Dia Mundial da Poupança.

A iniciativa, que decorre sob os auspícios da Organização das Nações Unidas, pretende alertar as pessoas e as sociedades para uma realidade que caracteriza o mundo contemporâneo: a escassez de bens relativamente às necessidades a satisfazer.

Em 1973, com a primeira crise petrolífera, o Ocidente via-se confrontado com a morte de um sonho acalentado durante algumas décadas: o crescimento sem limites não é possível, os recursos disponíveis são limitados e a busca de alternativas energéticas e de modos de vida, uma necessidade imperiosa.

Os ministros passaram a aparecer com frequência crescente nos ecrãs de Televisão: «Alto ao desperdício! Reduzam o aquecimento, apaguem as luzes ao sair, não circulem tão depressa, sejam razoáveis!».

Tornava-se necessário descobrir novas formas de revitalizar o sistema produtivo através da aplicação dos recursos poupados na produção e multiplicação de riquezas.

Com efeito, tudo apontava para essa necessidade.

O fosso entre sociedades ricas e pobres ampliou-se. De um lado, os que consomem até ao esbanjamento inútil e improdutivo, num processo de empobrecimento a prazo. Do outro, os que, não têm sequer oportunidade de observar e pôr em prática o processo de sementeira mais simples, que mostra que deixando em cada ano parte dos grãos por consumir, se pode perpetuar o processo de produzir, colher e consumir.

Esta lição tarda em ser compreendida. A crise mundial, de que a energia não é mais do que um aspecto particular – e vital –, é um sintoma da crise dos valores culturais e da organização das sociedades.

O facto de serem os mesmos que ontem geriram a abundância, a gerir hoje a penúria, não altera em nada a realidade.

Na base, uma mesma constatação: o consumo de bens e serviços mercantis não traz a felicidade aos homens.

Os americanos, que consomem cinco vezes mais de electricidade do que os franceses, são porventura cinco vezes mais felizes?

As respostas são, naturalmente, diversas e não raras vezes, radicalmente antagónicas.

Para alterar, não se trata apenas de alterar a forma jurídica e política da actual organização social, mas de transformar esta forma de técnica centralizada e hierarquizada, cujo símbolo por excelência é a energia nuclear, defendida por governos e oposições como solução-milagre para

a presente crise» (Manual da Vida Pobre).

Neste contexto, urge passar da «sociedade técnica» às sociedades «convivenciais», que não pressupõem, evidentemente, uma regressão tecnológica.

A pobreza não é a miséria:

«Se é desejável consumir menos bens, é na esperança de viver melhor. As verdadeiras riquezas não são os ordenamentos inúteis, os carros de combate, nem as lâmpadas eléctricas especialmente estudadas para «morrer» ao fim de mil horas. Ao inundar-nos com o supérfluo, a sociedade técnica priva-nos do necessário, ao mesmo tempo que nos submete aos seus valores: autoridade, hierarquia, dominação, trabalho, repressão, agressividade».

Outros insistem na necessidade de poupar, de multiplicar a utilidade dos recursos poupados, empregando-os na produção de nova riqueza. Ou seja, investir.

Diversas são as formas de poupança e diversos, também, os mecanismos de a orientar para a produção.

A forma mais comum é a poupança de recursos monetários, e o mecanismo de aplicação produtiva mais conhecido é o sistema bancário, constituído pelos diversos estabelecimentos, cuja função essencial é receber depósitos e efectuar empréstimos.

Esta, em síntese, a resposta que o actual sistema económico e social tem para dar.

Dentro das múltiplas formas de poupança monetária, é ainda usual distinguir a pequena poupança, também chamada «poupança dos pequenos aforradores», forma mais expressiva do acto de poupar e do apelo que, nesse sentido, é lançado às populações.

Desde o início do desenvolvimento da actividade bancária que se registou a criação de estabelecimentos próprios com essa finalidade específica.

Em Portugal, o mais antigo é a Caixa Económica de Lisboa, anexa ao Montepio Geral, fundada em 1844, de que falaremos noutra texto.

Através do mecanismo bancário, a poupança das comunidades torna-se motor do processo económico.

«Em todas as actividades produtivas, da pesca ao comércio, da agricultura à produção de energia, da pecuária à siderurgia, no sector público, nas áreas essenciais da educação, da saúde e das obras públicas, na importação como na exportação, a organização da vida económica exige recursos. Eles são essenciais para uma produção suficiente, para a satisfação das

necessidades das populações e para melhorar a qualidade de vida».

Nesta perspectiva, a melhoria do grau de satisfação das necessidades humanas é impen-sável sem um elevado grau de aforro.

Os defensores desta opção consideram que as dificuldades tiveram o mérito de «fazer olhar em redor e atentar nas vastas zonas do mundo onde campeia a miséria, onde importa levar mais do que as promessas mais ou menos farisaicas dos todo-

-poderosos onde, como no velho provérbio chinês, é preciso não dar um peixe, mas ensinar a pescar», onde seria decisivo o em-prego das somas fabulosas que todos os dias se despendem em armas e material de guerra».

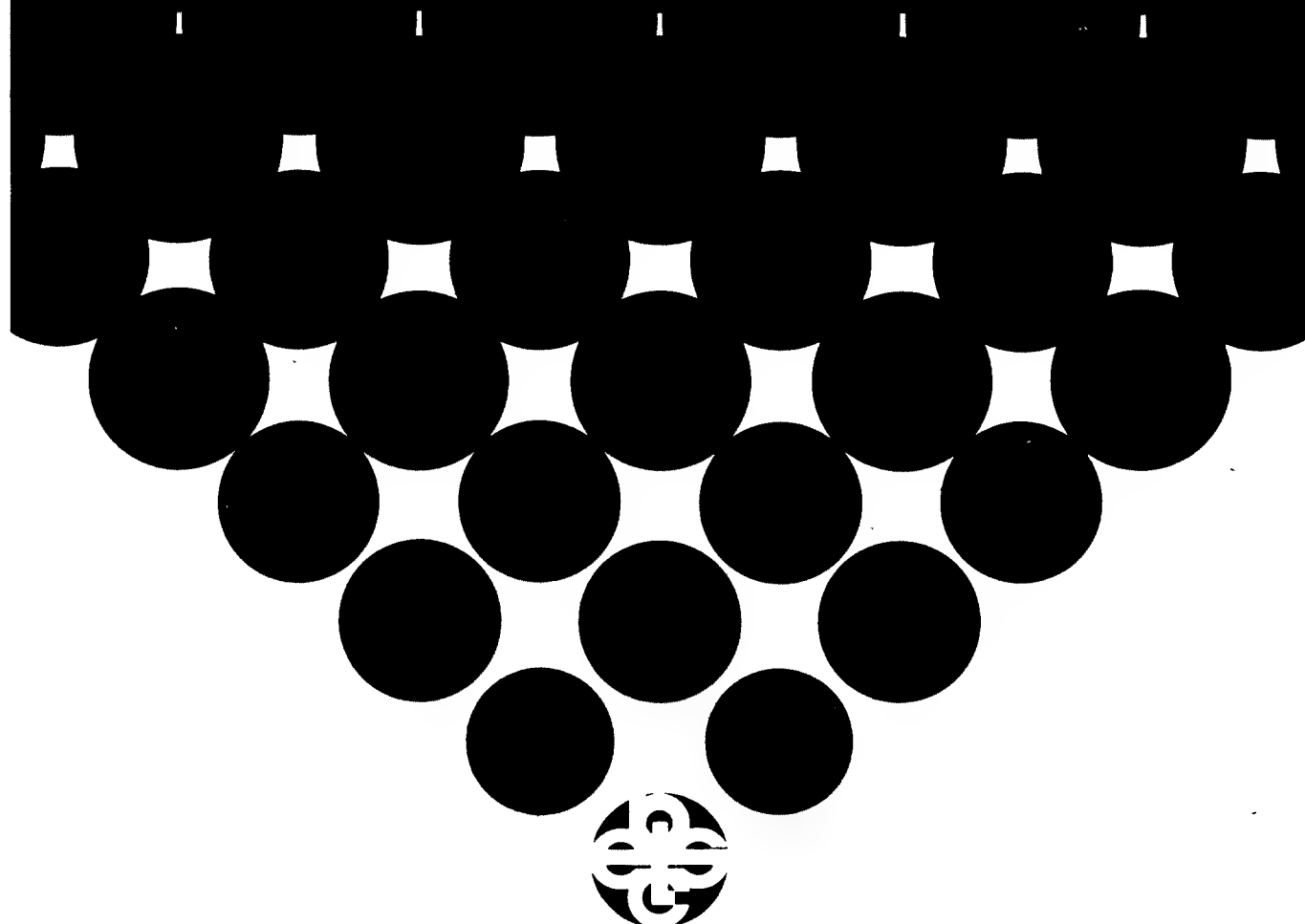
Poupar para consumir quando falta, poupar para distribuir onde falta. Mas acima de tudo, poupar para produzir, para desenvolver, para melhorar.

É esta a «lição» do Dia Mundial da Poupança. Que cada um decida os caminhos que deseja trilhar.



Poupar com os olhos no futuro: uma preocupação (quase) tão velha como a espécie humana

NA RECOLHA DE POUPANÇAS PARA A CONCESSÃO DE CRÉDITO SELECTIVO APOIAMOS O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO NACIONAL



BANCO ESPIRITO SANTO
E COMERCIAL DE LISBOA

EXTERNATOS

SÊNECA
SEBASTIÃO DA GAMA

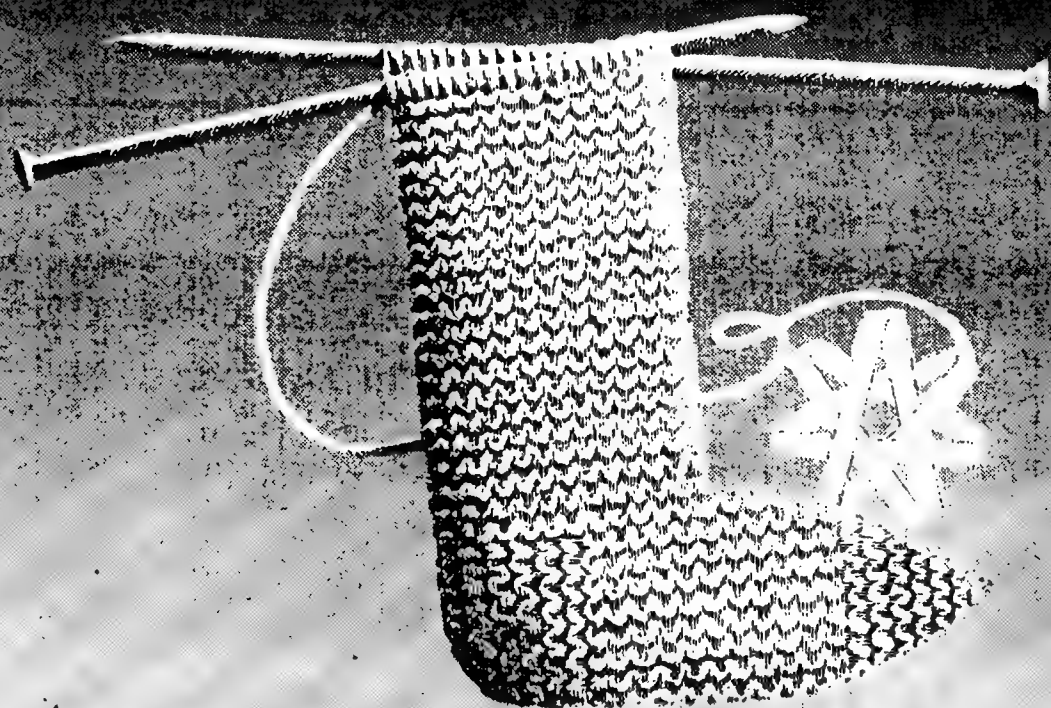
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL
COMPLEMENTAR – AD HOC

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º - 1100 LISBOA TEL. 4 00 92
AV. ALMIRANTE REIS, 106 - 1.º E 2.º - 1100 LISBOA TEL. 82 27 76



Hoje é Dia Mundial da

Poupar para criar



Da poupança nasce riqueza.
Riqueza criada por cada um.
Transformada em riqueza produtiva.
Em progresso para todos.

DIA MUNDIAL DA POUPANÇA



Banco de Fomento Nacional

Um pouco de história

Da Caixa Económica de Lisboa às modernas instalações de crédito

A poupança é «a parcela do rendimento que não é consumida», explica a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura.

Entre as principais tipologias, há que distinguir entre a poupança de tesouraria (não consumida para fazer face a futuras despesas de consumo), a poupança entesourada, mantida em estado líquido (dinheiro ou espécies equivalentes) e a poupança aplicada, convertida em bens duradouros (mediante aquisição de activos duradouros já existentes — transferência; investimento, aquisição de capital novo ou pra reconstituição do capital existente, ou aplicação financeira em títulos representativos de capital, novo ou pré-existente).

Para os economistas clássicos, representava uma fonte de acumulação do capital, sendo por esse motivo causa de expansão da riqueza futura, a qual derivava da acumulação de capital pelos sujeitos económicos e por toda a nação.

Keynes veio, entretanto, pôr em destaque a circunstância de haver em muitos casos poupança não investida, que estaria na origem do desemprego dos recursos produtivos de uma economia.

Isto resultava de nem toda a poupança ser feita para investimento, mas para transacções, para especulação ou, sobretudo, por precaução.

As caixas Económicas surgem como instituições aptas a mobilizarem as pequenas poupanças, fomentando a respectiva utilização, através do seu emprego reprodutivo e da restituição com juros. Além das caixas públicas, existem também caixas privadas de aforro, que não concedem créditos, recolhendo depósitos, e caixas de crédito (instituições especiais de crédito).

As caixas privadas são estabelecimentos especiais de crédito podendo assumir forma cooperativa, estando neste caso desprovidas de fins lucrativos.

A instituição surge como carácter humanitário. Apesar de

datarem de 1836 as primeiras tentativas da sua introdução em Portugal, só foram regulamentadas pela Lei de 12 de Março de 1845, tendendo na segunda metade do século XIX a assumir funções bancárias.

Em Portugal, entre mais de duas dezenas de Caixas Económicas registadas por Sousa Franco na citada Enciclopédia, avulta o movimento da Caixa Económica de Lisboa, associada ao Montepio Geral.

No entanto, o maior volume de depósito deste tipo cabe a um estabelecimento bancário do Estado, a Caixa Geral de Depósitos.

Associação de Socorros Mútuos, instituição de previdência da terceira das categorias definidas pela Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, o Montepio Geral tem como fins o estabelecimento de pensões de sobrevivência e dotes, capitais de Previdência, pensões de reforma, subsídios por morte e facilidades e garantias para resolução do problema habitacional dos sócios.

É para a realização destes objectivos que surge a Caixa Económica de Lisboa.

Concebido como Montepio Literário, constituído por alvará de 24 de Agosto de 1840 em Montepio dos Empregados Públicos, em 3 de Janeiro de 1844 transforma-se em Montepio Geral, sendo criada a Caixa Económica.

No fim do século XIX, expande-se e atinge relevo até 1916, entrando depois em declínio.

Após vicissitudes várias, recompõe-se nos anos 30 e 40. Até 1965, regista uma quebra da população associativa. Depois de 1966, acentua-se o crescimento do Montepio Geral, que incorpora o Montepio Madeirense.

Actualmente, são as instituições de crédito que, recolhendo as poupanças, as centralizam e projectam na actividade económica, através do crédito concedido.

Continua na pág. 18



ALIANÇA SEGURADORA



O SEGURO É UM MEIO DE POUPANÇA

Poupança • Hoje é Dia Mundial da Poupança • Hoje é Dia Mundial da Po

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Poupança e crédito duas faces da mesma realidade

No actual processo de desenvolvimento económico, o incentivo à formação de poupança constitui um dos instrumentos mais eficazes para o controlo da actividade produtiva do nosso País.

Em traços gerais, a poupança pode encarar-se como sendo o diferencial entre o rendimento nacional gerado na economia e as aplicações em investimento e consumo.

Perante uma situação que, progressivamente, vem assumindo características quase estruturais, da qual se destacam os elevados défices da balança de pagamentos e as altas taxas de inflação, as medidas de orientação da economia passam, necessariamente, pelo acompanhamento muito de perto destes dois indicadores, em que o papel da poupança é fundamental. Assim, e no que respeita aos re-

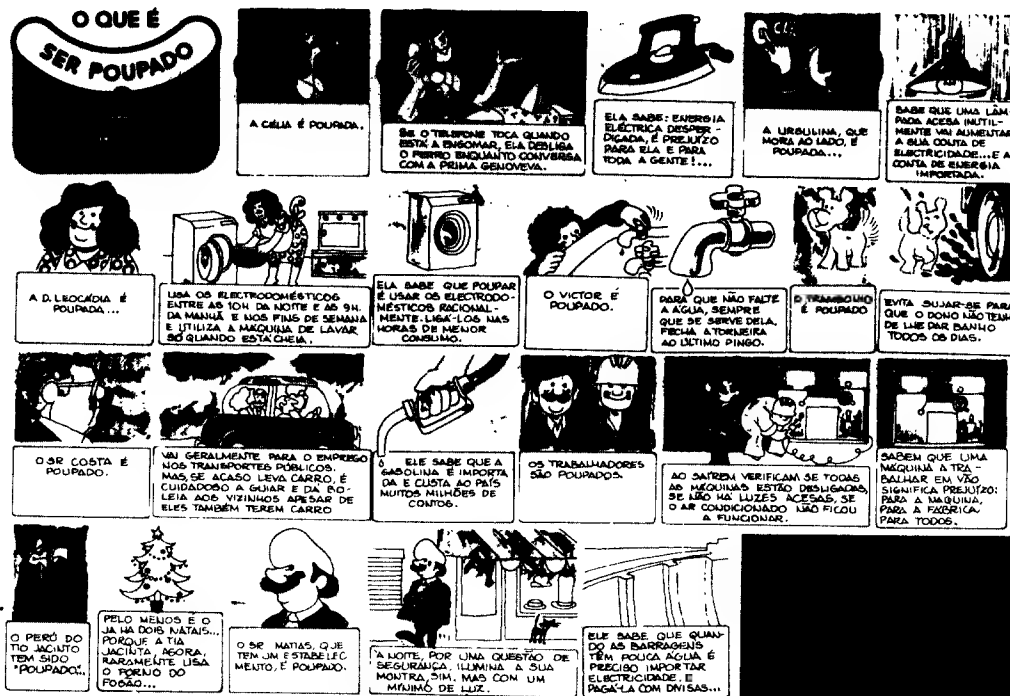
flexos esperados na balança de pagamentos pelo aumento dos incentivos à formação de poupança, a tendência será para um abrandamento da importação de certos bens de consumo, com consequente melhoria do respectivo saldo. Um menor consumo proporcionará também efeitos benéficos ao nível da inflação, registando-se deste modo uma decompressão da procura.

Mas, constituindo a poupança uma parte dos recursos gerados na economia e quantificados no valor do rendimento nacional, indispensável é que estes recursos não fiquem inertes e contribuam para a criação de riqueza. O papel que as instituições de crédito representam neste processo pode considerar-se fundamental.

Renumerando com juros atractivos as poupanças dos particulares, a Banca assume-se

como um dos principais orientadores da economia. Pela sua distribuição de agências em, praticamente, todo o espaço nacional, a respectiva capacidade de influência ao nível das economias regionais é muito significativa.

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, cujo posicionamento na estrutura bancária em Portugal o qualifica como um dos principais Bancos comerciais, contribui, através das suas 124 agências implantadas em todo o País, para o incremento da criação de poupança por via da remuneração dos depósitos dos seus clientes e para a consequente e adequada distribuição de crédito, orientando os investidores para os sectores que mais interessam à economia nacional e favorecendo a expansão da produção sobretudo das actividades industriais e agrícolas.



Técnicos Gestão e Contabilidade Pública

Guiné-Bissau

- Precisa-se para integrar equipa reorganização serviços públicos durante dois anos.
- Remunerações compatíveis com curriculum a apresentar incluindo subsídio em Portugal e despesas locais pagas.

O seu comboio do Algarve
Agora todos os dias rápido «Sotavento»

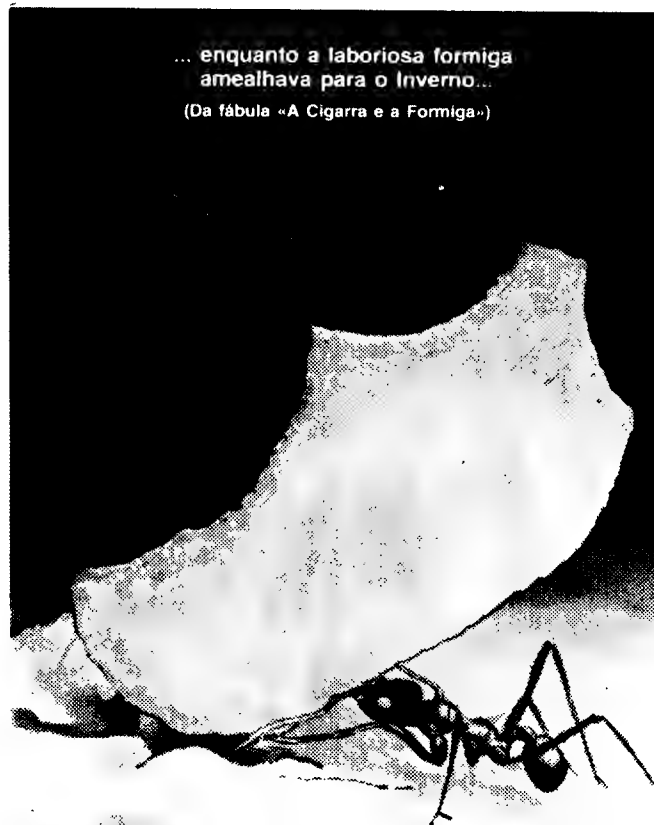


Desde 27 de Setembro, durante todo o ano (mesmo aos Sábados e Domingos), a CP põe ao seu dispor um serviço de qualidade na ligação Lisboa/Algarve/Lisboa através do rápido «Sotavento».

CP Caminhos de Ferro Portugueses

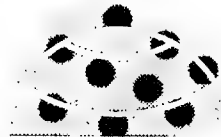
NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

A poupança é fonte de riqueza.
E poupar não significa, apenas, evitar despesas supérfluas.
É, também, não desperdiçar.
Converter a poupança em depósitos
é contribuir para aumentar o crédito.
É criar mais riqueza amanhã.
Por isso, a Caixa Geral de Depósitos celebra
o DIA MUNDIAL DA POUPANÇA.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



cambridge school

*A única
Escola de Línguas
que lhe oferece
tão grande variedade
de cursos*

- Cursos básicos, em grupo, de Inglês, Francês e Alemão
- Cambridge First Certificate
- Cambridge Proficiency
- Inglês para «Executive Secretaries»
- Cursos VIDEO
- Cursos especiais para crianças
- Cursos intensivos
- Cursos de preparação para exames dos Institutos Francês e Alemão

— Cursos individuais para homens de negócios e pessoas de todas as profissões, em Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano e outras línguas.

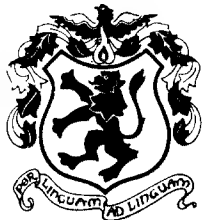
- Português para estrangeiros.
- Cursos especiais para empresas.
- Cursos no estrangeiro durante todo o ano.

Cambridge Executive School no centro da capital e ainda 5 outras escolas bem localizadas em Lisboa, Almada e Porto.

Professores da nacionalidade.
Pequenos grupos.
Métodos modernos.
Aulas práticas de conversação.

Inscrições abertas ao longo do ano.

Para mais informações contacte entre às 9h e às 21h.



LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR.
TEL. 88 45 44 - 89 96 01 — 1000 LISBOA
LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º
TEL. 55 47 80 - 56 47 89 — 1200 LISBOA
BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5º DIR.
TEL. 70 43 29 - 70 36 38 — 1500 LISBOA
ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1º
TEL. 276 02 34 - 275 3218 — 2800 ALMADA
PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º
TEL. 56 03 80 - 56 11 30 — 4000 PORTO.

CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL
AV. DA LIBERDADE, 173-4º — TEL. 413 52 - 57 60 30 — 1200 LISBOA

Hoje é Dia Mundial da Poupança • Hoje é Dia

Um pouco de história

Continuação da pág. 16

Ao captar depósitos e conceder crédito selectivo, estão os bancos a contribuir decisivamente para a formação de poupança e para o desenvolvimento económico do país.

Assim, dada a escassez de recursos face ao rápido crescimento da população, os agentes económicos terão de ter plena consciência da responsabilidade «social» envolvida na tomada de decisões de afectação dos seus recursos, no sentido de que poderão contribuir para a redução

dos níveis de bem-estar já não só das gerações actuais, mas principalmente das gerações futuras.

No entanto, tal responsabilidade não funciona de modo unívoco, antes pertencendo a um sistema de responsabilidades mais amplo, em que o papel de maior relevo terá de ser desempenhado pelas autoridades governamentais, a quem compete criar condições favoráveis ao desenvolvimento do aforro. De entre estas condições, destacam-se as seguintes:

— definição clara de uma po-

lítica de longo prazo que faculte aos aforradores um quadro de referência para as suas decisões.

— estabilidade ou evolução moderada dos preços.

— institucionalização de alternativas válidas e atractivas, remuneradoras do esforço de poupança e que possibilitem a sua canalização para o investimento.

Em Portugal, este problema põe-se presentemente, embora com enorme acuidade, uma vez que, ocupando um lugar bastante modesto em termos de poupança média

por habitante, aliás em perfeita sintonia com o seu grau de desenvolvimento, enfrenta fortes carências quer a nível da satisfação de necessidades básicas, quer a nível do próprio aparelho produtivo.

Assim, torna-se indispensável a adopção deliberada de uma política económica que incentive a formação de poupança interna, a níveis consentâneos com o esforço de investimento requerido nos sectores sociais e produtivos, de modo a que, a prazo, tais carências possam ir sendo gradualmente resolvidas.

31 DE OUTUBRO - DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

Poupar hoje para colher amanhã

O Crédito Predial Português
oferece-lhe as maiores taxas de juro, ajudando-o a poupar melhor.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

Quatro anos de conversações

Portugal-Guiné: finalmente está perto acordo de pescas

Já era tempo: ao cabo de quatro anos de conversações, Portugal e a Guiné-Bissau vão, finalmente, constituir duas empresas mistas de pesca, apurou o «DL» de fonte segura. De Bissau, entretanto, a ANOP completa a informação, adiantando que uma das empresas ficará na capital guineense e outra em Lisboa.

A actividade da empresa com sede em Bissau será a da pesca do camarão, enquanto a de Lisboa se dedicará à sua comercialização nos mercados internacionais. Como contrapartida de compensações que o projecto lhe atribui, Portugal vai por sua vez construir um edifício para o Ministério do Comércio e Pescas em Bissau.

A empresa de pescas de Viana subscreverá os 50 milhões de escudos do capital social da empresa de Lisboa, enquanto a de Bissau entra com um capital inicial de 20 milhões. Portugal vai adquirir e fretar à Guiné-Bissau

oito barcos de pesca no valor de 220 milhões de escudos, que constituirão a frota da empresa local.

Portugal assumirá o compromisso de cooperar também com a Guiné-Bissau no desenvolvimento da pesca artesanal, enviando meios e instrumentos adequados para o incremento da pesca fluvial e nos braços de mar. O processo de constituição das duas empresas chegou a certa altura a estar comprometido por uma orientação local que dava preferência à viabilização das empresas já existentes. Nos mares da Guiné-Bissau operam três companhias mistas de pesca, duas das quais (com a França e com a Argélia) em situação económica difícil.

Ainda este ano, em Lisboa, deverão ser tomadas decisões definitivas sobre esta questão, por ocasião da visita a Portugal de Joseph Turpin, o actual ministro do Comércio e Pescas da Guiné-Bissau.

em duas palavras

● **UM MILHÃO E 800 MIL CONTOS** em marcos alemães foram concedidos à Radiotelevisão Portuguesa e ao Banco de Fomento Nacional através do KfW-Banco Alemão para a Reconstrução.

O empréstimo à RTP — um milhão de contos — destina-se à construção e equipamento de um centro de Informação: a verba canalizada para o Banco de Fomento tem por objectivo apoiar pequenas e médias empresas industriais.

Os contratos de empréstimo foram ontem assinados no Ministério das Finanças.

● **TURISMO IBERO-AMERICANO** — Representantes de 17 escolas de turismo de Portugal, Espanha, Venezuela e Brasil reuniram-se em Lisboa tendo decidido, ontem, fundar a Associação Ibérica Internacional das Escolas de Turismo. A reunião que começou no dia 28, tinha debatido a teoria e prática do ensino do turismo e adiantado a necessidade de homogeneizar a formação profissional neste sector.

A Direcção da Associação Ibérica, igualmente eleita ontem, integra Luís Echeverria Follos (presidente, cargo que ocupa também, na associação Mundial de Formação Profissional Turística - AMFORT), Hélder Rodrigues, (vice-presidente e director da Escola de Hotelaria, e Turismo de Escola Altamira, Santander) e Carlos Amado (secretário-geral permanente, que é director do Instituto de Novas Profissões, de Lisboa).

● **A FILAGRO81** quinto salão internacional da agricultura, foi ontem inaugurada em Lisboa nas instalações da FIL. O certame que decorrerá até ao dia 8 de Novembro conta com 117 expositores portugueses 142 estrangeiros, 61,7% do total dos pavilhões apresentam máquinas e equipamento agrícola.

Basílio Horta, ministro da Agricultura e Pescas, presidiu à inauguração do salão, defendendo na ocasião a simplificação e desburocratização da concessão de crédito agrícola.

● **CALÇADO, CURTUMES E METALOMECAÂNICA** são os sectores industriais que estão a ser objecto de análise conjunta de técnicos portugueses e da CEE na perspectiva da preparação dos respectivos «dossiers» de adesão. Os estudos principiaram em Lisboa no início da semana passada e vão agora continuar em Bruxelas, na sede das Comunidades. Estes sectores são considerados prioritários no desenvolvimento de Portugal e susceptíveis de criar alguns problemas à CEE, à semelhança dos Têxteis embora em escala mais reduzida.

● **A TAXA DE REDESCONTO** norte-americana foi ontem baixada pela Reserva Federal, passando de 14 para 13 % o que acontece pela primeira vez desde Setembro de 1980 quando as taxas de juro norte-americanas começaram a subir criando a partir de então problemas complicadíssimos à economia europeia.

Os bancos comerciais mais importantes já acusavam há meses tendência para baixar as suas taxas de juro preferenciais, sendo ideia assente que a diminuição da taxa de desconto vai facilitar o crédito nos EUA, e, consequentemente aliviar a pressão do dólar sobre as principais moedas europeias.

● **CARDOSO E CUNHA**, antigo ministro da Agricultura, surgiu ontem num texto publicado na nossa pág. 5 sobre o «caso EPAC», como sendo membro do CDS. Como é sabido, o ex-titular do MAP é militante do PSD. DO lapso apresentamos as nossas desculpas.

Feira em Pinhel febras em bolandas

A Feira Anual de Pinhel, tradicionalmente chamada Feira das Febras de Porco e das Castanhas, realiza-se este ano a 1 de

Novembro.

Uma comissão prepara-se entretanto para apresentar à Câmara Municipal o problema da

localização da Feira, tentando que esta seja transferida para outro sítio.

Localizada ao longo da es-

trada, a Feira continua a provocar engarrafamentos de trânsito dada a afluência de milhares de forasteiros.

Portugal- Espanha: cooperação nos CTT

Trinta mil pesetas aqui vinte mil escudos lá

As administrações dos CTT espanhol e português vão estabelecer a breve prazo um acordo que as isenta reciprocamente dos chamados «direitos de trânsito» e dos «encargos terminais».

A medida, como facilmente se percebe, beneficiará ambas as administrações: Portugal fica dispensado dos direitos de trânsito devidos a toda a correspondência expedida por via superfície para os 163 membros da União Postal Universal; a Espanha ficará isenta dos «encargos terminais» correspondentes ao volume de tráfego proveniente da sua área e excedente do que recebe de Portugal.

A assinatura do acordo entrará em vigor em 1 de Novembro próximo, introduzindo no intercâmbio postal que existe entre os dois países o serviço de vales e cumulativamente de correspondências e cartas com valor declarado contra-reembolso. O montante de cada vale é de 30 mil pesetas no sentido Portugal-Espanha, e de vinte mil escudos no sentido de Espanha-Portugal.

Concurso

"O Seguro e a Poupança" 1981

colaboração da IMPÉRIO no Dia Mundial da Poupança

MODALIDADE TEXTO

GRUPO I

1.º PRÉMIO

Antonio Miguel G. S. Neves de Carvalho
Lisboa

2.º PRÉMIO

Patricia de S. da Gama e Ferreira de Matos
Lisboa

3.º PRÉMIO

Celia Maria Lousa Gonçalves
Lisboa

MENÇÕES HONROSAS

Alexandra R. C. do Prado Coelho
Lisboa

Ana Paula Curado Morais
Porto

Paulo Fernando da Ponte Ferreira
Lisboa

Jorge Abilio P. da Cunha Brandão
Senhora da Hora

Fernanda Isabel Sardinha Vitorino
Lisboa

Ana Emilia Luis Paradela
Lisboa

Jorge Manuel Ramos Mourato
Lisboa

Pedro Cabral Domingues da Ponte
Nova Oeiras

Maria Madalena S. Pereira Felix
Aveiro

Luis Miguel A. da Costa
Lisboa

GRUPO II

1.º PRÉMIO

Maria Cristina Gomes Machado
Aveiro

2.º PRÉMIO

Antonio Joao Sequeira Ribeiro
Lisboa

3.º PRÉMIO

Maria de Fatima Felix Malhao
Lisboa

PRÉMIO EXTRA

Rui Amado Diogo Fernandes
Oeiras

MENÇÕES HONROSAS

Maria de Lourdes V. Ferreira Queimado
Ponte de Lima

Pedro Jose M. Cerqueira de Castro
Gondomar

Lidia Maria Marques Fernandes
Lisboa

Jose Manuel Saraiva Augusto
Ponte de Lima

Antonio Joao Bracons Carneiro
Oeiras

Fernando Manuel S. B. Monteiro Fontes
Lisboa

Rosinda Gonçalves Amorim
Lisboa

Paulo Alexandre S. Alves da Costa
Matosinhos

Paula Cristina Miranda Salgueiro
Aveiro

Teresa Isabel Fernandes
Lisboa

MODALIDADE DESENHO

GRUPO I

1.º PRÉMIO

Pedro Alexandre B. Jesus Assunção
Lisboa

2.º PRÉMIO

Rui Antonio Teixeira Saldanha
Lisboa

3.º PRÉMIO

Maria de Fatima Pinheiro
Lisboa

MENÇÕES HONROSAS

Paulo Alexandre Pinto Sampaio
Lisboa

Angela Maria da Silva Vieira
Lisboa

Marina Maria Cunha Gordo
Lisboa

Paulo Jorge Ferreira da Costa
Lisboa

Luis Miguel Garcia Lopes
Lisboa

Hermínia Conceição T. Oliveira
Lisboa

Maria Joana Antunes de Azevedo
Matosinhos

Maria Isabel Couto Cural
Matosinhos

Ana Cristina P. de Vasconcelos
Lisboa

Jose Agostinho S. Rolo Rodrigues
Lisboa

GRUPO II

1.º PRÉMIO

Paulo Sergio Costa Alegria
Lisboa

2.º PRÉMIO

Paulo Nisa
Lisboa

3.º PRÉMIO

Jorge Manuel Martinho Machado
Lisboa

MENÇÕES HONROSAS

Rogério Paulo R. Alves Taveira
Lisboa

Luis Manuel C. Carvalho da Silva
Medas - Gondomar

Jose Carlos Cabral Henriques
Lisboa

Claudia Maria Guimarães Pereira
Rio Tinto - Gondomar

Maria Dinora da Silva Ferreira
Lisboa

Joao Manuel Cunha Gordo
Oeiras

Rui Manuel Seabra dos Santos
Ancas - Anadia

Delminda Maria Seabra dos Santos
Ancas - Anadia

Manuel Jorge Dias dos Reis
Evora

Paulo Alexandre Grilo Rosado
Evora

Visite a exposição dos trabalhos
dias 5 e 6 de Novembro
no Palácio Foz

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

ANDAR Oportunidade

Por motivo à vista, vende-se andar em Oeiras, zona privilegiada, com 2 assoalhadas, despensa, kitchenett, etc. Alcatifado e forrado a papel. Particular a particular. H. expediente: T. 275 47 57; Depois 19.00 h: T. 83 65 02.

POUPE COMBUSTÍVEL

Sempre que possível
utilize os transportes
públicos.

DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

**2 RODAS 2 vezes
mais atenção!**

Mantenha sempre uma distância
segura em relação
aos outros veículos

calcule e viva.

DESPORTO

Sport-
-society

Galp infantil

O Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores da Petrogal, convidando para a festa final do torneio «Galp Infantil», pelas 15 horas de hoje, no complexo da colectividade (Sacavém-Bobadela).

Meia-maratona
internacional da Nazaré

Todos os pormenores da organização da «VII Meia-Maratona Internacional da Nazaré» (que vai ocorrer a 15 de Novembro) serão dados durante uma Conferência de Imprensa que vai ter lugar no próximo dia 2, pelas 18 e 30, no Hotel Ritz. A competição tem o patrocínio da Tebe (Empresa Têxtil de Barcelos, SARL).

Botafogo F. Clube

A comissão do novo campo de jogos do Botafogo Futebol Clube (Cabanas, Palmela) preparando-se para a festa da entrega dos terrenos para o seu parque desportivo a 14 de Novembro (pelas 15 horas) numa oferta de António Xavier de Lima.

Revista do andebol

Vai ser lançada uma nova publicação mensal: «Revista do Andebol». Na 2.ª-feira, pelas 18 e 30, no Hotel Mundial, será apresentado aquele órgão especializado numa modalidade desportiva altamente qualificada.

Apartheid provoca corte de relações

O Governo do Botswana decidiu pôr termo a todas as suas relações desportivas com o regime da África do Sul. O corte de relações desportivas entre os dois países deve-se, ao facto de a África do Sul insistir em manter o regime de «apartheid».

O jornal «Star» (de Joanesburgo) aludiu ao corte de relações revelando a anulação do Rali através do deserto de Calaari até ao Botswana, competição prevista para 1982.

Alta competição
regulamentada

O secretário de Estado da Juventude e Desportos (João Vaz Serra e Moura) assinou um despacho que regula a participação de atletas portugueses em provas no estrangeiro. O despacho surge no seguimento de uma portaria enviada para publicação no «Diário da República» que determina o regulamento do apoio ao desporto de alta competição e do estatuto do atleta de alta competição em representação nacional. Compete às federações apresentar na Direcção-Geral dos Desportos, até 30 de Novembro de cada ano, o plano anual de actividades para as competições internacionais de modalidades desportivas não profissionais. A participação de atletas em com-

petições no estrangeiro só deverá merecer a aprovação governamental desde que exista **garantia de que o nível técnico da modalidade assegura uma presença com significado competitivo.**

As provas internacionais reportam-se às consideradas de interesse público nacional, designadamente aquelas por **comparação com mínimos estabelecidos pelas federações internacionais sempre que for caso disso.**

O Governo expressou ser de interesse público nacional, **independentemente de quaisquer outros condicionamentos, a representação nacional em Jogos Olímpicos.**

O traço de Pargana



Depois das infelizes paragens para Juca mostrar o que vale

Luz: Benfica-Sporting

mente afligem os responsáveis das Antas.

Meszaros, que actua hoje no Hungria - Noruega, fundamental para a qualificação do seu país para o Mundial, deverá estar amanhã em Lisboa: Portela de Sacavém, pelas 12 e 55, batidores e automóvel às ordens, chegada à Luz a tempo de defender a baliza do Sporting. Todavia, prevendo qualquer eventualidade, estão de sobreaviso dois colegas: Melo e Fidalgo.

2.ª Divisão

Prossiguesse, este fim-de-semana, os campeonatos secundários. Na 2.ª Divisão, esta tarde (15 horas) na **Zona Norte:** Varzim (7) - Feirense (7); Sanjoanense (6) - Bragança (6) e Neves (2) - Famalicão (6) **Zona Sul:** «O Elvas» (4) - U. Madeira (4)

Amanhã, às 15 horas, na Zona Norte: Gil Vicente (7) - Leça (1); P. Ferreira (7) - Valdevez (2); Leixões (7) - Fafe (6); Amarante (2) - Salgueiros (5); U. Lamas (6) - Chaves (5). **Zona Centro:** Agueda (8) - U. Santarém (6); Portalegrense (2) - Alcobaca (7); Académico (7) - Rio Maior (4); C. Branco (3) - Oliveirense (4); Cartaxo (3) - Covilhã (6); Guarda (2) - U. Coimbra (4); Peniche (2) - Beira-Mar (8); Nazaré (8) - O. Bairro (6). **Zona Sul:** Farense (6) - Juventude (8); C. Piedade (2) - Amadora (6); Marítimo (8) - E. Lagos (4); Barreirense (4) - Nacional (5); Lusitano (4) - Quimigal (5); Sacavenense (6) - V. Gama (5); Lusitânia (5) - Montijo (4). Entre parêntesis indica-se a pontuação actual de cada equipa.

Campeonato francês

Resultados da 16.ª jornada do Campeonato Francês: Bastia - Mónaco, 1-0; Laval - Saint Etienne, 0-0; Bordéus - Paris Saint Germain, 2-0; Montpellier - Sochaux, 0-3; Nancy - Nantes,

1-0; Nice - Brest, 2-0; Lille - Metz, 1-0; Tours - Estrasburgo, 2-1; Lyon - Lens, 3-0 e Valenciennes - Auxerre, 3-1.

Classificação: Bordéus e Sochaux, 22 pontos; Saint-Etienne, 21; Mónaco, 20; Nancy, Laval e Brest, 19; Paris SG, Lille, Tours, Lyon e Bastia, 17; Nantes, 16; Valenciennes, 14; Strasbourg, 13; Metz, 12; Montpellier, 10; Lens e Auxerre, 9; Nice, 8.

Medeiros equacionado

Declarações públicas de António Medeiros focando António Garrido levaram o juiz internacional a processar o actual técnico do Farense.

Argélia no Mundial

A Argélia qualificou-se para a fase final do Campeonato do Mundo de futebol, ao bater a Nigéria por 2-1, em Constantine (Leste de Argélia), em jogo da 2.ª «mão» das meias-finais da zona africana. A Argélia já tinha ganho o jogo anterior, em Lagos, por 2-0. A Nigéria é treinada por Otto Glória.

Campeonato italiano

Florentina e Ascoli empataram a zero golos, em encontro em atraso do Campeonato Italiano da 1.ª Divisão, suspenso a 27 de Setembro devido à chuva. Giancarlo Antonogni, «estrela» da Fiorentina e da selecção transalpina, faliu uma grande penalidade no 2.º tempo.

Com este resultado, a Fiorentina passou para 3.º lugar com oito pontos. A classificação é comandada pelo campeão (Juventus) com 12 pontos.

Brasil vence a Bulgária

A selecção do Brasil venceu a sua homóloga búlgara por 3-0, num encontro particular disputado ontem, à noite, no estádio de Porto Alegre. Os golos brasileiros foram marcados por Roberto Dinamite (ao 29 m e aos 55 m.) e por Leandro (ao minuto 71)



Os vencedores em cima e a partir da esquerda: Zé Nuno Pimentel, Paulo Tó, Zé e Miguel. Ajoelhados: Gonçalo Reis, Nuno Aguiar, Nuno Miguel e João Maria. De notar que o guarda-redes Zé Pimentel conquistou a «Baliza de prata» pela invencibilidade das suas malhas

Desporto une-se com cultura

Organizado pelo Centro de Apoio à Iniciação Desportiva, realizou-se um torneio de mini-futebol que teve o patrocínio do «Círculo dos Leitores». Presentes na competição: oito equipas, constituídas por jovens com a idade máxima de 11 anos. A final foi disputada entre as turmas que defendiam o «Círculo» e o S. Jorge: triunfo rotundo do pri-

meiro bloco por expressivos, 4-0.

Uma ideia excelente: todas as formações foram contempladas com estojos para primeiros socorros e, para além de troféus, ainda medalhas «Eça de Queirós», extensivas aos 80 jovens que estiveram em acção. Um facto, bem demonstrativo de que a cultura pode (deve) estar lado a lado com o desporto.

Dinheiro:
a mais ou a menos?

Vejam bem se este nosso desporto não é, real e autenticamente, uma coisa sem pés nem cabeça, incongruente, cheinho de contra-sensos e pejado de encruzilhadas e dúvidas. Por um lado, esbanjadoramente, em termos de ofensa para o trabalhador comum, rasga-se a cornucópia atafalhada com os dinheiros esportulados a outras necessidades mais prementes e prometem-se (de mão beijada e quase com ar de timidez pela avareza) 120 contos a cada jogador de futebol, por trabalho extra, durante hora e meia, fora do alvedrio dos seus patrões (que já lhes pagam mensalmente largas centenas de Donas Marias). Aconteceu, como se sabe, graças ao sentido perdulário dos federativos do pontapé na bola que, pelos vistos, desconhecem que neste Portugal-81, anos depois do 25 de Abril, não se inaugura uma estrada, um hospital, uma escola, uma simples pontezita sobre riacho provinciano. A menos, claro, que o pagode directamente interessado abra os cordões à bolsa e pegue (ele próprio) na enxada.

O contraste surge em relação à selecção nacional de hóquei patinado, pelos vistos parente bastarda dos altos poderes desportivos. Não há dinheiro, o mínimo necessário, para essa modalidade que já deu mais prémios e títulos e alegrias a Portugal que todo o futebol multiplicado por um milhão. Não há (notem bem!) um subsídiozinho capaz de proporcionar a viagem ao europeu na Alemanha Federal em condições que (digamos) nos não envergonhem.

E aí temos o seleccionador nacional Júlio Rendeiro a ter (simultaneamente) de desempenhar os lugares de delegado e assessor administrativo. E, em vez de 10 jogadores, apenas nove. E um dirigente que terá de viajar a expensas próprias. O massagista fará de médico, o mecânico vai ser também ecônomo, o treinador Livramento se não se portar bem ainda fará parte da mesa de cronometragem.

Enfim: por um lado se tapa, por outro se destapa. Enquanto a cigarra canta, há quem procure imitar a formiga roubando ao estômago o alimento essencial. Estamos, não há dúvida, na época surrealista do nosso desporto, lautamento consignado na Constituição ainda por remodelar de um direito do Povo.

Neves de Sousa

Nacional de andebol

Recomeço com «derby»

O campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol recomeça hoje após 20 dias de interrupção, período em que as selecções nacionais de «esperanças» e de seniores defrontaram em dois jogos cada, iguais categorias da Argélia e da RDA. Entretanto, a nível europeu de clubes, o Benfica foi o único a resistir na 1.ª eliminatória, batendo nos dois jogos da Taça das Taças os ingleses do Liverpool, enquanto que pelo caminho ficaram, perdendo ambos os desafios no coitejo com franceses e espanhóis, os grupos do Sporting e do Torres Novas, na Taça dos Campeões, masculinos e femininos, respectivamente.

Na jornada dupla deste fim-de-semana (6.ª e 7.ª) do «nacional» indígena, avulta o encontro entre os velhos rivais Benfica e Sporting. Ao que exemplos recentes indicam, os «encarnados» parecem em melhor momento de forma e como actuam na situação de visitantes, são muito capazes de imitar o Belenenses e imporem a 2.ª derrota aos «leões» na presente prova. Claro que estes «derbys» são sempre de vencedor duvidoso. Assim, fica no ar a hipótese muito provável (tal como um êxito do Benfica) de o Sporting poder triunfar na Luz, o que nem constituirá uma surpresa.

Tal como o Benfica, ainda com dois jogos em atraso, também o Belenenses, com a totalidade de encontros, ainda não perdeu (únicos nessa situação) e talvez

não seja ainda neste fim-de-semana que a equipa do Restelo (com as atenções viradas pelo que se passar amanhã, na Luz) vai ter destruída a sua invencibilidade.

De igual modo, no Norte, o FC Porto e a Académica de S. Mamede (também invictos) não parecem sujeitos a grandes inquietações para permanecerem nessa situação. As dúvidas e as interrogações moram noutros lados, em que a luta entre os «paquenos» (ai, sim) irá ser realmente emotiva na razão directa da semelhança de valor existente.

Os encontros a disputar hoje, no Norte: Académico - Maia (19); Fermentões - S. Bernandro (21), As. Académica - Desp. Portugal (18 e 30); FC Porto - Desp. Póvoa (19); SP. Espinho - F. Holanda (21) e S. Mamede - Águas Santas (20 e 30). Sul: Caselas - Benfica (21); Caramão - Oriental (21); Belenenses - Setúbal (21); Encarnação - Paço de Arcos (21), Sporting - Passos Manuel (18) e Cascais - Almada (21). Amanhã, Norte: D. Portugal - Académico (18); F. Holanmda - FC do Porto (17 e 30); Maia - Espinho (18), Águas Santas - Fermentões (18); S. Bernardo - As. Académica (18) e D. Póvoa - S. Mamede (18). Sul: Paço de Arcos - Cascais (18); V. Setúbal - Caselas (18), Passos Manuel - Encarnação (18); Benfica - Sporting (18); Almada - Caramão (18) e Oriental - Belenenses (18).

MICROSCPIO

Esgrimir com arte

Paulo de Oliveira (17 anos) é o mais jovem dos campeões nacionais da história da esgrima portuguesa e venceu a prova de «esperanças» (esgrimistas nascidos a partir de 1962). O esgrimista representa o União e Progresso de Venda Nova.

Aprender organização

Organizado pelo Instituto Nacional de Desportos, decorre no Porto, de 2 a 6 de Novembro, o 2.º Seminário de Organização e Administração Desportivas, sob

a orientação do professor Klaus Ulbrich (da RFA). O curso é composto de duas partes: funções profissionais e do desporto e dirigentes desportivos amadores.

Halterofilia: recorde

O soviético Oksen Mirzoyan (20 anos) melhorou o recorde mundial do arremesso na categoria de menos de 56 kg, levantando 158 kg. Mirzoyan bateu por 500 gramas o anterior recorde do seu compatriota Yurk Sarkisyan, estabelecido nos Jogos Olímpicos de Moscovo.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Noves fora... nada. Exacto!

Ontem houve concurso. Tê-lo-emos durante não sei quantas semanas. Para mal dos nossos pecados. Pelos vistos, esse complexo de Tróia que é a roleta, continua ao ataque. Agora na televisão, e ao mais alto nível.

Estes concursos (ou estes «jogos» se quiserem) tiveram a sua época. Assim como eram, se se pretende voltar ao que eram, estão mal. Macaquear o passado não resulta nunca, nem mesmo nos concursos de televisão. Que já eram velhos, no seu tempo. Imaginação, precisa-se. E ciência de adaptação às novas realidades. Insistir na saturação é pecado mortal e é muito mais mortal quando a saturação existe já antes da iniciativa.

Como acontece no «Noves fora nada».

Quem é espectáculo neste concurso? Há que saber encontrar a resposta quando um concurso se projecta. Em «Noves fora nada» não há espectáculo convincentemente definido. Não é o concorrente porque a sua «participação» é praticamente nula, está reduzida aos dez segundos (!) da resposta. Não é o questionário assim esquemático, estereotipado, reduzido à monotonia da tabuada, incapaz de convocar a participação da audiência. Não é a apresentação

porque, asoberbado pela mecânica do jogo, quase nada pode dar de si mesmo. Apresentador que não seja animador é mau negócio para qualquer entretenimento do género.

Digamos que o espectáculo é a roleta, no monstruoso espaço que ela ocupa, toda concebida em favor da publicidade. Trata-se de espectáculo negativo, travão do interesse televisual. Uma roleta feita por medida para nos neurasténizar, para nos moer a paciência.

De facto, pasma-se como, em 1982, num ano em que nenhum entrave se entende como legítimo à livre iniciativa e à liberdade de expressão, ainda se ressuscita um programa onde o principal papel é atribuído à memorização, à escolástica, à pedagogia condenada — e não à cultura, à personalidade, à mais bela, difícil e velha ciência do mundo que é a ciência de ser gente. O «formidável» de ontem não é que tenha surgido o bom actor, um músico, um cómico, um homem «simples» (quero dizer: um homem sábio) um construtor de alegria ou de emoção, enfim: uma pessoa de qualidade. O «formidável» de ontem foi apenas um concorrente que ganhou 720 contos...

Se acham isto bem, se acham

isto educativo, se acham estes apelos de acordo com aquela missão social sem a qual a televisão é mero veículo de embrutecimento (assim uma espécie de bolacha americana electrónica), se acham isto bem quem o aceitou — podem limpar as mãos à parede, acender umas velinhas e encomendar já indulgências plenárias de grande estado.

Ainda por cima, não contente de ser chato, dá-se ao luxo de ser comprido. E com alguns defeitos de base capazes de lhe minar gravemente a reputação.

Refiro-me àquela peregrina ideia de submeter os concorrentes a um exame prévio (lagarto, lagarto!) com vista a uma selecção (creio eu) que evite as «baracas» e os pontos mortos da mediocridade. Este exame deve ser imediatamente banido por uma questão de ordem prática e de ordem moral.

De ordem prática, porque, como se viu, ele não encerra a lacuna para que seria dirigido. Um concorrente que desconhece o António Calvário prova que é uma pessoa saudável, devia ser compensado e não punido, mas dá mostras de um incultura verdadeiramente in-

desculpável, vejam só, um português desconhecer o António Calvário!!! Outro, por acaso universitário (madre mia!) falhou uma pergunta elementaríssima de História.

De ordem moral, porque pode ser causa de suspeições e de confusões. Por exemplo: o concorrente que empochou os 720 contos caiu-se a dizer que duas das perguntas lhe tinham saído no tal exame prévio (lagarto, lagarto!) o que terá deixado muita gente perplexa. Suspeições de vária outra índole podem originar-se. De modo que a eliminação pura e simples, é a solução. Se a sorte tem tamanha importância no concurso, porque estancá-la na origem?

Quanto a Artur Agostinho, diga-se que as suas qualidades de apresentador se mantêm intactas. Mas ser-lhe-á muito difícil ir mais além. Seria a primeira pessoa a fazer omeletas sem ovos. Mas seria conveniente que evitasse a graça, o trocadilho, o aproveitamento para gáudio da plateia, dos apelidos dos concorrentes. O processo é condenável e não raro tem gerado situações de conflito.

Fora isso, pobre concurso que nem recém-nascido pode ser, pois já nasceu recém-morto...



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO

TV, DO Forno, 7-A, AO ROSSIO, T. 371001-2



Esta noite, na RTP-1, mais um episódio da série «Dallas»

- 14.55 Hoje Há Visitas
16.00 O Cosmos — 3.º episódio: «A Harmonia dos Mundos».
17.10 Porque Hoje é Sábado — programa dedicado aos jovens.
19.00 Viva a Música — as «últimas» do mundo do disco.
19.30 Outras Maneiras — levantamento da arquitectura popular portuguesa.
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal — as notícias do País e do estrangeiro.
21.30 «Especial Claudia Cardinale»
22.05 «Dallas»



- 19.30 Topo Norte — uma abordagem à actualidade desportiva
20.00 Écran — o último Écran continuará a abordagem, na sequência do anterior, da situação presente do cinema português.
20.30 «Henry Miller» — 2.ª parte. Este filme mostra-nos além das características físicas e mentais de Henry Miller, inúmeros documentos iconográficos.
21.30 «Os Cafagestes»

Amanhã



19.50: Eucaristia Dominical; 10.35: Setenta Vezes Sete; 11.00: Bom Dia, Domingo; 14.00: Sumário; 14.05: TV Rural; 15.00: Passeio dos Alegres; 18.40: Grande Encontro; 19.20: Magazine Cinema; 19.55: O Tempo; 20.00: Telejornal; 20.25: Topo Gigio; 21.10: «Amor num Clima Frio»; 22.20: Grande Encontro — 2.ª edição.

19.05: Agora é a Tua Vez; 21.00: Informação/2; 21.30: Os Portugueses no Japão; 22.00: Jazz Vivo — com John Abercrombie.

Cartão de Fidelidade

As Populares Livrarias CDL anunciam que o sorteio do seu concurso «Cartão de Fidelidade» se realizará no dia 2 de Novembro de 1981, na cave da Livraria Interlivro — Lisboa, pelas 16.30.

As operações de determinação dos contemplados realizar-se-ão no dia 6 de Novembro de 1981 no mesmo local e à mesma hora.

Os resultados serão anunciados neste jornal.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE OEIRAS

2.ª Publicação

Maria do Céu Chambel de Moraes Seixas Pires Sardinha, Conservadora do Registo Civil de Oeiras, faz saber que Maria Helena Lopes da Costa Pêrguia, residente na Rua Policarpo Anjos, n.º 75-1.º-E, na Cruz Quebrada, freguesia de Carnaxide, deste concelho, requereu nesta Conservatória a alteração do seu nome para o de Maria Helena Lopes da Costa, sendo por este meio convidados os interessados a deduzir a oposição que tiverem, perante a Conservatória dos Registos Centrais, no prazo de 30 dias.

Oeiras, 28 de Outubro de 1981

A Conservadora
Maria do Céu Chambel de Moraes Seixas Pires Sardinha

COMUNA

teatro de pesquisa

DIARIAMENTE AS 21.45 H
DOMINGO SÓ AS 17 H
2.ª-FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos
só até 15 de novembro

SERENA GUERRILHA

TEXTO ABEL MENEZES-COMUNA

fontes rocha

cena - joão mota

ÚLTIMAS SEMANAS

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CEE NO CAFÉ-TEATRO

PRÉCIO: 10.000\$ - TEL. 76.26.24 - SOB. DA J. 1.00

Rua Tenente Raul
Cacais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 641515/64922

teatro
de barro
alto

teatro da Cornucopia
teatro da Cornucopia

NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!
de
Dario Fo

é, de facto impagável!

- C. Porto - DL

(um serão animadíssimo e frutuosos - F. Midões - D.P.
Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

A CAMBRIDGE SCHOOL PODE PREPARAR-LHE O CAMINHO PARA PARIS

Quando fizer a sua viagem até Paris não terá quaisquer problemas de comunicação, uma vez que os professores da Cambridge School são naturais da França



APA-CS-13/80



cambridge school

LISBOA: AV. DA LIBERDADE — TEL. 55 47 80 — 55 47 89
GUERRA JUNQUEIRO TEL. 88 45 44 — 89 96 01
BENFICA TEL. 70 43 29 — 70 36 36
ALMADA TEL. 276 02 34 — 275 32 18
PORTO: TEL. 56 03 80 — 56 11 30

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



«Dallas» (22.05)

«Os Cafagestes» (21.30)



Alem de um programa a escolha oferece-lhe

«DALLAS»

«Ellie Saves the Day» Bobby descobre que JR hipotecou «Southfork» e é forçado a contar aos pais o risco que correm: perder o rancho, e talvez tudo o resto. É então que Ellie faz um supremo sacrifício...

DOMINGO:

21.10 — AMOR NUM CLIMA FRIO (3.º episódio) Estamos em 1933. O Tio Matt recusa-se a concordar com o casamento de Linda com Tomy Kuroesig, enquanto que o pai deste o manda para a sua firma em Nova Iorque, ficando Linda sozinha em Alconleigh.
Intérpretes: Michael Aldridge e Judi Dend.
Realização: Donald McWhinnie.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua B. Jesus Caraca 17 Carcavelos — Tel. 2112871

roteiro cultural

Música

A Cantarabril comemora hoje, no Coliseu dos Recreios, o seu segundo aniversário, com dois grandes espetáculos, um à tarde, às 16 horas, com actuação da Brigada Vitor Jara, Trovante, Grupo Charanga e UHF, e outro à noite, às 21.30, com a apresentação de todos os artistas da cooperativa, entre os quais Carlos do Carmo, Paulo de Carvalho, Carlos Mendes, Samuel, Carlos Moniz, Maria do Amparo, Fernando Tordo e outros.

Para encerramento das comemorações dos seus oito anos de existência, a Companhia Seiva-Trupe leva a efeito, hoje, pelas 21.30, no Auditório Nacional Carlos Alberto o espectáculo Musicanto, com a participação de António Vitorino de Almeida, Carlos Paredes, Fernando Alvim, Teresa Silva Carvalho, Vá de Roda e outros. Dado o grande interesse do público manifestado por este espectáculo que logo esgotou a lotação, a Seiva-Trupe pensa continuar a apresentar espectáculos de concepção idêntica a este seu primeiro Musicanto.

O lançamento nacional do novo livro de Fernando Lopes Graça, «Canções e Rondas Infantis», terá lugar hoje na Casa da Cultura das Caldas da Rainha com a presença do autor.

A ocorrência integra-se numa de duas sessões orga-

nizadas por aquela casa de cultura no âmbito das comemorações dos 75 anos do compositor.

A primeira, hoje, apresenta um concerto com «Mornas Cabo-verdianas» executadas por Olga Prats e «Melodias Rústicas Portuguesas (III)» tocadas a quatro mãos pela mesma pianista e por Lopes

Graça. Trata-se de duas primeiras audições.

A segunda sessão, dia 4 de Novembro, é constituída por um concerto preenchido pelo quarteto de câmara «Opus Ensemble»: Ana Bela Chaves, em viola, Olga Prats, ao piano, Bruno Pizamiglio, em oboé, e Alejandro Erlich-Oliva, no contrabaixo. Executarão

obras de Bach, Telemann e Mozart, na primeira parte do recital, e Enesco, Satie e Lopes-Graça na segunda.

Exposições

Inaugura-se hoje, às 16 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril, o «Salão de Outono», colectiva de pintura a que concorreram 393 obras de

106 autores sendo admitidas 126 da autoria dos seguintes artistas plásticos: Adérita Amor, Abel da Mata, Amadeu Escórcio, António Joaquim, Albino Moura, António de Mendonça, Álvaro Passos, António Pinheiro, Boavida Amaro, Beatriz Campos, Belmiro da Silva, C. Brito, Carlos Clara, Correia Pinto, Daniel Guimarães, Ema Berta, Eduardo Junior, Elena Muriel, Fernando Dias, Fernando Martins, Fernando R. e Silva, H. Mourato, Humberto Santos, Isabel Macedo, Ilídia Ribeiro, Jesus Ferreira, Jesus Guido, Justo Gonzalez Bravo, João Manuel Bernardo, João Paulo, João Mourão, Jorge Portela, Luís Aniceto, Luísa Valério, Milton, Miguel Barbosa, Michael Barrett, Madalena C e Silva, Maria João Gamito, Moura e Sá, Manuel da Silva, Manuel Ventura, Paula Carreira, Paulo da Silva, Pedro Mascarenhas, Pedro Mathias, Paulo Ossião, Real Bordo, Rodrigo Cabral, Rui Pinto, Stella de Brito, S. Fernandes da Costa, Valente Alves, Luís Vieira, Silvana, Silva Vieira, Ivone Carvalho, Manuel Carvalho, Maria Antónia, Augusto Pinheiro e Madruca.

O júri, constituído por Thomaz de Mello (Tom), pintor, Justino Alves, professor da ESBAL, arq. Mário de Oliveira, crítico de artes plásticas e dr. Lima de Carvalho, deliberou distinguir os seguintes autores: Álvaro Passos com o Prémio José Teodoro dos

Santos; Justo Gonzalez Bravo com o Prémio de Tema Livre; António Joaquim com o Prémio Especial. Foram ainda atribuídas «menções honrosas» a João Manuel Bernardo, António Pinheiro, Daniel Tércio Guimarães, Rodrigo Cabral, Eduardo Ribeiro, Jorge Portela, Manuel da Silva, João Paulo, Paulo Ossião, Boavida Amaro, Paula Carreira, Paulo Guilherme, Valente Alves, Maria João Gamito, Augusto Pinheiro, Manuel Carvalho e Silvana.

Esta exposição estará patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias até 15 de Novembro de 1981.

Teatro

O TEUC, organismo de teatro da Academia de Coimbra, apresentará o seu espectáculo «Homo Dramaticus» de Alberto Adelach e numa encenação de Adolfo Gutkin, de 2 a 8 de Novembro na Sociedade Portuguesa de Autores, todos os dias pelas 21.30.

Trata-se de um espectáculo que obteve grande êxito em Coimbra e na Mostra de Teatro Universitário, realizada este ano no Porto. Estará ainda presente no FITEI/81.



Obra de Álvaro Passos premiada no Salão de Outono



Caminhos de Ferro Portugueses

GRUPO DE TRABALHO DE SUCATAS

Está aberto concurso público até 12-11-81 para venda e desmantelamento, dos seguintes veículos imobilizados no Entroncamento:

- 1 — automotora c/caixa de aço inox
- 3 — automotoras diversas
- 5 — carruagens c/caixa de aço inox
- 5 — carruagens e furgões diversos
- 139 — vagões diversos

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidos no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 Lisboa Codex, telefones 869760 a 68, ext. 229.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	55805	60805
ALEMANHA FED (marco)	28815	29825
AUSTRIA (xelim)	3895	4815
BELGICA (franco)	18531	18731
BRASIL (cruzeiro)	\$ 311	\$ 561
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	53830	55830
(notas de 5 a 1000)	53880	55880
DINAMARCA (coroa)	8875	9615
ESPAÑA (peseta)	\$ 627	\$ 727
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	84820	86820
(notas de 5 a 1000)	84870	86870
FINLÂNDIA (marka)	14845	15805
FRANÇA (franco)	11810	11880
HOLANDA (florim)	25855	26855
INGLATERRA (libra)	118850	122850
IRLÂNDIA (libra)	100825	104825
ITALIA (lira)	\$ 048	\$ 058
JAPÃO (iene)	\$ 250	\$ 285
NORUEGA (coroa)	10875	11825
SUECIA (coroa)	11850	12810
SUIÇA (franco)	34820	35830
VENEZUELA (bolivar)	13800	14800

- Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
 2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

17.30: Operação Antena Um; 22.00: Programa da noite; 00.00: Madrugada da RDP-Norte; 05.30: Terra e mar. Grandes blocos informativos: 08.00, 13.00, 19.30 e 23.30.

Programa 2

16.35: Quartetos de cordas; 17.30: Transmissão de um concerto do Teatro Municipal de S. Luiz; 18.30: Cantata, BWV 209, de Bach; 20.05: Realidade hoje; 20.50: Concerto n.º 9, em ré maior, op. 6, de Aivon; 21.00: Aspectos da música de...; 22.00: Quarteto, em sol, D. 96, de Schubert; 22.30: Intercâmbio musical; 00.00: Música portuguesa; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.30: Consultório de plantas; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3 P; 20.30: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.30: Abandajazz; 22.03: Café concerto; 21.03: Vapor da meia-noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Pop, top, rock; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja dos Capuchinhos ao Ameal no Porto; 19.00: Roda viva; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 22.30: Programa musical; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditação. Grandes blocos informativos às 19.30 e às 23.30 «Flashes» noticiosos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

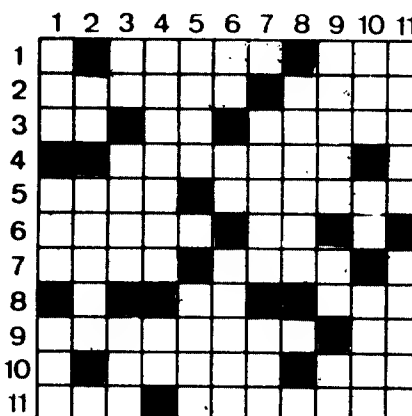
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 266

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Cálido. Lista.
- 2 Ave de rapina. Está obrigado a.
- 3 O sono das crianças. Medida itinerária do Japão. Coloca-se em posição conveniente para ser fotografado ou pintado.
- 4 Desfrutam.
- 5 Nome de letra (pl). Enfeitais.
- 6 Palmatoas. Antigo Testamento.
- 7 Pegas. Campeões.
- 8 Crómio (s.q). Sapo do Amazonas.
- 9 Militares sem graduação. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.
- 10 Brinquedo que consiste num disco vazado com uma laje de madeira que se faz subir e descer ao longo de um fio. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 11 Rente. Aromatizadora.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



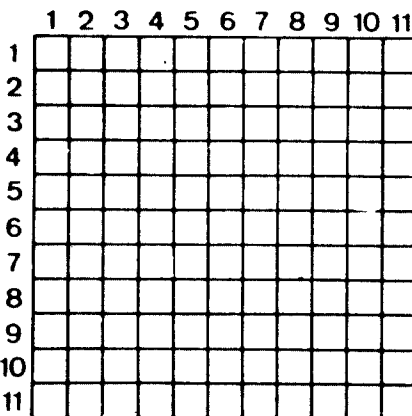
VERTICAIS:

- 1 Pouco oiro no meio de material mineiro de nenhum valor. Falda. Ente.
- 2 Preposição e artigo. Paladar.
- 3 Cento e cinco em romano. Espécie de embarcação asiática. Lirio.
- 4 Esbeltos. Compaixão.
- 5 Ponta da verga (pl. Naut). Disfarça (fig).
- 6 Compaixão. Solitário. Paixão (fig).
- 7 Inocentes. Sufixo que designa abundância.
- 8 Enfermo.
- 9 Vinte mãos de papel. Apelido. Miriara.
- 10 Ovario dos peixes. Prefixo de negação. Sair frequentemente à rua.
- 11 Molestes. Ara.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 126

HORIZONTAIS:

- 1 Esposa.
- 2 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Letra grega. Nota musical (inv).
- 3 Apelido. Vagueara.
- 4 Repe. Pega. Desgraça.
- 5 Repete. Pronome indefinido.
- 6 Sacrifica. Sufixo que designa estado.
- 7 Praia. Nota musical.
- 8 Embarcação grande. Rangerão.
- 9 Língua vernácula indiana. Profere.
- 10 Percorrem. Distar.
- 11 Arteria. Répteis saúros.



VERTICAIS:

- 1 Mamífero carnívoro parecido com o cão. (fem). Laço.
- 2 Cidade de Itália. Cidade da Suíça.
- 3 Oportunidades. Destroço.
- 4 Larva das feridas dos animais. Festa de Ano Novo ou a «festa de todos», para o qual os Negros se cotizam. Preposição latina que designa movimento.
- 5 Nota musical. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Preposição e artigo.
- 6 Eleger.
- 7 Engana. Satélite de Júpiter.
- 8 Grande quantidade. Silenciosas.
- 9 Gosta muito de. Apelido.
- 10 Freguesia do concelho de Aguiar de Beira. Sensação de azedume no estômago.
- 11 Ordenado. Reis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 265

HORIZONTAIS

- 1 Arras; Adiam.
- 2 Boa; Arai; Ni.
- 3 ABRE; O; OLHO
- 4 Tão; Loá.
- 5 El; Assis; Só.
- 6 Rodas; Ana.
- 7 Ural; DC.
- 8 QUE; Más; las.
- 9 Te; Catara.
- 10 Aros; Aço; Ni.
- 11 Lás; Broa; És.

VERTICAIS

- 1 Abater; Qual.
- 2 Robalo; Ra.
- 3 Raro; Duetos
- 4 Aar; És.
- 5 Sa; ASSAM.
- 6 Ro; Laçar.
- 7 Aa; Fia; Saco.
- 8 Dio; SN; Toa.
- 9 La; Adia.
- 10 Anhos; CARNE
- 11 Miolos; Sais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 125

HORIZONTAIS

- 1 Manteigas.
- 2 Alai; Maçara.
- 3 Ondas; Sob.
- 4 Ro; Ais; Faló.
- 5 Ais; Ois.
- 6 Sá; Baba.
- 7 Cromara.
- 8 Ira; Olé; Ma.
- 9 Ra; Arrendar.
- 10 Amor; Nial.
- 11 Sama; Sina.

VERTICAIS

- 1 Marra; Airas.
- 2 Al; Sio; Rama.
- 3 Não; Saca; Om.
- 4 Tina; Ará.
- 5 Diabo.
- 6 Imãs; Amorno.
- 7 Gas; Abalei.
- 8 Ac; Arenas.
- 9 Sasão; DLI.
- 10 Rolim; Má.
- 11 Nabos; Barra.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
- N. ac. men. 13 a.
DESFORÇA APACHE
c/ Charles Bronson

SALA B

Int. m. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.45
e 24 horas
A ABSOLUÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
Um filme de Yuen Woo-Ping
Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
OS ANOS DE LUZ
Um filme de Alain Tanner
Colorido

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Não tinha regras de jogo e por isso chamavam-lhe
O VIOLENTO MISTER MEAN
c/ Fred Williamson e Lou Castel

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
CONDORMAN
Um filme de Charles Jarrott
Technicolor
4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MINHA MÃE, A GENERALA
c/ Zach Noy (o gordo de "Gelado de Limão")

CINE 222 579460

Av. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore - James Bond 007
Às 24 - M. 18 a.
MORRE AO SOL

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
CRUZEIRO SEXUAL
Pornográfico - Hardcore
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
IVES, O TEMERÁRIO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30-16.45-19 e 21.30 h
O poder da imaginação. O impacto sobrenatural. A força do fantástico.
CHOQUE DE TITãs
c/ Harry Hamlin, Ursula Andress
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
FIM-DE-SEMANA ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Filme indiano
AS MARAVILHAS DO AMOR
Amanhã às 11 - Para Todos
OS CAMPEÕES DE OXFORD

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14-16.30-19 e 21.30 h
- Int. men. 13 a.
A SOMBRA DA GUILHOTINA
c/ Serge Avedikian, Michele Marquais e Georges Beller

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O GRANDE MESTRE DOS LUTADORES
c/ Jackie Chan, Yuen Hsiao-Tien
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
O MANETA DE FERRO CONTRA A GUILHOTINA VOADORA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O GRANDE CONQUISTADOR
c/ Woody Allen
Um filme de Herbert Ross
2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14-15-16.45-19 e 21.30 e 24 h
- N. ac. men. 13 a.
O amor dito por música
MÚSICA PELO CAMINHO
c/ Willie Nelson e Dyan Cannon
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
MÚSICA PELO CAMINHO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.15
uma das mais grandiosas epopeias da história do cinema
O LEÃO DO DESERTO
com Anthony Quinn-Oliver Reed
Em complemento
SINES DEZ ANOS DE PROGRESSO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A LEI DOS DUROS
c/ Henri Silva, Tomas Millam e Nicoletta Nachiavelli
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
ÚLTIMO TANGO EM ZANGAROL

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren
Um filme de John Boorman

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
4.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A PRIMEIRA FESTA (La Boum)
Às 24
AS NOITADAS DE PARIS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15-18.15 e 21.30 h
Amor, canções, baillados
FALTA AMOR NO TEU OLHAR
Aviso: o filme é exibido no início da sessão

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14-16.30 e 21.30 h
A MÉDICA DO CORONEL
c/ Nadia Cassini e Lino Banfi
Colorido



Jeanne Cordelier, baseada na sua própria experiência, escreveu um «best-seller»: «CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO», agora passado para o cinema. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
- M. 18 a.
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT
Realização de R. W. Fassbinder

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
(In. a men. 18 anos)
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval
SALA 3
Às 15, 17, 19 e 21.45
- M. 18 a.
OS CINCO ALIBIS
Realização de John Huston

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
- M. 18 a.
TAXI DRIVER
Realização de Martin Scorsese

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada dos últimos tempos!
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
13.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS CIGANOS (UM AMOR TRÁGICO)
c/ Svetlana Toma e Grigori Grigoriu
Colorido

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Sessões diárias às 13.45, 16.15, 18.45, e 21.45
Int. a men. 13 anos
Roger Moore, Carole Bouquet
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
6.ª Semana

S. JORGE SALA 2
Sessões diárias às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
Inter. a men. 13 anos
Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman
O TERRAÇO
6.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLUÇÃO
6.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A FILHA DO MINEIRO
26.ª Semana
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
O ESCORPIÃO

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
13 anos
007 - MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore e James Bond
Domingo, às 11 h - P. Todos
FESTIVAL BUGS BUNNY

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
A MAIS BELA HISTÓRIA DE AMOR (SUZANNE)
c/ Jennifer Ealy
As 00.15
AMIGO DESCONHECIDO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- Int. men. 13 a.
Uma espada forjada por um Deus se-
mente do futuro. Força viva de um rei
EXCALIBUR
c/ Nigel Terry e Helen Mirren

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 168

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Colorido
N. acons. men. 18 anos
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18, 15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Jma epopeia sem paralelo na história
do cinema
ARMADILHA INTERNACIONAL
c/ Roger Moore e Lee Marvin

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS ANTIGONAS
com Peter O Toole
2.ª Semana
Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.
O REGRESSO DE KING KONG

outros cinemas

Lisboa

CAPITÓLIO - «As Insaciáveis do Sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «Sexo em Brasa» (18 anos)
Sessões Permanentes
ALFA 1 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 - «Condorman», às 21.30 (6 anos)
ALFA 3 - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)
2000 - «Zorro», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (18 anos)
EUROPA - «Superman II», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA - «Armadilha Internacional», às 21.15 (13 anos)
CITY CINE - «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Gerações em Conflito», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Até Mesmo os Anjos Começam Feijões», às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - «Os Novos da Revolução», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR - «A Grande Paixão de Emy Wong», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Cineestúdio - «O Rapto do Presidente», às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Incrível - «Shining», às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Os Malucos no Supermercado», às 21.30 (6 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «O Quebra Ossos», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «Para Nós é Canja», às 21.15 (13 anos)
PARADE - Royal-Cine - «Os Rapazes da Companhia C», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «A Conquista do Mundo», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - «Saturno 3», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «O Comando dos Tigres Negros», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «Jesus Cristo Superstar», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «Semente de Tamarindo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Plaza - «Nós Não

Somos Anjos... Elas Também Não», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «O Leão do Deserto», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cine Estúdio - «American Graffiti II», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio Flores - «A Fronteira Sangrenta», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - Cine Chaby - «Tartarozan o Filho das Selvas», às 21.30 (13 anos)

SACAVÉM - S. José - «A Lagoa Azul», às 21.30 (13 anos)
ALHANDRA - Salvador Marques - «Luta de Gigantes», às 21.30 (18 anos)
MOSCAVIDE - Stop - «Hotel da Praia», às 21.30 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS - «O Preço da Lealdade», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Nova Iorque 1997», às 21.45 (13 anos)
FOCO - «O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
S. JOÃO - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L2 - «A Turma dos Repelentes», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Loucuras de uma Recruta», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «Encontro Fatal», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «Duas Malucas na Gaiola», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «Excalibur», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA - Teatro: «Há Patrão no Beato», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ - «Crónica da mais velha profissão do mundo» 21.45 (18 anos)

VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA - «Ladrão por Excelência», às 21.30 (13 anos)
TEATRO SEIVA TRUPE - «A dama de copas», às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - «O Meu Tio da América», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

PINTO, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **IDEAL**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **ALVES DE CARVALHO**, R. Vale de St. António, 7-9 (T. 840125); **TANAPÁ**, R. Rodrigo Reinol, do Olival, 290 (T. 661003); **SALDA-NHA**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 43938); **ROMANO BAPTISTA**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SÃO BENTO**, R. Poais de S. Bento, 73 (T. 601673); **CANTO**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 780841); **MIRAMAR**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **CENTRAL DE ODIVELAS**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203); **PONTINHA**, E. de St. Elói, 4, lote SE (T. 990220)

teatros

ACADEMIA ALMADENSE - Teatro de Campolide - «Guerra? Não Obrigado», às 21.30 (13 anos)
ESTUFA FRIA - Teatro do Mundo - «Terramoto no Chile», às 21.15 (13 anos)

TEATRO ABERTO - «Retábulo do Amor Profano», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Não há nada para ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS - «A Tragédia da Rua das Flores», às 21.30 (13 anos)

COMUNA-TEATRO DE PESQUISA - «Serena Guerrilha», às 21.45 (13 anos)
ABC - «O escabeche», às 20.30 e 23.00 (13 anos)

MONUMENTAL - «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)
TEATRO DO BAIRRO ALTO - «Não se paga! Não se paga!», às 21.30 (13 anos)

ADOCQUE - «Paga as Favas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Seis Aparições de Lenine Sobre um Piano», às 21.00 e 24.00 (13 anos)

SANOGYL BLANC

PERMANENTE (Amanhã)

PEREIRA SUC., R. Paraíso, 98-100 (T. 863224); **SANTO AMARO**, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **AVIS**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 845370); **NOVA**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **MORGADO LOURENÇO**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ANDRADE RIBEIRO**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **FERNANDES BORGES**, R. D. Aleixo Corte Leal, lote 368, Cruz, c/ Rua Cidade de Bolama (T. 311091); **HIGIENICA**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **LUZMAR**, R. João Nascimento Costa, 17; **SÃO MAMEDE**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **BRANCO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **HELENICA**, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **CRUZ CORREIA**, E. de St. Elói, 41-A (T. 992453).

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ**: Vasconcelos, E. Part. Henrique Pousão (T. 964649); **CAMARATE**: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM**: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 2943693); **ALGUEIRÃO**: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 2912038). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURA**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Das 9 às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA**: Valentim (T. 980456). Permanente

farmácias

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Oeiras, L. Henrique Pava Couceiro (T. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737). Até às 21 horas; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE**: Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL**: S. João, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 21 horas; **CASCAIS**: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Oliveira, 11-B (T. 2750504); **COVA DA PIEDADE**: Atlântico

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agências, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154

Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

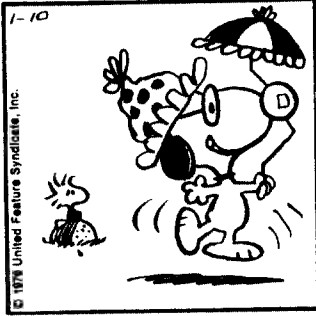
PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.47 3,9 m 10.18 1,2 m
17.05 3,7 m 22.32 1,3 m
Dia 1

5.19 3,7 m 10.54 1,4 m
17.39 3,5 m 23.07 1,5 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	11°
PORTO	14°
P. DOURADAS	13°
COIMBRA	13°
C. CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	13°
ÉVORA	14°
SINES	12°
BEJA	12°
SAGRES	18°
FARO	18°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	19°



últimas

ÁGUA INQUINADA EM GOUVEIA soube-se agora após as análises efectuadas cujos resultados foram já comunicados à edilidade local pelos respectivos serviços de saúde. A deterioração da tubagem e a falta de uma estação de tratamento terão contribuído para tal situação. Trata-se do terceiro caso, oficialmente confirmado, de contaminação de águas no distrito da Guarda. Um nesta cidade em Agosto e o outro em Pinhel.

COLECCIONADORES DE JÓIAS ALHEIAS andam muito activos nestes tempos de acenada desvalorização do dinheiro perante o aumento do custo de vida. Assim, a maioria dos assaltos a maiorias precisamente os artefactos de ouro e prata. Ontem à tarde durante uma pequena ausência da locatária entraram no número 6 da Rua Júlia Andrade aos Anjos em Lisboa e levaram todos os preciosos adornos, calculados em cerca de 500 contos. Na mira de artigos dos mesmos metais entraram também na residência situada na Rua Silva Carvalho, 190, em Campo de Ourique, para arrebatar mais 300 contos daqueles valores a que juntariam alguns objectos de uso doméstico.

UÍSQUE PARA COMEMORAR O FURTO levaram os autores do assalto perpetrado a noite passada nos escritórios das «Indústrias Papel Coelho» em Valejas, onde se apoderaram de perto de quatrocentos contos e as oito garrafas daquela bebida destinada a brindar clientes.

DEMISSÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS de Viana do Castelo foi agora concretizada em virtude de um conflito dos elementos daquela corporação com o respectivo comandante. Em manifesto dirigido à população os 43 demissionários afirmam: «Enquanto estiver a comandar a corporação Mário Marques, consideramos todos demitidos».

FOI HOJE LANÇADA NA URSS uma estação interplanetária, «Venera 13» (Vénus 13), que tem por missão o prosseguimento da exploração científica do planeta Vénus, anunciou a agência TASS.

A sonda, que possui uma aparelhagem científica concebida por soviéticos, franceses e austríacos, deve atingir o planeta Vénus em Março de 1982, precisa a agência.

O CANÇONETISTA PAULO DE CARVALHO actuou ontem à noite em Angra do Heroísmo no segundo espectáculo comemorativo do quinto aniversário do programa «Encontro».

Este programa é produzido pelo Rádio Clube de Angra, uma das duas estações emissoras privadas do Açores.

Além de Paulo de Carvalho, actuaram também neste espectáculo um grupo de artistas locais e o conjunto terceirense «Kick», segundo classificadamente no festival de «rock» recentemente realizado na cidade de Coimbra.

Pinochet pretende relações com Lisboa a nível de embaixador

Duas viagens de grupo para comerciantes e industriais portugueses visitarem o Chile estão já esgotadas, prometendo-lhes o encarregado de negócios de Pinochet em Lisboa «ganhos seguros» na repartição do bolo chileno oferecida à ganância internacional como preço da melhoria da imagem do regime ditatorial no exterior.

Estas viagens foram preparadas em contactos do Encarregado de Negócios Stein junto dos meios políticos mais reacccionários e da imprensa mais venal: passaram quer por bem regados almoços na residência oficial, quer por generosos convites para visitar o Chile. O objectivo é dar cobertura política e informativa à aproximação comercial e industrial como primeiro e importante passo para a normalização das relações diplomáticas que mesmo Governos de direita em Portugal se têm recusado a avaliar.

Pinochet pretende, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Galdames, elevar as relações com Portugal ao nível de embaixada o que também tentara — em vão — junto de outro Governo de direita europeia democracia cristã italiana Rojas Galdames conseguiu, em meados de Setembro ser recebido pelo ministro das Relações Exteriores de Itália, Emilio Colombo mas o ministro italiano qualificou a visita de «rotineira» enquanto o enviado de Pinochet falava do reatamento iminente

das relações entre o Chile e a Itália a nível de embaixadores. Esta última versão foi determinante e indignadamente desmentida pelo Quirinal.

Até hoje, o mais que Galdames conseguiu foi convencer os membros mais conservadores do Senado e da Administração Reagan a suspenderem a chamada «emenda Kennedy» segundo a qual a administração norte-americana não pode prestar assistência militar aos regimes que persistem em violar de forma flagrante os direitos humanos.

Para além disso, é esperado em Santiago de Chile, no próximo dia 22 de Novembro, o ex-Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. Mas a aceitação de um convite por parte de Kissinger não é nada abonatória da imagem do regime chileno e dos seus princípios democráticos que o ministro Galdames tenta «vender» no estrangeiro, nomeadamente em Portugal.

Ofensiva junto da imprensa venal

Concretamente em Portugal, o encarregado de Negócios está a movimentar-se em força e um dos seus primeiros passos nestas ofensivas terá sido convidar Nuno Rocha, director do «Tempo», para um almoço, de que resultou a inserção em três páginas da

do Encarregado de Negócios de Pinochet.

José Vacondes, director-proprietário de «O País» acolheu igualmente «emocionado» um convite para visitar o Chile e publicar no seu semanário uma reportagem em cinco capítulos intitulada «Com verdade e sem complexos — o Chile tal qual o vi».

Stein completou esta ofensiva informativa em Portugal, e as suas pressões no meio empresarial, com a obtenção de 13 páginas do espaço do boletim da Associação Comercial de Lisboa e da Câmara do Comércio e Indústria Portuguesa, na edição de Setembro. A longa prosa sobre o Chile abre exactamente com uma carta da Embaixada — à semelhança do que fizera o «Tempo» — sendo noticiada, também para muito breve, a assinatura de uma linha de crédito do Banco Borges & Irmão, no valor de 15 milhões de dólares, de apoio a exportações portuguesas para o Chile.

Segundo informações fidedignas na posse do «DL» o encarregado de Negócios de Pinochet em Lisboa terá oferecido aos empresários portugueses possibilidades de investimento inclusive em quatro parques nacionais, que o Governo de Allende considerava reserva ecológica situados no extremo Sul do Chile com uma extensão de 300 mil hectares, aptos a ganadaria e exploração madeireira.

Polémica João Jardim-CDS continua na Madeira

Na sequência ainda do recente conflito verbal entre João Jardim e o dirigente do CDS, Rui Oliveira, a organização deste partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles

partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles

partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles

partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles

partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles partido na Madeira tornou público um comunicado onde considera lamentável que o chefe do Governo Regional elogie o trabalho de ministros centristas nos Executivos AD quando deles

que «isso também já o desejou, de balde, Mário Soares».

APU acusa

A APU entregou ontem ao Governo da Madeira um pedido de inquérito à edilidade de Câmara de Lobos por, até à data, não ter apresentado ao Assembleia Municipal o relatório e contas de 1979. Em conferência de imprensa, aquela coligação considerou que o pedido de inquérito baseia-se na violação do estipulado na legislação das autarquias.

A APU acusa o Governo Regional de «intimidação, mais uma vez posta em prática, ao proceder judicialmente contra a coordenadora da coligação de Santa Cruz».

Morreu George Brassens

O poeta e cantor francês Georges Brassens, 60 anos, morreu ontem no seu apartamento de Sete, na costa mediterrânica, aparentemente devido a problemas renais.

Brassens, que celebrou o sexagésimo aniversário no dia 22 deste mês tencionava, regressar em 1982 ao mundo da música, depois de uma prolongada ausência, com as suas canções sobre o amor, a vida e a morte.

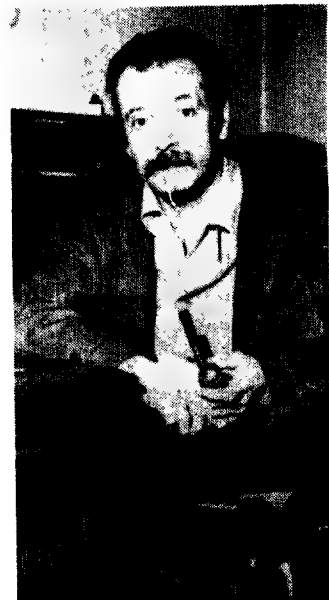
O cantor e compositor francês encontrava-se na sua terra natal, Sete, perto de Marselha, recuperando de uma intervenção cirúrgica, efectuada no Verão, para remoção de pedras nos rins.

Georges Brassens, um dos maiores poetas da canção francesa, herdeiro da grande tradição dos Villons e dos Rabelais, faleceu ontem em Montpellier, no Sul da França, por causa da doença, uma semana depois de ter festejado o seu sexagésimo aniversário.

A sua silhueta desajeitada, a sua farta cabeleira que foi embranquecendo ao longo dos anos e o seu bigode negro desparecem assim dos palcos. Desde há muito, esse cantor simpático que entrava em cena empunhando a viola como se fosse um machado, tinha conquistado o público que aprendeu a gostar dos seus modos rudes. Até os seus desmandos de linguagem já não conseguiam chocar os seus inimigos hereditários, os burgueses.

Estreou-se no início dos anos 50. Os seus versos que cantam o amor, a vida e a morte, satirizando os polícias, a justiça, e todos os «bons pensamentos», valeram-lhe uma celebridade que, ao princípio, só atingiu o Quartier Latin, antes de alastrar pouco a pouco. Os seus palavrões chocavam. Tal como os seus mestres Villon e Rabelais, chamava gato ao gato e puta à puta, e por vezes ia mais longe com piscar de olho cúmplice para o público.

«Le Gorille» e «L'Hecatombe», em que ataca violentamente a justiça e a polícia valeram-lhe uma proibição de passagem na rádio francesa, a qual durou vários anos.



Mas para além das suas vocações verbais e de uma música que, sob uma aparência simplista, dissimula uma grande fineza, as canções de Georges Brassens foram-se impondo pouco a pouco ao grande público.

Em trinta anos de carreira, o urso iconoclasta foi-se transformando num valor seguro da poesia francesa, consagrado em 1976 quando recebeu o Grande Prémio de Poesia da Academia Francesa para o conjunto da sua obra.

Compôs cerca de 150 canções, muitas das quais se tornaram clássicas, vendendo 25 milhões de discos, e as colectâneas de textos seus, traduzidas em alemão e inglês, atingiram os 350 mil exemplares: é um monumento da canção e da poesia francesa que desaparece.

Sofrendo desde há dez anos de problemas renais, Brassens, que vivia obcecado pela ideia da morte, escreveu e cantou, por duas vezes, o seu testamento. Em 1976, depois de uma grave crise de saúde regressou aos palcos. Após nova interrupção que durava desde 1977 estava previsto que Georges Brassens regressasse ao seu music-hall favorito «Bobino», em 1982.

abreu

FUNDADA EM 1940

DEPARTAMENTO DE CARGA
SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM:

- Transportes Internacionais TIR.
- Carga Aérea
- Carga Marítima
- Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupos de e para toda a Europa
- Grupos de e para todo o Mundo
- Serviço Marítimo convencional e contentorizado

PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU-P

LISBOA
Av. Liberdade, 164-48
Telef. 368783/371341
Telex. 16426 ABREU-P

Também em CARGA a tradicional qualidade

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 31 DE OUTUBRO DE 1981

Estórias de Portugal



A antecipação (em relação à publicação) com que dou à estória impediu-me, a semana passada, de estoriar esse episódio notável que foi a eleição do novo Presidente da Assembleia da República. Ainda bem que assim aconteceu. Tudo o que lera, vira ou ouvira acerca do rocambolesco 1.º episódio daquele inenarrável folhetim me levaria a descrevê-lo exactamente como... um episódio inenarrável. Erro meu, precipitação minha, análise ardente!... Lendo, vendo e ouvindo, agora, os seus principais intérpretes, sinto-me obrigado à penitência, mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa, pecador que fui em pensamentos, muitos, palavras, poucas, e obras, nenhuma, a não ser as da casa de banho... mas isso é outra estória também digna de ser contada. Afinal aquele charivari todo, aquela seroadá até altas horas da manhã, a roubar repouso a uns e «boites» a outros, as agressões verbais camuflando a indisciplina, a indisciplina a destilar raivas acumuladas nos recalques das frustrações, o quase quase «andar à pera», não foi nada, era só o que faltava, não querem lá ver os detractores do parlamentarismo, os inimigos da Democracia, os «terrores», os «sinistros» dos designios, os... até coro só de pensar o que estava para escrever!...

Tudo o que se passou naquela noite da Assembleia foi mais uma prova de vitalidade (vitalidade e virilidade...) da «nossa ainda jovem Democracia», a demonstração inequívoca do «funcionamento normal das instituições», a exuberante manifestação de que «a AD está cada vez mais coesa».

É evidente que o Onofre não é capaz de perceber isto de maneira nenhuma. Mas a verdade é que o Onofre... bem, o Onofre... vocês sabem... deixa um bocadinho a desejar em matéria de compreensão das coisas. É uma besta! Pois se ele não consegue perceber porque é que as mesmíssimas pessoas que ainda há pouco hossanavam a maturidade dum eleitorado que dava lições ao Mundo inteiro o acusem, hoje, de verdura ácida, impróprio para consumo, impossível de se comer. O Onofre não mete na cabeça que o eleitorado é como a fruta: está verde ou madura conforme as estações. E pelas abstenções que por aí se veem uma boa parte dele está mesmo em fase de «apeadeiro»... O perigo é que se se apeiam muitos ao mesmo tempo desequilibram a carruagem e estamos sujeitos a um descarrilamento.

Mas deixemos em paz o Onofre e a sua mania de que o doutor Mário Soares não se costuma referir à «vaga de fundo» mas sim à «vaca de fundo»... No «paleógrafo onofriano» vaca significa sorte e o tipo sustenta que o doutor Mário Soares está à espera duma sorte qualquer. Sei lá... talvez que ninguém se lembre de lhe perguntar. Por aí... tal vez a que o doutor Almeida Santos fosse o candidato do PS, isto é, da Esquerda, à Presidência da Assembleia da República sendo certo que graças ao prestígio que disfruta em todas as bancadas (e até mesmo entre nós, os peões) a sua eleição estava praticamente assegurada, a fazer fé em notícias de «O Jornal» e do «Expresso», pelo menos.

É que, como muito bem diz o doutor Mário Soares, «o PS não é um cemitério»; mas que acontecem por lá coisas do outro mundo essa é, pelo menos, a opinião do Onofre.

Onofre de cuja presença só vos consigo libertar acabando rapidamente esta estória. Caso contrário ainda acabo a contar-vos aquela sua teoria de que há partidos, ditos democráticos, que neste momento, conspiram abertamente contra o sistema partidário. Teoria que, na sua simplicidade, se explica muito mais facilmente que a outra de se fazer um partido dos partidos dos partidos para acabar com os partidos. Plágio escandaloso dum diálogo delirante saído do talento irreverente do Artur Semedo e representado há dois anos já no «1926-Noves Fora Nada».

A menos que o Artur Semedo tenha sido contratado para quebrar a chateza monocródica de alguns comunicados e moções salpicando-os de non-sense que ele domina como poucos estamos à beira dum novo escândalo político de repercursões incalculáveis... É que esta coisa de querer ter graça à custa dos outros, com o Semedo, não.

Francisco Nicholson

Truffaut ou o convívio

O último Truffaut, «La Femme d'à côté», foi motivo de polémica na crítica parisiense — e, mais uma vez, ou como sempre, um filme de Truffaut é coisa de amar ou de detestar. Por outras palavras: de entender ou de não entender. Porque, entendendo se amam os filmes deste realizador pessoalíssimo que é o maior do seu tempo francês. Como Renoir o foi... É difícil como o próprio Renoir, a quem o génio nem sempre beneficiou perante os leitores mais comuns da sua obra. Filme disperso, tortuoso, labiríntico, «La Femme d'à côté» certamente o é — mas...

...Mas poucas vezes o ci-

nema nos deu esta penetração no mundo íntimo das suas personagens, clarividente e discreta, lúcida e humilde, sem ilusão na sua imensa bondade. Assim se poderia, aliás, classificar o cinema de Truffaut no seu aspecto moral — e é esse aspecto que finalmente estrutura uma obra que, dos «400 coups» até hoje, através de dezenas de filmes já se mantém fiel a profundos valores de humanidade — e de inteligência das pessoas e das coisas.

«La Femme d'à côté» vem, paradoxalmente e num brincado jogo de palavras, duma série de televisão de Nina Companeez.

«Les Dames de la côte», como inspiração primeira — mas daí em diante o universo pessoal do realizador, de insinuoso sentido autobiográfico, assume a história. História de obsessão amorosa, dramática e absoluta que se refere, como é culturalmente normal na ficção francesa, a esquemas setenentistas. Contá-la é impossível, e só na memória ela se refaz e entende, com a presença dos grandes actores que a vivem e encarnam: Depardieu e, sobretudo aqui, Fanny Ardant. É o «amour fou» de ambos que dá o sentido absoluto da obra, para além das circunstâncias de jogo cuja regra (como Renoir diria — e disse...) é sempre necessariamente trágica.

é sempre necessariamente trágica.

Mas esse sentido tem um comentário, ou uma comentadora, na vizinha do lado que deu título ao filme e que, naufraga de história de amor também, melhor do que nós próprios, espectadores, pode entender a história que se tece em «flash back» e se escreve em longo planos-sequências admiravelmente conduzidos — com a compreensão total que François Truffaut põe na sua convivência. Que cada um dos seus filmes é convívio e totalidade. Como em Renoir aconteceu...

J. — A. França.

Disney, um império comercial

Filmes, chapéus de chuva, discos, sabões, baloiços, gravatas, lanternas, relógios, material escolar diverso: nada escapa à voracidade comercial das Produções Walt Disney.

Isto, depois de sabermos que as histórias da «família Disney» são publicadas em cinco mil jornais diários de todo o mundo e traduzidas em trinta idiomas, em mais de cem países...

O rato Mickey é hoje um «respeitável cinquentão». Surgido no cinema de animação no ano de 1928, «o mais célebre rato do mundo» esperaria ainda dois anos até fazer a sua aparição nos quadrinhos.

Representativo da «presença visual nos nossos dias», escreveu o estudioso brasileiro Carlos Alberto Miranda, Mickey Mouse é actualmente um herói sem carácter nenhum.

Começou por ter outro nome: Mortimer. Mas os acentos da vida predestinaram-no a outros voos. Trocou de nome e foi o primeiro rato famoso da história do cinema. Ganhou um óscar.

No entanto, em 1971, uma voz revelava possuir a coragem de afirmar que todo o idolo tinha pés de barro:

«Enquanto a sua cara risonha deambular inocentemente pelas ruas do nosso país, enquanto Donald for poder e representação colectiva, o imperialismo e a burguesia poderão dormir descansados», escreveram Ariel Dorfman e Armand Mattelart no livro «Para ler o pato Donald».

O escândalo foi de tal ordem, que até a respeitável «Associated Press» dedicou um telegrama ao assunto.

Com efeito a brincar, se diziam coisas como estas:

«O meu cão chegará a ser um salvador famoso e os meus so-



brinhos serão brigadeiros-generais. A que maior honra pode aspirar um homem?».

Ou ainda:

Razinhas, um dia sereis rãs grandes que se venderão muito caras no mercado. Vou preparar uma alimentação especial para apressar o vosso desenvolvimento...

Passemos brevemente em revista algumas personagens da galeria Disney.

Pluto representará tipicamente a figura do «idealista Frustrado», perdido no tempo e incapaz de compreender o sentido do tempo que vive.

Donald, por seu turno, simbolizaria a outra face da América, essa América das frustra-

ções resultantes da crença na competição, na livre concorrência, na publicidade e no êxito...

O velho espírito calvinista, cuja filosofia recomendava acumular riquezas, como a melhor maneira de servir a Deus, é simbolizada pelo Tio Patinhas.

F assim, cada um contribuirá para difundir uma filosofia de vida conformista e alienante.

O homem que procurava um lugar ao sol rapidamente se transformou no poderoso patrão de uma diversificada indústria.

Disney, a quem se acusa hoje de não ter criado as suas principais personagens, à excepção de Mickey, continua a sobreviver a

todos os ventos de contestação (é a própria morte física).

Para os dois autores citados, ele é «parte imortal da nossa habitual representação colectiva».

Desto modo, ainda se torna perigoso, ou incómodo, insinuar o que quer que seja sobre o mundo Disney: minar o alegre e inocente mundo da pequenada é afronta irreparável.

Mas o que acontecerá quando esses mesmos miúdos descobrirem, como escrevia há alguns anos a revista «Paris-Match», que Branca de Neve já não é virgem e que os Sete Anões têm sífilis?

Carlos Pessoa

Nobel

Como se fabrica a ciência

E se estudássemos, já não os africanos isolados na sua selva ou recentemente transplantados para os subúrbios das capitais,

mas os sábios, os prémios Nobel, nos seus laboratórios dos países mais ricos do mundo? Porque não transformar os investigadores em objecto de es-

tudo antropológico? Na página oito deste suplemento, publicamos um primeiro texto-análise do Instituto Salk, na Califórnia

— o mesmo que no princípio dos anos setenta foi visitado por Edgar Morin e que inspirou, em boa parte, o seu «Diário da Califórnia».

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

Taxi driver
de Martin Scorsese
(USA-1976)

Uma reposição que se torna interminável. A noite e o asfalto de uma América atravessada pela violência. Scorsese, Schrader, De Niro, Jodie Foster são os pilares deste filme temível e magnífico.

Cinema Quarteto-sala 4
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

Os saltadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA-1981)

Temo que, face a este filme desmesuradamente lúcido, se crie um clima de fácil apoteose. Se é certo que **Os saltadores da arca perdida** é um divertimento pleno, há algo que nele tem a marca de um cinema unânime, de um código **esperanto** (retomando uma feliz terminologia dos Cahiers), de um **écran** sem espaços para romper, para transformar

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

A absolvição
de Ulu Grosbard
(USA-1981)

O primado dos actores num filme surpreendentemente denso. Um padre e um polícia às voltas com a ética. Um filme



Brincar com os mitos, os monstros, os deuses, os heróis, as maldições: **Choque de titãs** de Desmond Davis

quase negro, quase apologético.

Cinemas ABCine-sala B
(14.45, 17, 19, 21.45 e 24 h)
e **S. Jorge 3**
(14, 16.30, 19 e 21.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

Choque de titãs
de Desmond Davis
(GB-1981)

O último produto de um dos patriarcas das trucagens em cinema: Ray Harryhausen. Os efeitos especiais são divertidos, o resto nem tanto.

Cinema Caleidoscópio
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

O terraço
de Ettore Scola
(Itália-1979)

Decididamente, o cinema italiano enquista. **O terraço**, espécie de remorso da geração de intelectuais do pós-guerra, é um filme mastigado e sem rumo, aguentado apenas por um **métier** industrial.

Cinema S. Jorge 2
(14.30, 16.45, 19 e 21.15 h)
(interdito a men. 13 anos)

Crónica da mais velha profissão do mundo
de Daniel Duval
(França-1979)
O best-seller autobiográ-

fico de Jeanne Cordelier transportado para o cinema por vontade de uma atriz (Miou-Miou). Resultado: um filme honesto mas sem ímpeto onde, porém, Maria Schneider é uma chama de justiça e concisão.

Cinema Quarteto-sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

007 — Missão ultra secreta
de John Glen
(GB-1980)
Um filme burlesco? Nem

tanto. Mas lá que James Bond se recicla pelo humor farfalhado, lá isso é bem certo.

Cinemas Cine 222
(14.15, 16.30, 19 e 21.30 h)
S. Jorge 1
(13.45, 16.15, 18.45 e 21.45 h)
e **7.ª Arte**
(14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24 h)
(interdito a men. 13 anos)

Horror show
de Richard Schickel
(USA-1979)
Uma antologia de cinema de terror com um apresentador monócordico, um texto assaz discutível, uma selecção de critério contestável, uma monta-

gem pouco hábil. Uma desilusão.

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

Música pelo caminho
de Jerry Schatzberg
(USA-1980)
Um filme tecido na mais banal das convenções. Insuportavelmente previsível: Schatzberg atinge a caquexia total de imaginação. E nem sequer a música o salva.

Cinema Estúdio 444
(14.15, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

AS ESTRELAS

Taxi driver	★★★★
Os saltadores da arca perdida	★★★★
A absolvição	★★★★
Choque de titãs	★★
O terraço	★★
Crónica da mais velha profissão do mundo	★★
007 — Missão ultra-secreta	★★
Horror show	★
Música pelo caminho	●

A «CHAVE»

- ★★★★ — excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

Teatro

Não há só uma crítica

Declarou Graça Lobo que não há crítica teatral em Portugal: eu sei que há mau teatro, mas a crítica teatral portuguesa é mil vezes pior que o pior teatro que se faz neste país. (o diário). É uma opinião respeitável como qualquer outra. O que interessa, a meu ver, é considerar que a crítica de teatro não é em Portugal uniforme, pelo contrário, é pluralista, e embora se situe, em grande parte, no mesmo sector ideológico são bem diferenciadas as reacções dos críticos. Por isso justifica-se que abramos, neste cartaz, espaço a opiniões que se oponham às minhas em relação a espectáculos que o justifiquem. Provar-se-á desse modo que, má ou menos má, não há só uma crítica, como não há só um Teatro. O que parece óbvio. F por Molly Bloom. É oportuno lançar um aviso ao leitor. Se gostou do espectáculo, tudo bem. Pode exprimir à vontade a sua opinião. Se não gostou, o caso fica mais fino. Precisa ser cuidadoso, caso contrário sujeita-se a ter que se limitar a pertencer à parte estreita da inteligência portuguesa (aqui e agora!). É que esta é como um funil: a parte larga é só para os que gostaram do espectáculo de Carlos Quevedo, os outros têm de se contentar com o canudo (é um canudo!). Pode acontecer que, como eu, o leitor não aspire a mais do que isso; ou nem sequer a isso, sendo suficientemente modesto ou desinteres-

sado para não se preocupar em pertencer a tão alta moradia. Nesse caso não há problemas. Se o leitor não gostou de Molly Bloom, esteja à vontade e diga o que lhe aprouver. Estamos num país livre n'ê?

ABC

● **«O Escabeche»**
de C. de Oliveira, F. Nicholson e R. Bracinha
Uma revista do Parque Mayer em passagem. Mas nem tanto como isso, infelizmente.

ADOQUE

● **«Paga as Favas»**
de F. Nicholson e G. Preto
Indispensável uma ida, pelo menos, ao Adoque.

COMUNA

● **«Serena Guerrilha»**
de Abel Neves e Comuna
Um texto à maneira da Comuna de antigamente sem a qualidade da Comuna de antigamente. Apenas para os indefectíveis e para os que nunca viram.

CASA DA COMÉDIA

● **«Sete aparições de Lenine sobre um piano»**
de Noel Coward
Um trabalho de adaptação e encenação de Fernando Heitor num espaço bem concebido por Filipe La Faria com duas criações, a não perder, de Maria Família Correia e Mariana Vilar. Indispensável.

MARIA MATOS

● **«A tragédia da Rua das Flores»**
de Fça de Queirós

Não chega a ser uma tragédia. Não chega a ser.

MARIA VITÓRIA

● **«Não há p'ra ninguém»**
de H. Santana, C. de Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga
Uma revista que retoma o caminho da autêntica revista à portuguesa. Ivone: indispensável.

TEATRO DA CORNUCÓPIA

● **«Não se paga, não se paga»**
de Dario Fo.
Repete-se: F de facto impagável. Indispensável.

TEATRO ABERTO

● **Retábulo do amor profano**
de Eduardo Blanco-Amor
Estreia, não muito auspiciosa, de um novo grupo.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

● **«Rómulo o Grande»**
de F. Durrenmatt
Um espectáculo que deve ser visto com um actor que é indispensável ver: Rui de Carvalho.

FORA DE LISBOA

CRIAÇÕES TEATRAIS

«Jorge»

de Anthony West
Em digressão pelo Sul este espectáculo que é indispensável ver.

Cinema e papel pintado

Americanos - anos 50

Os ciclos de cinema americano que a Fundação Gulbenkian tem organizado (dedicados às décadas de 30, 40 e, agora, 50), já fizeram tradição em editar catálogos monumentais. Como que num fôlego em crescendo, João Bénard da Costa, de ciclo para ciclo inflaciona textos e fotos, informações e análises, de tal modo que o catálogo dedicado aos anos 50 é um volume com mais de trezentas páginas ao longo das quais uma cronologia, um quadro sinoptico da história e cultura dessa década, um dicionário com centenas de entradas (realizadores, actores, directores de fotografia, argumentistas, produtores, etc.) e um abundante e magnífico material iconográfico, constituem um manancial imenso de consulta e gozo.

A palavra gozo (sinónimo de prazer, disfrute) não é aqui temporânea. Por certo que as informações factuais contidas neste volume poderiam ser obtidas noutras fontes, mas não a paixão e o humor que envolveu os textos, não essa análise que junta à lucidez uma desenvoltura alegre e inteligente. Por certo que muitas das afirmações críticas são discutíveis, alguns entusiasmos excessivos. João Bénard da Costa deixa-se tomar pela ênfase de uma escrita apaixonada e, às vezes, os seus êxtases por um actor ou actriz serão talvez mais ditados por uma alma de cinéfilo inveterado que pela frieza de um raciocínio precavido. Mas isso não importa. Pelo menos não importa muito, já que tenho para mim que a melhor crítica é aquela que

agarra apaixonadamente alguma coisa, que é capaz de se bater pela sua dama. E o cinema americano dos anos 50 é uma dama que merece todas as proezas, a cavalo ou a pé, com armadura, espada ou apenas pena e alaúde.

Deve dizer-se, depois, que este volume é um daqueles que apetece possuir e olhar. Tem a qualidade (rara nas edições portuguesas) de ser bonito, bom de folhear, de ver uma página e outra e outra ainda. As fotografias são fabulosas e até há um extratexto colorido de Marilyn.

Não é exagero afirmar que este catálogo é a mais importante edição cinematográfica portuguesa do ano. Custa 500\$00 e vai esgotar-se rapidamente, é garantido.

J. L. R.

Atenção:
vem aí o

FITEI

Festival Internacional
de Teatro de Expressão Ibérica
DE 7 A 22 DE NOVEMBRO

A cidade do Porto
é mais viva. É melhor
Assista a bons espectáculos
Participe — contamos consigo

GRUPO DE CAMPOLIDE

ACADEMIA ALMADENSE

4 ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

SÁBADO 31 E DOMINGO 1
ÀS 16 H E ÀS 21.30 H

GUERRA ?!
NÃO OBRIGADO

ENC. FERNANDO GUSMÃO

UM ESPECTÁCULO DISCUTIDO

E A DISCUTIR!

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português



A MOR DE PERDIÇÃO
— longa-metragem
— 16 mm/côr
Realização: Manoel de Oliveira.
Argumento: Manoel de Oliveira, segundo romance homónimo de Camilo Castelo Branco. **Fotografia:** Manuel Costa e Silva. **Cenários e figurinos:** António Casimiro. **Música:** João Paes e extractos da sonata op. 5 de Haendel. **Montagem:** Solveig Nordlund. **Som:** Carlos Alberto, João Diogo, José de Carvalho. **Interpretação:** António Sequeira Lopes, Cristina Hanser, Elsa Wallen-camp, António Costa, Ricardo Pais, Ruy Furtado, Maria Dulce, Maria Barroso, Henrique Viana, Adelaide João, Lia Gama, Manuela de Freitas, Ana Colares Pereira, Duarte de Almeida, etc. **Voz off:** Pedro Pinheiro e Manuela Melo. **Produção:** Instituto Português de Cinema, Centro Português de Cinema, Radiotelevisão Portuguesa. **Cinequipa:** Tobis Portuguesa. **Direcção de produção:** Henrique Espírito Santo e Marcellino Krieger. **António Lagrifa.** **Distribuição em Portugal:** V. O. Filmes. **Classificação etária:** Não aconselhável a menores de 13 anos. **Duração:** 260 minutos. **Rodagem:** 1976/78

Estreia: 12 de Novembro de 1978 (em 6 episódios, versão televisiva, na RTP/1). **Estreia Comercial do filme:** 13 de Junho de 1979 (Action République, Paris); 24 de Novembro de 1979 (Quarteto, Lisboa).

Um texto imagético sereno, imóvel, fantasmático, tocado por uma irrealidade flagrante, por um artificialismo hierático, faz passar o texto (vulcânico) de Camilo Castelo Branco com o respeito escrupuloso de quem filma um romance para lhe saborear a febre com que está escrito.

Não sendo nem a quintessência do cinema que alguns proclamaram nem a vergonha nacional que a asneira portuguesa nele viu. **Amor de Perdição** é um filme que apaixonou e frustra. Apaixona lá onde Oliveira pressente que uma estética não-emocional e contemplativa é a única forma de reler e encerrar (uma última vez) o genial texto de Camilo. Frustra onde as incertezas de Oliveira se tornam nítidas (e o trabalho com os actores é um desses pontos: não se discute a aposta numa representação zelosamente fechada e discutível a disparidade in-significante de registos).

A reter: uma fotografia excelente (mas desigual) de Costa e Silva; uma cenografia atenta, de António Casimiro.

A CTO da Primavera
— longa-metragem
— 35 mm/cor
Realização, produção, fotografia, montagem e som: Manuel de Oliveira. **Argumento** segundo o «Auto da Paixão» de Francisco Vaz de Guimarães. **Consultores:** padre José Carvalhais, S.J. e José Régio. **Assistentes de realização:** António Reis, António Soares e Domingos Carneiro. **Seleção de actualidades:** Paulo Rocha. **Guarda-roupa:** Jayme Valverde. **Interpretação:** Nicolau da Silva (Cristo), Ermelinda Pires (Nossa Senhora), Maria Madalena (Madalena), Amélia Chaves (Verónica), Luís de Sousa (acusador), Francisco Luís (Pilatos), Renato Palhares (Caifás), Germano Carneiro (Judas), José Fonseca (espião), Justiniano Alves (Herodes), João Miranda (S. Pedro), João Luís (S. João), Manuel Criado (diabo) e o povo de Curialha — Chaves. **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo. **Classificação de censura:** Maiores de 12 anos. **Duração:** 94 minutos. **Rodagem:** 1961/62. **Estreia:** 2 de Outubro de 1963 (Império, Lisboa)

Na filmografia e no trajecto filmico de Oliveira, **Acto da Primavera** marca o ponto chave do seu cinema. E neste filme que Oliveira encontra o que seria, doravante, a matriz da sua obra: falar, em simultâneo, do significativo e do significado, da representação e do que se representa.

Provavelmente, em **Acto da Primavera**, tratou-se de uma estrita necessidade: o filme recolhe uma representação popular da Paixão de Cristo, anualmente levada a cabo numa aldeia transmontana; daí que o que passa seja a duplicidade de um acto que pretende representar um acontecimento mítico sem buscar a estrita transferência da representação. A palavra ritual seria a que melhor definiria este filme e rituais seriam, no futuro, todos os trabalhos de Manuel de Oliveira.



Se retirarmos a **Acto da Primavera** as moralistas generalizações finais (decididamente apostas a um filme que é, todo ele, fundado na distância e na ironia), estaremos em presença de uma obra-prima, talhada no rosto de um povo. Tenho para mim que Oliveira não mais teria esta instintiva e desarmada verticalidade, a completa ausência de «rede» num voo magnífico pelo «palco do povo».



VAMOS AO NÍMAS
— curta-metragem
— 35 mm / p.b.
Realização: Lauro António.
Texto: Maria Eduarda Reis
Colares (dito por Lia Gama e Nuno Martins). **Fotografia:** Moedas Miguel.
Montagem: L. António e Emília d'Oliveira.
Montagem sonora: Raul Ferrão. **Misturas:** Luís Barão. **Produção:** Lauro António. **Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo. **Duração:** 18 minutos. **Rodagem:** De Setembro de 1974 a Março de 1975. **Estreia:** 28 de Maio de 1975 (Tivoli, Lisboa).

Percursos nostálgico pelos cinemas de bairro, tomados como capelas votivas de muito cinéfilo popular (e cuja referência é quase obrigatória na memória dos intelectuais do cinema, adolescentes nas décadas de 40 e 50). **Vamos ao nímas** é o primeiro trabalho cinematográfico de um conhecido crítico de Lisboa, Lauro António.

Como película de iniciação, L. António escolhe um território reconhecido, articulado com a época de ouro do cinema (americano), tudo zonas onde se podia movimentar sem escolhos de maior.

Como documento sobre os **nímas** que as lógicas do mercado (urbano e cinematográfico) foram deglutindo nos seus inexoráveis mecanismos. **Vamos ao nímas** é um olhar curioso, à defesa, que lamenta mais do que analisa, que tange a finados mais do que compreende e explica.

Talvez seja pedir demasiado, a tão curto filme, que nele aparecessem inscritos os vários vectores que produziram a reconversão do mercado cinematográfico, a redefinição das estratégias de exibição. Mas a ausência de uma perspectiva neste domínio, faz o filme funcionar numa toada de requiem impotente e numa esperança de mudança, ou retorno, sem visíveis alicerces.

A análise sociológica, económica e política ficou por fazer. Resta o documento.



A PRIMEIRA VISTA
— curta-metragem
— 16mm/cor
Realização e argumento: José Ribeiro Mendes. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Aderecista e assistente de realização:** Maria da Assunção Oliveira. **Música:** My daddy rocks me. **Montagem:** Maria José Pinto. **Som:** Paola Porru. **Interpretação:** Alvaro Lapa e Maria Beatriz. **Produção:** Instituto Português de Cinema. **Equipa de produção:** Oscar Cruz, Francisco Silva, Piedade Trindade, Henrique Pinto Sousa. **Distribuição em Portugal (não comercial):** Instituto Português de Cinema. **Duração:** 25 minutos. **Rodagem:** 1977. **Nunca estreou comercialmente.**

Uma das películas incluídas no plano de primeiras obras, do IPC em 1977. Uma estreia pouco animadora.

Filme que narra a história de um realizador estreante em vias de realizar o seu primeiro trabalho. **A primeira vista** é um discurso à procura de um filme que não há, um texto escrito que narra o texto filmico que não se fez.

A substituição, o sucedâneo do filme dentro do filme, circunvoluntariamente, é sempre uma «boa» maneira de fugir à prova dos nove do cinema: filmar de facto.

O realizador (ou o seu **alter ego** em forma de personagem) confessa não saber muito bem qual é a história, carregando-a, entretanto, de referências a Chandler, ao cinema negro, a uma narrativa americana directa de que **A primeira vista** está nos antipodas.

Temendo dizer, preferindo dizer-se, este trabalho de Ribeiro Mendes faz-se no desejo de um cinema que não atinge nem tão-pouco aflora.

GRUPO DE CAMPOLIDE - ACADEMIA ALMADENSE

GUERRA?! NÃO OBRIGADO

ENC. FERNANDO GUSMÃO

Sábado, 31 e domingo, 1 às 16 e 21.30 h

na Academia Almadense

últimas

Sub-Sec/CMA

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D 1100 (metro Areeiro) - R. Infante, 16-55-C 1300 LISBOA

2 RODAS 2 vezes
mais atenção!Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.

Depois do golpe de Pinochet: o diário de uma embaixatriz

O passado e presente que Santiago quer fazer esquecer

«Je témoigne» (Eu testemunho), publicado em Paris em 1979, é o depoimento impressionante de Pierre de Menthon, embaixador da França no Chile em 1973, sobre o golpe de Pinochet.

De Menthon, que faleceu no ano passado, organizou, a partir de Setembro de 1973, em Santiago, o complicado acolhimento de centenas de chilenos fugidos à barbárie fascista e que procuravam asilo nas embaixadas. Parte do seu livro é composto pelo diário de sua mulher, Françoise, que com ele participou no drástico salvamento de algumas vidas. São desse diário de uma católica não especialmente interessada pela «política» os excertos que a seguir publicamos. Para que a memória faça o seu trabalho. E sem comentários.

Segunda-feira 15 de Outubro de 1973

Há um mês que Allende foi assassinado. Ao contrário do que esperávamos, existem cada vez mais dramas em nosso redor. Decido tomar nota deles porque evocam tantos sofrimentos! Queria recordá-los detalhadamente.

À noite, muito próximo de nós e lá longe, ouviram-se de novo sinistros tiros de armas.

Fui tomar chá a casa da senhora T... com o seu cunhado, que apoia a Junta. O genro da senhora T... é procurado. A sua cozinha, cujo filho está no Estádio Nacional, contou o que lá fazem: molham-nos, vendam-lhes os olhos, penduram-nos pelos pés durante três horas, batem-lhes. Também os atiram para o vazio de helicópteros.

Ao voltar à embaixada encontrei-me com dois pares de refugiados e com um pároco de aldeia. Esta manhã estavam sete mortos entre os 17 e os 20 anos, numa rua da povoação, provavelmente levados para ali para meter medo.

As bichas voltam a formar-se frente aos armazéns. Amanhã o pão vai subir de 11 para 40 escudos o quilo. Os sapatos vão passar a custar o dobro. As pessoas saem dos arma-

zéns carregadas com caixas de sapatos.

Continuo a ler o livro de Dom Helder Camara, Revolução na Paz. Faz-me bem; ajuda-me a compreender.

Terça-feira 16 de Outubro

Subimos no carro com M... e J... ao monte San Cristóbal. Do seu hotel ouviram gritos a meio da noite. A torrente do Mapocho e a colina devem ocultar muitos dramas. Durante o dia ninguém sabe nada, mas há pessoas que contam que ao passearem às seis da manhã, ao longo do rio, se vêem cadáveres na margem ou flutuando na água.

Hoje não pude deixar de ir visitar os refugiados que estão na chancelaria (são uns trinta), levando-lhes umas flores do nosso jardim. Também dei um «Assimil» a uma freirita que quer convencer um jovem a estudar. Ela passeia-se tranquilamente entre toda aquela gente, que está deitada no chão e enrolada em lençóis. Todas as janelas estavam tapadas com jornais.

O padre Pierre, um homem de uma bondade e inteligência maravilhosas, veio de França para tirar da prisão os Trapeiros de Emaús, que são perseguidos no Sul. Recebemo-los na residência.

Sexta-feira 19 de Outubro

Às onze da manhã, umas campanhas desesperadas levam-me a olhar pela janela. Um rapaz muito pálido está no patamar. Acaba de saltar o portão. Magoou-se nas grades da escadaria e está chorando. Tem 18 anos. A sua família foi toda fuzilada na província. O pai e os seus irmãos, todos pertencentes ao MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária), foram mortos em suas casas. Dois bebés que ficaram abandonados foram recolhidos, poucas horas depois, pelos vizinhos. O próprio rapaz, que por sorte se encontrava ausente, foi escondido por um dos seus professores da Universidade, que o convenceu a partir para Santiago, dando-lhe a morada da nossa embaixada. Ajudo-o a subir para o local onde estão os outros refugiados, que o rodeiam. Pouco antes tinham entrado dois pares de Trapeiros de Emaús. O padre Pierre tinha conseguido libertá-los. Estes homens podiam ter sido fuzilados.

Sábado 20 de Outubro

Há jornalistas franceses que são perseguidos. Dois deles, antes de voltarem para Paris, escondem-se na embaixada.

Passo a manhã em La Vega fazendo compras, para nos abastecer de provisões. Carabineiros armados até aos dentes controlam as ruas. Uns pobres tipos esfarrapados e de olhar vazio, passeiam-se sem fazer nada. A esposa do ministro conselheiro acompanha-me; muito pouco tempo antes, quando voltava do aeroporto, onde tinha ido acompanhar a freirita, que regressava a França, viu um cadáver na margem do Mapocho.

Domingo 21 de Outubro

Não dormimos durante toda a noite. Desde a uma até às quatro da manhã não paramos de disparar muito perto da embaixada. Disparos secos, surdos. Tinha-se a sensação de que eram execuções no Mapocho. É um lugar isolado, com um talude muito elevado. Os refugiados pensam que os tiros eram provocados por causa deles, para lhes meterem medo. Os vizinhos pensavam que eram perseguições contra os que tentavam entrar.

Saimos às 10 h. com os L... em direcção à Cordillera. A poucos quilómetros de Santiago vemos um morto, na berm da estrada, de barriga para baixo e de braços abertos. Deixaram-no ali para escárnio; deve ter sido fuzilado durante a noite, talvez por o terem apanhado na rua depois da hora do recolher.

Segunda-feira 22 de Outubro

Encontrei-me com o dentista de P... H... Receava vê-lo. «Viu o que se passou? Divertido, ah?» disse-me directamente. De súbito pensei que toda aquela ciência, aquela casca mundana, esse verniz de classe era horrível, falso... Produz-me horror. Penso nos sofrimentos de todos os que já não têm voz para falar.

Almoçamos em casa do ministro conselheiro com o monsenhor A..., ajudante do arcebispo. Jovem, sensível, directo. Veste roupa negra. Vive numa casita de tábuas no meio dos pobres. Ajuda as famílias dos desaparecidos, dos presos, dos mortos. Procura-lhes trabalho, dá-lhes apoio. Com a cooperação de outras pessoas, vai fundar o Comité para a Paz, que representará uma grande ajuda para os perseguidos.

Quinta-feira 25 de Outubro

(...) Almoço em casa dos L com um colega da embaixada da Itália. É um homem apaixonado e sentimos que é total a nossa comunhão de sentimentos com ele. «Faremos todo o possível para salvar os perseguidos», declaramos. «Nada de diferenças de classe, de distinções políticas. O homem, imagem de Deus, deve ser tratado com o maior respeito». (...)

Sexta-feira 26 de Outubro

De novo tiroteios esta noite, como no sábado passado foram principalmente entre as três e as quatro da manhã.

Volto à chancelaria. Há um grupo de gente na margem do Mapocho, em frente ao nosso portão. É terrível. Um cadáver que parece arrojado pelo frio jaz na margem oposta. Um carabineiro e um homem à civil descem e cobrem-no com cartões. As pessoas olham para o meio da corrente. Entre uns ramos, ao lado de um velho cepo, está enganchado um outro corpo, branco, decomposto, inchado. Dois jovens, um rapaz e uma rapariga, tentam aproximar-se. O leito é profundo e o declive abrupto. Um carabineiro vigia-os do alto, as pernas abertas, a metralhadora preparada, inquieto, olhando constantemente para trás de si. Os jovens amedrontam-se. Voltam para trás. A multidão rodeia o carabineiro, mas ninguém diz nada, como se estivessem embuchados. Algumas crianças apedrejam o cadáver.

Tudo se me revolve! Que repugnância! A maldade humana! E ao lado disto, a cidade cheia de sol. Providência está repleta de produtos, desaparecidos há já muito tempo, vendidos ao preço do mercado negro e que só as pessoas deste bairro podem comprar.

Oíço os sinos que chamam para a missa, mas a religião incomoda-me esta tarde, porque os militares escondem-se atrás dela e ostentam a sua imagem. Cristo é a única verdade! Quanto deturpam os homens a sua mensagem!

Sábado 27 de Outubro

O embaixador da Bélgica e a sua esposa vêm almoçar. Acolhem na sua residência, que não é grande, sessenta refugiados e tiveram de se limitar ao seu próprio quarto. Existem dificuldades no abastecimento de água de manhã e, à noite não se pode dormir por causa de uma viola que toca até muito tarde. O embaixador conta-me que no Estádio Nacional há uma média e dez mortos por dia. Crítica uma certa Embaixada que recebe refugiados, mas que tem um carabineiro lá dentro e aos anglosaxónicos, que não accitam ninguém.

Domingo 28 de Outubro

Uma jovem brasileira, viúva, de 19 anos, que acolhemos com o seu bebé, recebe a visita de um primo. Traz-lhe uma carta que o seu marido escreveu uma hora antes de ser fuzilado, a 18 de Outubro. Esta noite quando a rapariga me conta, refugia-se nos meus braços, soluçando.

Segunda-feira 29 de Outubro

Recebo a visita de uma senhora muito «momia» (algunha dada aos direitos-múmia). Fala-me de um caso muito trágico: o filho de um dos seus amigos, um francês, desapareceu da La Moneda no dia 11 de Setembro. «Pertencia ao círculo de Allende, e a sua esposa, uma mulher de ideias espantosas, apela até ao presidente da República francesa para encontrar o seu marido». A senhora «momia» receia o efeito que teria em França esse desapare-

Santiago 1981: prisões e tortura no Chile de hoje

O jornalista José Maldavsky, de 35 anos, casado, pai de três filhos, foi preso e torturado no ano passado e acabou por ser condenado a dois anos de «relegación» (residência fixa) em Fevereiro deste ano. Mais tarde a pena foi transformada em expulsão do Chile. O seu testemunho, obtido já em França, onde reside actualmente, mostra como se tortura, se prende e se assassina «legalmente» no Chile de 1981, oito anos depois do golpe. O seu depoimento adquire particular significado num momento em que a ditadura de Pinochet, através das suas antenas em diversos países (entre os quais Portugal), tenta dar de si própria uma imagem mais «amaciada». Maldavsky foi repórter de «El Siglo» até ao golpe de Setembro de 1973, e mais recentemente colaborava na revista «Hoy».

— A vida das pessoas segue o seu rumo mesmo no inferno. Os heróis existem só nas histórias. No Chile de Pinochet uma pessoa habituava-se ao recolher obrigatório, a não circular de automóvel a certas horas da noite, a desenvolver reflexos frente a um estado policial sempre presente. Isto é já a rotina. A vida de cada um continua. Todos os dias uma pessoa volta do seu trabalho para se encontrar com os seus filhos, com a sua mulher. Sabíamos, no nosso caso, que a tranquilidade se aguentava por um fio, por causa do nosso passado. (...)

A propósito do que disse sobre as manifestações, estou a recordar-me de uma em Setembro de 79. Na Avenida Ahumada. Cálculo que éramos cerca de cinco mil, que tínhamos vindo a uma missa pelos assassinados de Lonquén. A polícia dispersou os manifestantes brutalmente e houve muitos presos. A minha mulher e eu tínhamos antes combinado com uns amigos ir dar um passeio até à Cordillera. Dissemos que mesmo se alguém fosse preso, o piquenique com os nossos filhos se faria na mesma. E fizemo-lo, foi uma boa tarde. Talvez isto possa parecer frívolo e talvez fosse conveniente não o contar. Mas acho que não. Tacitamente é claro para todos que o mais importante é viver e acabar por ultrapassar o

terror. Os casos da tuta contra a ditadura são considerados como um risco que faz parte da vida corrente. Dois dias antes de ser preso, estive, com a minha família, no aniversário de um filho de uma amiga. Ali se reuniram vários conhecidos; recordámos, a rir, uma série de anedotas do passado e ironizámos sobre a actual situação. Até dançámos animadamente. E acontece que dois dias depois a minha vida tinha mudado por completo. (...)

Cheguei a casa à hora do jantar. Deitámos as crianças e apetecia-nos ir também dormir. Na cama, eu e a minha mulher folheámos ainda os jornais do dia. De repente, quebrando a tranquilidade da casa, irromperam uma dezena de indivíduos armados de metralhadoras. Quase sem dizer uma palavra abriram os roupeiros, os outros móveis, invadiram o quarto das crianças, despedaçaram tudo o que lhes pareceu poder servir de esconderijo a papéis. Disseram-me depois que os tinha de acompanhar. Para que serviria dizer que não levavam nenhum mandato de busca, nem ordem judicial nenhuma, ou que nem sequer avisaram para onde me levavam? É o habitual. Saí de olhos vendados para um rumo desconhecido. Deste modo, quase sem transição, se produziu violentamente a mudança e de homem

passei a ser uma espécie de boneco de trapos da CNI (Centro Nacional de Informação-polícia política).

— Já tinhas estado preso?

— Sim, tinha sido preso em Março de 1980. Nesse dia houve uma manifestação feminina de homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Fui lá como repórter e embora tivesse mostrado a minha credencial aos carabineiros, eles levaram-me na mesma para uma esquadra. Ali estive durante quatro dias e fui posto em liberdade graças aos protestos e intervenções dos meus colegas jornalistas e da revista Hoy. Mas hoje sinto essa prisão como uma brincadeira de crianças comparada com o horror que vivi depois. (...)

Senti medo. O medo que subjaz latente em todos os que vivem no Chile. De uma maneira ou de outra, todos nós nos acostumámos à ideia de que um dia qualquer, ou melhor, uma noite qualquer, os agentes do CNI nos virão buscar a casa. Quando tal acontece estamos então mais ou menos preparados para o enfrentar. Mas tal não te impede de sentires as pernas a fraquejar, a garganta a secar, como se estivesse a atravessar o Sahara. Porque na polícia termina toda a dignidade humana e o medo não é só por si próprio, mas também pela família, pelos filhos, pelos amigos. É impossível não tremer, não sentir segretos calafrios.

No que me diz respeito fiz por manter a compostura, enquanto os agentes revolviam as estantes e empilhavam os livros, nem sequer os olhando. O meu filho mais pequeno chorava e a minha mulher estava mais pálida do que uma estátua. Levaram-me pelo jardim da casa e meteram-me num automóvel. Vendaram-me os olhos e algemaram-me. Os carros partiram velozes. Eram vários. Nos quinze minutos seguintes a minha preocupação foi a de tentar per-

ceber porque ruas passávamos. Del-me conta de que estávamos perto da Estação Mapocho: por causa do ruído dos comboios e do rumor do rio. Muito depois soube que me levavam para um centro de presos que o CNI tem na rua Borgoño perto de Independencia. (...)

Tinha conseguido dominar o medo, penso que por milagre. Julgo que me fizeram entrar pela porta de uma garagem. Descemos por uma escada até um subterrâneo e eu feri a testa numa porta. O subterrâneo pareceu-me um labirinto. Finalmente introduziram-me num quarto. Ordenaram-me que me despi. Senti que estavam ali diversas pessoas, inclusive uma mulher. Tive a certeza de que estava perante uma comissão que me examinava. Um médico e uma enfermeira diziam se eu estava ou não em condições para esta ou aquela tortura. Devo dizer que a sensação de nudez é bem especial: sentes-te inerte e terrivelmente humilhado, isso de estar a expor os órgãos genitais; uma pessoa sente como se tivesse tudo a descoberto, nu de alma, de pensamentos.

Pouco depois começaram a bater-me. Bofetadas no rosto, pontapés no corpo. Logo a seguir vêm os choques eléctricos. Utilizam uns aparelhos que estão ligados a um receptor de rádio e isso permite-lhes subir ou baixar a voltagem.

Começaram logo a interrogar-te?

— Fizem-me perguntas às quais me recusei a responder. Esta negativa é quase um recurso de autodefesa. Não sabia nada que lhes pudesse interessar e fechei a boca. Estou certo de que não sou particularmente valente, nem me julgo herói de coisa alguma. Mas não falar surge-te como uma força obscura ou ignorada, uma vontade de dignidade

que, penso eu, se apodera até do menos valente. Permaneci mudo, como se tivesse esquecido todas as palavras. Começaram então a aplicar-me choques no peito, nos sovacos, nos órgãos genitais. Quando se aperceberam de que eu era capaz de suportar o tratamento, colocaram-me numa maca — aparentemente uma maca de ambulância —. Prenderam-me os pés e as mãos à maca. Quatro tipos cobriram-me o corpo de electrodos. Perdi a noção do que acontecia, desmaiei diversas vezes. Colocaram-me panos molhados na boca para que não gritasse, que era o que eu mais queria. O pano molhado aumentou os efeitos da electricidade. Isto tudo já foi descrito de uma forma pormenorizada em inúmeros testemunhos. Por isso não julgo estar a dizer nada de novo, nem a acrescentar alguma coisa, o que quero contar é que a dor era na verdade insuportável, uma convulsão interminável. Os indivíduos que se encarregavam do tratamento riavam-se dos meus gritos sufocados, das minhas crispções. Diziam-me: «A próxima descarga vai ser pior». Entre eles estava uma mulher de um sadismo incrível. Proferia insultos que abrangiam a minha mulher e os meus filhos.

— Eles queriam saber alguma coisa em concreto? Procuravam o quê exactamente?

— Diziam-me que eu era assim como um chefe de certa imprensa clandestina. Descreveram acções e situações nas quais eu nem remotamente tinha participado. Perguntavam-me por estas ou aquelas pessoas que seriam meus colaboradores, género contactos-chave. Se eu tivesse dito que efectivamente conhecia essas pessoas ou se «acesse» os cargos que me atribuíam, talvez que no primeiro momento as descargas eléctricas parassem. Mas depois isso teria sido muito pior. Todos os prisioneiros o sabem. Se tu co-

meças a «confessar», a fazer concessões, o que vem a seguir é muito pior. Os interrogatórios continuarão até ao infinito e o suplício pode só terminar com a morte do interrogado. Então o chefe dos torturadores terá unicamente esta exclamação para os seus subordinados: «Exageraram, seus colhões!» (...)

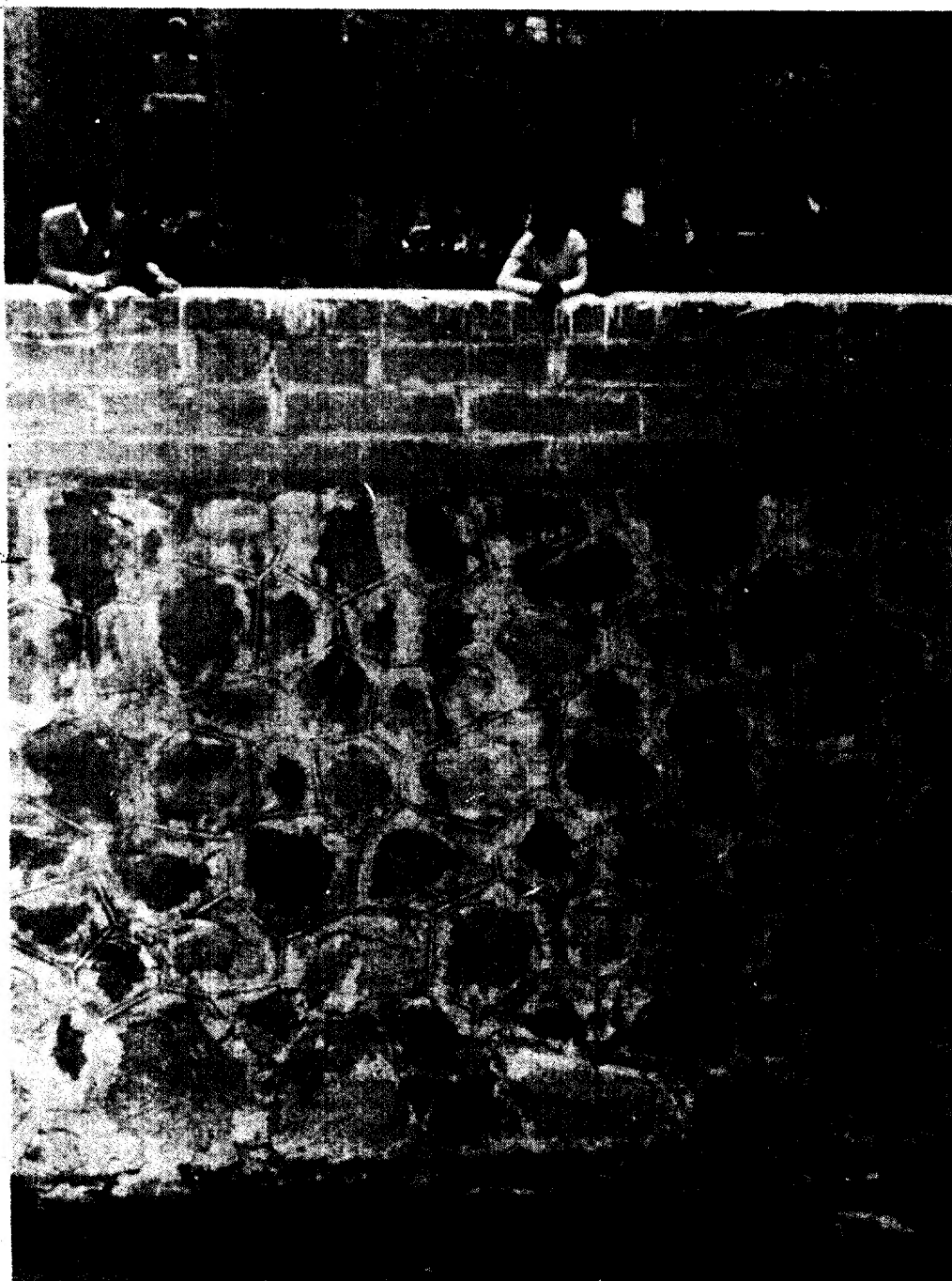
Perante o CNI não existem heróis nem anti-heróis. Como poderei explicar-te... a tortura coloca uma pessoa em situações limite e tu acabas por te habituares à ideia de que dali não vais sair vivo. E vencer o medo da morte é nestes casos uma maneira de recuperar a dignidade. Uma pessoa pergunta-se: porque é que vou morrer com uma merda? Então sem propor, sem fazer para si próprio, ou para os outros, um discurso, uma pessoa decide ser casmurro, esquecer tudo, não falar. Também é certo que nem todos os prisioneiros reagem do mesmo modo. Em cada um deles se combinam de modo diferente, elementos de resistência física, factores psicológicos, ideológicos. Naquando chega a convicção de que se pode perder a vida, que talvez já não haja esperanças de sair dali, então tudo é assombrosamente diferente. Acaba o medo, até a dor física se sente com menos intensidade.

— Que impressão te causaram os torturadores?

— Existem uns que fazem papel de bons e outros o papel de maus. Como um dos seus objectivos é o de descobrir as fraquezas da vítima, jogam com os que li estão afectivamente muito perto com os seus modos, os seus costumes. Existem interrogadores «psicológicos» e outros que fazem o trabalho sujo. Embora os papéis rodem, como no teatro.

— Pensas que eles têm plena consciência do que fazem?

— Penso que eles julgam esta a fazer um trabalho de rotina,



Cadáver no Mapocho

Hoy con Rusia

CHILE:

Olivares, Machuca, Figueroa, Quintana y Arias; Pérez, Rodríguez, Valdés; Caszely, Almada y Véliz

REPÚBLICA DE CHILE
Dirección General de Investigaciones

La Junta Militar de Gobierno Ordena:
UBICAR Y DETENER
A las Sigüientes Personas



O «Últimas Noticias» de 26 de Setembro de 1973: A Junta e a sua Imprensa põe a cabeça de dirigentes políticos e sindicais a prêmio

como num escritório ou numa fábrica. O seu trabalho é o de pôr em prática os horrores que lhes encomendam e, para isso, deixam a consciência em casa. Num dos intervalos da tortura — estava eu estendido na cama eléctrica — um dos torturadores contava ao outro uma preocupação que o roía: a sua mulher tinha deixado a televisão, a cores, acesa durante toda a noite e, precisamente, debaixo do móvel da televisão estava o berço

do bebé, que tinha só três meses. Ele perguntava aos outros se pensavam que ele devia consultar o médico: como dizem que as radiações luminosas dos ecrãs de TV são muito más para as crianças! Um outro falava das dificuldades com os transportes públicos — vivia longe — e de como, mais que uma vez, tinha tido de começar com «atraso» uma sessão de tortura. Uns manifestavam pressa em acabar o seu trabalho, porque

tinham de sair com as mulheres ou fazer as compras de fim-de-semana: (...)

— A tua mulher sabia onde estavas?

— Ninguém sabia. Apresentou-se um recurso de amparo. O Presidente do Tribunal de Apelação pediu informações ao Ministério do Interior e ali disseram que ignoravam onde eu me encontrava. Depois, por causa das pressões do «colégio dos Jornalistas»,

cimento se existisse prova de que o pobre tipo tivesse sido fuzilado. «Contam-se pelos dedos de uma mão os que saíram vivos de La Moneda naquele dia; quem sabe não...» acrescentou.

Uma multidão de gente nas margens do Mapocho. Outro cadáver na água, inchado, enredado nuns ramos.

Sexta-feira 2 de Novembro

Às onze, duas pessoas agarram-se ao portão, suplicando-me que as deixe entrar. Não pude negar. Têm os rostos suados, transidos pela angústia. À tarde, é uma mulher com o seu filho. É a esposa de um jornalista. Pede-me ajuda. Digo-lhe que espere, que são sete da tarde, que a hora de recolher é às nove e que Pierre não está. Um jovem precipita-se correndo, atravessa o jardim e sobe até ao último andar da casa.

Sábado 3 de Novembro

Esta tarde Pierre sobe para dizer aos refugiados que se acabou: não pode haver mais visitas nem telefonemas. Temos de observar as regras de isolamento, como se faz em todas as embaixadas (...)

Domingo 4 de Novembro

(...) Num dos carros da chancelaria chega um ferido em estado muito grave. Instalamo-lo numa cama desmontável que faz as vezes de maca. Os refugiados mostram-se todos muito diligentes. Sobem-no, não sem dificuldades, até ao seu quarto... É um homem muito alto e está engessado dos pés à cabeça... Acompanha-o Françoise Soubirou, sua noiva, uma parente de Santa Bernardette, com a qual, aliás, se parece. Ele tem uma magnífica cabeça de guerrilheiro. O seu vigor e a sua complexão excepcionais permitiram-lhe sobreviver

quando, junto dos seus companheiros, jornalistas como ele, foi atingido por rajadas de metralhadoras de soldados. Todos os outros morreram. Mas ele, ferido nos músculos e não em órgãos vitais, foi deixado como morto numa azinhalha. À noite, ligou-se a ele próprio com as roupas e, ao amanhecer, foi levado ao hospital pelo primeiro carro que passou. Um carro de carabinieri. Ao fim de um mês de tratamento, o médico chefe de serviço queria entregá-lo ao Exército. Milagrosamente, o médico morreu de um enfarte e o seu substituto, que não conhecia o caso do ferido, ou, quem sabe, «fechou os olhos» perante ele, autorizou a sua saída, a instâncias da pequena Soubirou. Baptizámos este ferido de «O Morto».

Segunda-feira 5 de Novembro

O padre B... traz-nos um dirigente socialista muito procurado. Trinta homens próximos dele foram fuzilados.

A mulher do jornalista não sabe ainda onde está o seu marido; não consegue comunicar com ele.

Não se sabe nada do que se passa, sobretudo depois da hora do recolher, que agora começa às oito da noite. A censura é total. As pessoas desaparecem sem que ninguém saiba nada.

Terça-feira 6 de Novembro

Pedro, o mordomo, diz-me de uma forma confusa que o «alcalde» de La Granja pergunta por mim no portão. Eu julgo compreender que se trata de um vendedor de laranjas. Não presto mais atenção e digo-lhe que o mande à chancelaria. Logo depois tomei conhecimento de que o homem tremia de medo no portão e que não conseguia entrar na chancelaria porque esta estava vigiada. Perseguem-me os remorsos por não ter proporcionado a entrada ao des-

graçado, por ter sido negligente. Que terá sido ele?

Chá com esposas de diplomatas, numa embaixada. A mulher do ministro das Relações Externas, assim como duas damas do protocolo, pedem-nos ajuda para uma venda de caridade organizada em prol da árvore de Natal dos filhos dos militares. Desfile de modas: trajes típicos, etc... Lanço olhares desespeçados a F... Temos tantas preocupações e tudo isto é tão frívolo! (...)

Quarta-feira 7 de Novembro

Quando levo o meu filho Pierre-Henri à Aliança Francesa, vejo outra vez a propaganda fascista colada nas paredes. No mercado, puseram a foto de um carabineiro morto junto com os rostos de estrangeiros «que chegaram a envenenar o país».

Não sem dificuldades, um grupo desce todas as manhãs o Gastón. «O Morto», ao jardim. Instala-o à sombra de uma grande tilia. Alguns sentam-se no chão e outros deitam-se na relva perto dele. É um sítio um tanto mágico para se estar. Acompanhando-se à viola, cantam.

Quinta-feira 8 de Novembro

Visita do padre M...: um rosto marcado, um ar de grande fadiga. Esteve preso e, com os olhos vendados, simularam o seu fuzilamento. Imagino que vem refugiar-se, mas não! Vem pedir-me que esconda quinze homens muito perseguidos. Esta tarde chegam quatro. Entram de doze em dois. Espero-os no portão às oito em ponto.

Alguém desenhou um enforcado no portão que dá para La Concepción.

Sexta-feira 9 de Novembro

Abro o portão a quatro outras pessoas que o padre traz. Entro e vejo

Continua na pag. VII

viram-se obrigados a reconhecer a minha prisão e argumentaram que tinham o direito de me manter preso, em lugar desconhecido, durante cinco dias e que por isso não tinham de prestar contas nenhuma.

— Levaram-te então de imediato para a Penitenciária?

— Senti que me traziam para a rua e que me metiam numa camioneta de grandes dimensões, sempre com os olhos vendados. Ali me fizeram esperar durante muito tempo. Fazem sempre isto para que o preso caia em conjecturas sobre qual será o seu futuro próximo. Informaram-me, durante a viagem que íamos até aos tribunais. Antes de chegar, ordenaram-me que tirasse a venda. A sensação que se tem então deve ser igual à de um cego a quem, por milagre, fosse devolvida a vista. Olhei para os meus acompanhantes. Evidentemente estavam disfarçados: barbas e cabeleiras postiças, óculos escuros. De frente do Tribunal montaram um grande aparelho. Mandaram parar o trânsito, rodearam a camioneta de guardas e de imediato fui entregue à Polícia. Dei um suspiro de alívio, pois isso significava que já não me iriam assassinar. O Ministério do Interior tinha apresentado uma acusação contra mim pelo crime de «atividades clandestinas para difundir doutrinas totalitárias» e um advogado tinha sido designado. Era uma sexta-feira à tarde e os tribunais já estavam fechados, de modo que a Polícia me levou para a Penitenciária onde fiquei incomunicável durante dez dias. (...)

— Chegaste há muito pouco tempo do Chile. Dá-nos alguma impressão sobre como estão as coisas lá, mesmo que seja breve.

— Talvez tenha sido um erro julgar que seria fácil derrubar a ditadura. Nestes oito anos os progressos da luta têm sido lentos e os passos em frente, mesmo que mo-

destos, são muito sólidos. Os espaços de liberdade são, apesar de tudo, mais amplos e defendidos valentemente contra todas as

ameaças, contra todas as pressões do poderoso aparelho repressivo da ditadura. Ninguém pensa que

o fim de Pinochet está ao virar da esquina, mas são cada vez mais as pequenas acções que se encaixam e que demonstram que o povo chileno está vivo e não resignado. Nem amedrontado pela repressão.

Porque a repressão atingiu de novo proporções graves. Os assassínios, por exemplo, como nos casos de Leandro Arratia, Juan Olivares e Rubén Horta, que são os mais recentes. Trata-se de assassínios detalhadamente planeados. Nenhum pormenor é esquecido: Arratia foi levado para um lugar determinado para que os vizinhos julgassem que tinha havido um combate. Crivaram-no de balas e pediram à vizinhança que testemunhasse sobre o «combate». Tentavam incluir este caso, naqueles que eles rotulam de «combates com a Polícia». O caso da Olivares e Horta foi ainda mais cinico. Nem sequer se deram ao trabalho de procurarem um bairro afastado. Tiraram-nos do CNI e instalaram os seus corpos, já mortos, no interior de uma furgoneta. Isto foi de madrugada, cerca das duas horas. De imediato disseram que o veículo estava carregado de armas e que os seus ocupantes tinham aberto fogo. Claro que os juizes aceitaram rapidamente a explicação. Só lhes faltou felicitar os agentes. Comprovou-se depois que a furgoneta nem sequer tinha motor.

As prisões arbitrárias continuam. Em alguns aspectos a situação é muito pior, pois aparece sancionada pelas capas «legais» que a nova Constituição permite:

por exemplo, a permissão dada ao CNI, de ter em seu poder, durante vinte dias, presos sem dar contas a ninguém. Eu vi o que isto significava para aqueles que tinham vivido esses vinte dias nas mãos do CNI (antes, claro está, da Constituição entrar em vigor): apenas se podiam valer dos seus próprios pés e para que ninguém fosse testemunha do dramático estado físico em que se encontravam, eram postos de imediato nas celas para incomunicáveis.

E há as «releções», que são cada vez mais numerosas. Nestes casos estão alguns com pena maior, como Soza, mas estão também «releções» realizadas por simples via administrativa. O Ministério do Interior pode confinar qualquer cidadão a um espaço limitado por três meses sem dar qualquer explicação. As vítimas perdem o seu trabalho ou são-lhe canceladas as matrículas se são estudantes e uns e outros perdem, para além disso, os seus direitos cívicos. Alguns foram atirados para aldeias indígenas, perto da fronteira com a Bolívia, onde só existem pastores miseráveis que nada podem oferecer ao «relegado».

A nova «legalidade» permite coisas atrozes, como essa de se pedirem penas de fuzilamento.

Contudo estou optimista no que diz respeito ao futuro, ainda que o caminho se apresente difícil. Posso resumir o meu estado de espírito com o verso da conhecida canção de Angel Parra: «O caminho é longo, mas vou fazê-lo».

Os excertos do diário de Françoise de Menthon e das declarações de José Maldavsky são publicadas com autorização da revista Araucaria de Chile, Ediciones Michay, Carrera de San Francisco, 13, Madrid 5. A correspondência para Araucaria de Chile deve ser enviada para a citada editora. Apartado de Correos número 5.056, Madrid 5, Espanha.

Publicidade

Município de Setúbal
Câmara Municipal

AVISO

Para os devidos efeitos se torna público que está aberto concurso até ao dia 16 do próximo mês de Novembro, para admissão de um arquitecto de 2.ª classe, por contrato a prazo por um ano, renovável, a quem será atribuída a letra G - 24 300\$00, subsídio de refeição e demais regalias idênticas às dos funcionários municipais.

Exige-se licenciatura em arquitectura.

Paços do Concelho de Setúbal, 23 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Associação de Cegos
«Luiz Braille»

ASSEMBLEIA GERAL
CONVOCATÓRIA

Convoco os sócios da Associação de Cegos Luiz Braille para a Assembleia Geral Ordinária, que se realiza na sua Sede, em 19 de Dezembro, na Rua de S. José, 86-1.º em Lisboa com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO:

— Eleições para os Órgãos Sociais referentes ao Biénio 1982/83.
A Assembleia de voto funcionará das 10 às 20 h.

Lisboa, 14 de Outubro de 1981

O Presidente
da Assembleia Geral

terramoto no chile
TEATRO DO MUNDO ESTREIA 4 DE NOVEMBRO AS 21,15 H. **ESTUFA FRIA**

FORÇA AÉREA

PESSOAL CIVIL
— CONCURSO DE ADMISSÃO N.º 19/81
ESCRITURÁRIOS — DACTILÓGRAFOS

Está aberto concurso de admissão de escriturários-dactilógrafos para o Quadro de Pessoal Civil da Força Aérea, destinados a prestar serviço nas zonas de Sintra, Lisboa, Alverca, Montejuento, Monte Real, S. Jacinto e Beja.

Prazo de abertura: 20 dias a contar da data de publicação do aviso no «Diário da República».

Informações detalhadas: Direcção do Serviço de Pessoal na R. Rodrigues Sampaio, 99 — 1100 LISBOA (Tel. 554102/7), Base Aérea n.º 1 (SINTRA), Depósito Geral de Material da Força Aérea (ALVERCA), Esquadra n.º 11 (MONTEJUNTO), Base Aérea n.º 5 (MONTE REAL), Base Operacional de Tropas Para-Quedistas n.º 2 (S. JACINTO — AVEIRO), Base Aérea n.º 11 (BEJA).

NÃO PERCA
O GRANDE ACONTECIMENTO
DO OUTONO

NOVA SECÇÃO NA

JOFRAMA

ALCATIFAS E REVESTIMENTOS A PREÇOS DE
FÁBRICA E COM ENTREGA IMEDIATA

ATENÇÃO
NOIVAS E DONAS DE CASA!!!

PAVIMENTOS DESDE 225\$ M²

ALCATIFAS DESDE 145\$ M²

ALCATIFA «CARACULO» 365\$ M²

PASSADEIRA TIPO «PERSA» 595\$

PASSADEIRA «CRISTAL» 225\$ M²

GRANDE
VARIEDADE
DE CARPETES!!!



MÁQUINAS DE
LAVAR ALCATIFAS
DESDE 995\$

TAPETES DESDE 55\$

CORTINADOS CASA BANHO
DESDE 265\$

VARÕES CASA BANHO
DESDE 235\$

VARÕES PARA REPOSTEIRO
DESDE 1495\$

CALHAS DESDE 395\$

RUA DA MADALENA N.º 215 (LISBOA) TEL. 860646
LISBOA — PORTO — AVEIRO — VISEU — ÉVORA — FAMILICÃO

Entrega de encomendas expresso
no Cais 1 de Santa Apolónia,
Rua da Bica do Sapato.

Informações: 86 77 85



Serviço de encomendas expresso nas estações de LISBOA, PORTO, FA, RO, ABRANTES, CASTELO BRANCO e COVILHÃ

Em Lisboa (Santa Apolónia) novas instalações, a partir de 12 de Outubro



Caminhos de Ferro
Portugueses

Serviço Comercial da Região Centro



Diário de Françoise de Menthon

Continuação da pág. V

um homem bem vestido, com cerca de quarenta anos, que pede para falar com Pierre. Não conheço a sua cara, mas são já tantos que posso enganar-me. «Dê-me asilo». «Mas, por onde entrou você?» «Saltei o portão... É um engenheiro. mundo! A primeira pergunta-me se estou contente com todas estas «mudanças maravilhosas»... Que responder? Estou noutra órbita.

A minha volta continuam a chegar refugiados. É de se ficar doido. Utilizamos as mantas, as cobertas, inclusive as cortinas da sala de jantar para substituir os lençóis que faltam.

Sábado 10 de Novembro

(...) A noite antes da hora do recolher, rajadas de metralhadora, novamente. Não se faziam ouvir desde há dias.

Terça-feira 13 de Novembro

A Aliança Francesa, assim como uma instituição religiosa, enviam-nos mesas, bancos, pratos, copos, talheres, utensílios de cozinha, umas panelas enormes, etc.

Os refugiados na embaixada chegam agora a cem pessoas. Françoise Soubrin passa-me um papel com os nomes de dois amigos; estão à porta. Eu deixo-me estar, pensando que o assunto pode esperar até amanhã. Mas uma hora depois, vejo-a banhada em lágrimas: eles foram presos; a polícia estava lá, à paisana. Não dormi durante toda a noite.

Quarta-feira 14 de Novembro

Almoçamos na embaixada da Índia, com os belgas. Os indianos não têm refugiados, mas encaram-se dos assuntos da URSS e da Checoslováquia. Não se pode entrar sem se mostrar os papéis a quatro soldados armados.

Sábado 17 de Novembro

À tarde, a «alcaldesa», como a chamamos (é «alcalde» comunista de uma aldeia da periferia de Santiago), entra com o seu filho. Chegam outros, de bicicleta; trazidos pelo padre S... e pela irmã O... Trazem-nos trinta lençóis. Com os responsáveis, decidimos esvaziar de imediato o grande salão: levamos para o sótão os móveis frágeis e inúteis.

Segunda-feira 19 de Novembro

Pierre avisa o padre e a irmã O... de que esta semana não poderemos receber mais refugiados.

Terça-feira 20 de Novembro

À noite, Pierre fica furioso porque nos avisam de que o padre B... vai chegar com outro refugiado. Tinham-nos apenas dito que nos trariam mais lençóis. É um índio que caminha pelos montes durante dias e dias antes de chegar a Santiago, para se esconder. (...)

Quarta-feira 21 de Novembro

De manhã estive no Cotelengo (obra em favor das crianças inválidas) com os meus colegas do corpo diplomático e as damas da Junta. Estive cansada e distraída. As «boas intenções» da gente que me rodeia irritam-me. Que hipocrisia! Não! A religião não pode ser esta aldrabice. Quando volto, vejo numa igreja um enorme cartaz tricolor que diz: «Maria, salvação da Pátria». Penso em todos os mortos...

Pierre volta e lê a lista dos 60 asilados que obtiveram salvo-condutos para França. Reunião na escadaria. Alegria para os que partem, desilusão para os outros.

Chá em casa da senhora de Almeida. É uma mulher digna e valente. Não quer sair do Chile. Faz-me uma descrição da lamentável sorte de seu marido e dos 30 presos da ilha Dawson.

Cocktail de despedida do embaixador de Espanha. Sinto-me muito desgraçada. A mulher de um alto funcionário diz em voz alta, tornando como testemunhos os seus vizinhos: «Não é verdade que em

Santiago não correu uma gota de sangue?» É uma senhora madura e talvez seja sincera. Mas está cega! Nada mais há senão um só lado, um só partido.

Disparos à noite. Mesmo em frente à nossa porta. Um refugiado de traços indígenas acaba de trepar o muro. (...)

Sábado 24 de Novembro

Vejo, na montra da padaria, onde vou todas as manhãs, cartazes iguais aos dos nazis...

O carabineiro que está de guarda bateu em Pedro com a coronha da espingarda porque este não tinha o «passe» para atravessar o portão. Os dois padres quase foram presos quando nos trouxeram 20 lençóis.

Partem 14 refugiados. Abraçam-se no autocarro amarelo da Aliança Francesa. Chamam-me «senhora embaixadora» ou «senhora Francisca». No aeroporto, tomam nota dos seus nomes e confiscam-lhes os bilhetes de identidade, os seus documentos, diplomas, etc. Pierre promete aos que partirão a seguir que enviará os seus documentos por mala diplomática, desde que não sejam muito volumosos. Têm de fazer sozinhos o trajeto desde a sala de espera até ao avião, o que não deixa de ser perigoso. São duzentos metros sem abrigo. Pierre e os seus colaboradores sobem à varanda e não despregam os olhos deles. Ali estão também pais e amigos que gritam e cantam. Apesar das nossas advertências, alguns refugiados não conseguem resistir à tentação de se manifestarem. Dois deles levantam o punho e são de imediato apanhados pela polícia. Então há que falar, suplicar; entretanto o avião espera.

Domingo 25 de Novembro

Um telefonema do embaixador da Suécia. Pede a Pierre que o vá ajudar a defender uma das suas refugiadas, que foi levada de urgência para uma clínica. A polícia quer levá-la e interrogá-la. O caso põe-se sério. Deitam ao chão o embaixador da Suécia e este agarra-se à cama da doente. Às três da tarde é o fim. A doente é levada no meio de uma multidão de guardas. Ao fim da tarde, o embaixador da Suécia vem à nossa residência. A polícia segue-o até à porta e regista o seu automóvel à entrada e à saída. No portão juntam-se muitos refugiados que o aplaudem.

Segunda-feira 26 de Novembro

O caso da clínica começa a ter algum relevo na Imprensa. Há pessoas que parecem incomodadas quando me falam...

Quarta-feira 28 de Novembro

Partida de 40 refugiados. Grande concentração frente ao portão, onde esperam três autocarros, dois da Aliança Francesa e um da polícia. Grande aparato de forças militares. S... diz-me que dois dos refugiados que vão partir são polícias que têm a tarefa de espias. Tira-lhes uma fotografia.

Quinta-feira 29 de Novembro

À tarde, chá das damas da Junta no Country Club. Poucas embaixadoras. Reunião de todas as «mônias» do país! Momentos insuportáveis, quando um cantor começou a escarnecer dos comunistas, dos fuzilados, o que se passa no Estádio Nacional. Decerto que me fiz notada ao não aplaudir como os outros.

Sexta-feira 30 de Novembro

Alegria! Um refugiado pergunta se a sua filha, que acaba de nascer, pode ser baptizada na embaixada. A sua mulher entrará dentro de poucos dias, quando tivermos os salvo-condutos. Escolheu-nos, a mim e a Pierre, como padrinhos.

Seis novos refugiados saltam o muro da residência, quatro o da chancelaria. Suspendemos todo o controlo...

Muitos tiros esta noite. Pinochet fez, em Punta Arenas, um discurso muito inquietante: «Endureceremos ainda mais as nossas posições, estamos longe de termos terminado a guerra...»

Os jornais escarnecem dos refugiados: do barulho que fazem, do espectáculo que dão quando se mostram nos portões. Dizem que têm uma grande vida nas embaixadas, que querem é viagem paga até França.

Somos 130 na residência. Quando acordamos, sentimo-nos imersos no cheiro de corpos, apertados uns contra os outros.

Sábado 1 de Dezembro

Todas as divisões, o salão, a sala de jantar, estão transformados em dormitórios. Só nos resta o nosso próprio quarto mais o de Henri-Pierre e uma pequena sala que nos serve ao mesmo tempo de sala de visitas e de jantar. Aí recebemos, sobretudo, os refugiados. (...)

Quinta-feira 6 de Dezembro

O padre vem visitar-me. Está desesperado com as coisas que vê. Ele queria que entrassem ainda nas embaixadas 150 pessoas, todas elas em perigo. Na terça-feira 11 de Dezembro termina o prazo, e depois desta data as embaixadas dos países que não estão adstritos à Convenção sobre o Asilo Político não poderão receber mais refugiados. Se, no entanto, decidirem recebê-los, estes não obterão salvo-condutos para saírem do país.

Sábado 8 de Dezembro

Numerosos tiros esta noite. (...) A vigilância é maior desde o incidente de Paris: a embaixada do Chile foi atacada por manifestantes.

Domingo 9 de Dezembro

Vou ao aeroporto despedir-me do embaixador da Suécia. É assediado por jornalistas e fotógrafos. Quando se dirige para o avião, ouvem-se alguns aplausos na varanda. Os carabineiros põe-se de frente para a pequena multidão, com as espingardas em riste...

O ministro conselheiro do Canadá vem ver-nos: a sua embaixada abre as suas portas a 50 ou 60 pessoas. Já não era sem tempo! O prazo final para acolher asilados termina amanhã à noite.

Segunda-feira 10 de Dezembro

Estamos como loucos por causa da decisão de inscrever alguns nomes mais na lista antes que seja demasiado tarde. Vamos levá-la ao ministério às 16h30m (os escritórios fecham às 17h.). O Padre telefona-me, mas é perigoso dar explicações pelo telefone peço-lhe que venha antes do almoço. Dá-me uma lista de vinte nomes, mas não nos será possível considerá-los a todos.

Terça-feira 11 de Dezembro

Somos 155 pessoas! Necessitamos cada vez mais de alguém que se encarregue de umas quarenta crianças, que passam o dia todo no jardim sem saberem o que fazer. Propõem-nos uma empregada e fazemos o necessário para lhe conseguir um salvo-conduto.

Quarta-feira 12 de Dezembro

Às cinco da tarde vou a casa de O... T... Pedro abre o portão para que eu saia com a carrinha. De repente, uma batalha. Gritos. Um carabineiro entra e pega uma rapariga pelo pescoço, ela berra. Não consigo entender muito bem o que se passa. É tanta a brutalidade, que julguei tratar-se de um rapaz. Ela usa o cabelo curto e tem vestidas uns blus-jeans, afirma que o carabineiro entrou na embaixada para a apanhar à força. Existe uma prova porque ele deixou cair os documentos de identificação. Corro para chamar o primeiro secretário da embaixada, que está ali mesmo.

Tenho sempre os documentos na

minha carteira. Iremos utilizá-los para que se consiga que ele a deixe em liberdade. Os vizinhos aparecem: ela gritava tanto! Os refugiados também estão presentes, empoleirados no portão. Nesse instante começam a chegar os parentes dos refugiados que irão partir amanhã. Com os seus equipamentos, conseguem entrar quase sem controlo, pois os carabineiros estão ocupados no outro lado da rua. Chega um oficial, que quer arrastar a rapariga para um carro prisional.

O ministro conselheiro, que entretanto chegou, discute longamente, mas o oficial, intratável, não cede. Ela resiste e recomeça a gritar, entretanto o carabineiro empurra-a para o interior do carro, ferindo-lhe uma perna. Com a dor ela cala-se. O oficial promete que se nós lhe devolvermos os documentos do carabineiro, poderemos ir visitar a rapariga. Devolvemo-la para não complicar mais a situação. Mas então há que acalmar os refugiados, explicando-lhes que faremos tudo o que for possível para a libertar.

Quinta-feira 13 de Dezembro

O marido do pobre jovem a todo o momento vem perguntar-me se tenho notícias dela. Ela sairá da esquadra dois dias depois e partirá de imediato para França. (...)

Sexta-feira 14 de Dezembro

Os jornais vêm repletos de informações sobre o caso da refugiada que quis entrar pelo portão de La Concepción. Os factos estão deformados: ela teria tido um confronto com o ministro conselheiro e o primeiro secretário, que a queriam expulsar. Os dois enviam à AFP um pedido de rectificação. (...)

Domingo 16 de Dezembro

Esta noite ouvem-se diversos tiroteios para o lado da Costanera. Há já um bom tempo que estes não ocorriam. Pierre está em Paris e não consigo deixar de pensar em todo o tipo de tragédias.

Segunda-feira 17 de Dezembro

Os jornais falam do ataque ao escritório em Paris, da Lan-Chile. Não teriam sido uma represália os tiroteios da noite passada? Foi o que aconteceu dias antes, quando estudantes ocuparam a Embaixada chilena.

Terça-feira 18 de Dezembro

Fiquei consternada com o artigo que saiu no «Le Monde»: acusa os funcionários da Embaixada de terem cedido ao entregar a rapariga de La Concepción à Polícia. Que injustiça! Felizmente, que dias depois o jornal porá as coisas no seu lugar e descreverá com exactidão a actividade da Embaixada.

Sexta-feira 21 de Dezembro

Durante o dia os nossos refugiados reúnem-se. À tarde anunciam o seu propósito de se declararem em greve da fome, de comum acordo com os refugiados de outras embaixadas, como forma de protesto contra o atentado de que foi alvo um refugiado na Embaixada da Suécia: dispararam, do exterior, sobre ele, e está gravemente ferido na cabeça. É Calderón, ex-ministro de Allende.

Os refugiados também me comunicam que não desejam festejar o Natal, que se faça só uma festa para as crianças.

Sábado 22 de Dezembro

A greve da fome continua. Estão estendidos, cansados e já não se ouvem cantos. Os comunistas decidiram suspender a greve às 24 horas. Os socialistas decidiram suspendê-la um dia depois. Sinto-me infeliz, enquanto como sintomamente com culpas de consciência... Eles só bebem água fria. Os homens aguentam-se bem, mas nas mulheres nota-se a fadiga.

À hora prevista, tiro das reservas as provisões de melhor qualidade. Um grupo de socialistas está lá em

cima; outro na garagem, e ali organizam os seus festejos. No segundo piso, os comunistas. Na divisão verde, vizinha da nossa, os do MAPU (Movimento de Acção Popular Unitária).

Segunda-feira 24 de Dezembro

À tarde, na chancelaria, distribuição de prendas. Teatro de marionetas, feito com engenho a partir de recursos mínimos. O cenário é montado com duas camas desmontáveis, há uma cortina azul e as marionetas são feitas de meias e trapos velhos. Ao princípio, tudo é bastante ingénuo, é para as crianças, mas, sem dúvida, logo se volta à política e assim dura um grande momento. Os refugiados pegam nas suas violas e cheios de ardor, sem sorrir, cantam e tocam tristemente canções sobre a revolução e a morte. (...)

No final da distribuição de prendas, uma pequenita oferece-me, em nome dos filhos dos refugiados, um cinzeiro de cobre.

Decido-me a dizer umas poucas de palavras... Com um pouco de medo e com a minha falta de vocabulário, Mireya responde-me, calmamente, segurando-me a mão. Estamos ambas muito emocionadas.

Terça-feira 25 de Dezembro

Partida da residência às sete da manhã. Seis refugiados: Gastón «o morto», finalmente com parte do gesso já tirada, que caminha apoiado ao braço do doutor; a senhora L... com o seu neto e uma jovem mãe com os seus três filhos, entre eles o bebé baptizado na Embaixada.

Tudo se passa normalmente. Nesta manhã de Natal o avião parte quase vazio.

Domingo 30 de Dezembro

Recebo a visita da senhora J... P... Esta deixa-me completamente desmoralizada com as suas piadas sobre a vida privada de Allende, as suas críticas sobre a nossa acção negativa com os refugiados, esses oportunistas, como ela diz, essa gente mesquinha que viaja para França, etc.

Saio do carro e vejo que alguém passa clandestinamente um embrulho a um refugiado através do portão. Três carabineiros de imediato o rodeiam e apontam-lhe as suas metralhadoras. Quando volto, uma vez mais explico que é perigoso entrar em comunicação com o exterior. O refugiado em causa diz-me: «É o meu irmão, um «momio»; para que aprenda!»

Segunda-feira 31 de Dezembro

O ministro conselheiro chega com frangos e provisões abundantes para a ceia de Ano Novo. O mesmo se passa na chancelaria. Jantamos com os refugiados. As crianças também estão conosco, numa mesa à parte, onde se divertem com chapéus de papel que eles mesmo fizeram. Breves discursos alusivos, cheios de humor e alegria. À meia-noite oferecemos-lhes uma taça de champagne. Deito-me cedo. Na garagem cantam a Internacional, os punhos no ar, e isso torna-se penoso para mim. Como represália os carabineiros disparam. Alguns vizinhos telefonam-nos a pedir que os façamos calar.

Quinta-feira 3 de Janeiro de 1974

A AFP noticia que um refugiado foi morto por um carabineiro, ao subir a uma árvore na Embaixada argentina.

Sexta-feira 4 de Janeiro

Saui no «Le Monde» um artigo elogioso para a Embaixada. Em França foram já recebidos cerca de mil refugiados.

Sábado 5 de Janeiro

O avião de Pierre está com uma hora de atraso. Mas, enfim, chega. Falamos, desabafamos, sentimo-nos felizes.

Quarta-feira 9 de Janeiro

«Coktail» de despedida de I... Estão aí muitas ex-amigas de Tencha Allende, que agora a renegam. Essa cobardia repugna-me. Já não consigo suportar estas recepções.

Os B... vêm à residência e olham à sua volta com um ar de grande desagrado. Perguntam-nos quando conseguiremos desembarcar-nos de toda aquela gente.

Pierre está de facto desajeitado a abandonar o país. É-lhe insuportável ter de negociar constantemente com a Junta.

Sexta-feira 11 de Janeiro

Chá no palácio de La Moneda. O edifício está a ser reconstruído. Eu estou atónita. Foi tudo pintado de novo. Reconhecemos os criados, a recepcionista, uma mulher gorda e indiferente, de olhar perdido, que já estava ali no tempo de Allende.

Tiros durante toda a noite. Não dormimos. Como de outras vezes, agachamo-nos quando passamos de frente das janelas.

Sábado 19 de Janeiro

Os treze últimos refugiados que se encontravam na residência são mudados para a chancelaria para aí se juntarem aos que ainda lá estão. O pobre senhor L... parte morto de tristeza. (...)

Sábado 26 de Janeiro

Esta manhã vi um rapaz descalço, em Providencia, que queria vender os seus sapatos para comprar comida. O custo de vida aumenta de uma forma vertiginosa. É muita a gente que se alimenta unicamente de pão e chá.

Sábado 2 de Fevereiro

Na primeira hora da tarde Pierre-Henri vem avisar-nos que acabam de retirar um morto do Mapocho, mesmo em frente da Embaixada. Ao lado do corpo, dois carabineiros e um polícia civil com a braceira distintiva de «estado de guerra». Uma camioneta branca para, assim como um grande automóvel, donde descem «civis» do S.I.M. (Serviço de Inteligência Militar). O polícia da braceira sacode as moscas que revoltam sobre o cadáver. Anota numa caderneta o que alguém lhe dita, provavelmente um médico, que com uma das mãos envolta em plástico, examina a cabeça do morto. Levantam-no, de ambos os lados, segurando-lhe as pernas e os braços; a cabeça descai-lhe para trás, como a de um boneco desconjuntado. Vejo-lhe a grande ferida em plena testa. Não está molhado; tem o tronco nu, só está de calças e com os sapatos. Os polícias afastam as pessoas, atiram o corpo para a camioneta e o sinistro cortejo desaparece.

Domingo 3 de Fevereiro

Vejo que alguém se precipita até à porta, saltando o portão. Abro a janela e pergunto o que é que deseja. «Asilo». O pobre rapaz treme e diz que o perseguem a ele e à sua mulher. Explicamos-lhe que aqui já não há solução possível. Vê-se que fica desesperado. A caça ao homem continua. Não podemos pô-lo na rua. Escondêmo-lo durante alguns dias e conseguimos logo depois mudá-lo para uma embaixada sul-americana. Neste dia deixei de tomar notas, as quais já enchiam dois cadernos.

Mantivemo-nos em estreito contacto com os refugiados da chancelaria. Os últimos partiram nos princípios de Julho, poucos dias antes de nós abandonarmos o Chile.

Mostraram-se reconhecidos para conosco. Compreenderam que fizemos tudo o que foi possível por eles. Eu agradeço, um a um, aquilo que me trouxeram. O seu calor humano e os seus sofrimentos invadiram o meu coração, o meu espírito. Desejo que tenham encontrado trabalho em França e que vivam felizes, apesar da grande tristeza de não poderem mais viver no Chile... Mas com a esperança.

Ultima página Sete Ponto Sete

Um exemplo: o Salk Institute, na Califórnia

Como é fabricada a ciência

Um sociólogo estudou, à maneira de Levi-Strauss, os investigadores de um grande laboratório californiano. As suas conclusões são perturbadoras.

E se se estudasse, já não os Africanos isolados na sua selva ou recentemente transplantados para os subúrbios das capitais, mas os sábios, os prémios Nobel, nos melhores laboratórios, dos países mais ricos do mundo... Por que não fazer aos investigadores científicos a mesma análise antropológica que se faz aos selvagens da Amazônia?

Sob o azul intenso do céu californiano ergue-se o centro de investigação do Salk Institute. Um amplo forum varrido pelos ventos e abandonado pelos homens, separa dois edifícios. Numa grande sala, máquinas sombrias funcionam sozinhas e fazem os seus ruídos enquanto vão traçando riscos complexos em rolos de papel. Num canto uma mistura cristalina de bolbos, de cúpulas, de tubos de vidro. Um pouco mais além estão alinhados frascos de toda a espécie. Em gaiolas ou debaixo de redomas, agitam-se alguns roedores palpitantes. É o laboratório do professor Roger Guillemin. Este aceitou acolher Bruno Latour, filósofo e depois sociólogo que fez uma investigação antropológica sobre os cientistas no trabalho. O estudo durou dois anos. De Outubro de 1975 a Julho de 1977. Este novo investigador, de um tipo especial, inseriu-se na equipa. Quotidianamente no laboratório onde tinha o seu escritório, fez aquilo que faz qualquer etnólogo em qualquer ponto do Globo: observou e participou. Vestido com a bata branca dos técnicos, começou por se treinar estripando algumas rãs e gui-lhotinando alguns ratos. Ao mesmo tempo interrogava todos

os membros do laboratório sobre a sua carreira. Assim restituía a história do grupo e das suas descobertas. Assistia a todas as reuniões de trabalho.

Era também necessário fazer um mapa dos lugares, reunir uma documentação sobre os instrumentos utilizados, analisar a repartição do orçamento e as flutuações das fontes de financiamento. Mas a sua principal fonte de informações foi a informação escrita: os artigos publicados ou a publicar. As citações. Os borrões. É um material considerável, porque a vida dos investigadores é uma vida saturada de escrita. A própria vida, a dos colegas, mas também a dos instrumentistas. Toda a actividade se traduz por uma inscrição. Para analisar esses documentos o observador utilizou a semiótica. A originalidade da sua *demarche* provinha da sua total e voluntária ignorância em matéria científica. Era tão biólogo como Levi-Strauss foi caçador, cortador de plantas, contador de genealogia. Mas essa distância, que facilmente se aceita naqueles que estudam os aborígenes, já não se aceita de boa vontade nos que têm o projecto de analisar a ciência. Deste trabalho surgem algumas conclusões surpreendentes que permitem pôr de novo em causa algumas ideias feitas.

Diz-se que a ciência é universal. Ora quando se olha a quente para a ciência, a ciência que está a ser feita, repara-se sobretudo no seu carácter local.

Toda a investigação tem um carácter artesanal. Há um *savoir-faire* que passa do mestre para os discípulos: uma maneira de utilizar os instrumen-

tos, um modo de os manipular, uma arte de apontar os resultados. Um jeito. Uma autêntica panóplia de truques e astúcias que os cientistas aprende no próprio laboratório. Ora estas práticas são tácticas, nunca são explicadas. São produto de um determinado lugar. Só circulam através dos homens que passam de um laboratório para outro, um pouco como os companheiros de outrora.

Para mais, a aprovação ou condenação de uma descoberta, depende intimamente da confiança dada ao laboratório de onde ela emana: um laboratório pode fazer revelações espantosas, mas, se a sua reputação não for solidamente estabelecida, ninguém lhe dará crédito. E só há alguns laboratórios no mundo onde se pode avaliar o que os outros fazem. As pessoas que trabalham em questões aproximadas, são pouco numerosos. As redes são minúsculas. Quanto mais se avança nos domínios quentes da ciência, mais o campo é estreito.

A elaboração passa pois por lugares particulares, circunstâncias particulares. Está-se longe da universalidade.

O grande problema de um cientista é pois a credibilidade. Se se trata de investigação de ponta, por definição, ninguém ainda sabe se o que ele diz é verdadeiro ou falso. Só muito mais tarde se experimentará a descoberta e ela será utilizada. Quando se tiver a certeza da sua eficácia. Mas, de momento, está-se em pleno nevoeiro. E o cientista que pensa que «encontrou» deve primeiro que tudo arrancar a convicção aos seus pares.

Todo o seu trabalho é organizado nesse sentido. É preciso arrancar aos seus instrumentos um sinal claro que tenha força de prova, unir os colegas, desqualificar os adversários. Numa negociação árdua.

Um exemplo. Eis dois investigadores, Lucien e Amiel, que estudam certas hormonas. Estão ambos inclinados sobre os resultados que acabam de sair, bem frescos, de um contador-gama, última etapa de bio-aferimento, que Lucien ensinou a Amiel. Trata-se da mais simples das apreciações perceptíveis possíveis: ler a diferença entre um pico e ruído de fundo de onde ele emerge. Começa o diálogo:

Amiel — Olha para estes resultados. Não está nada mau...

Lucien — Ora. Podes crer que quando não está claramente acima de 100 nunca vale muito.

Amiel No entanto o ruído de fundo é bastante estável. Ora vê.

Lucien — De acordo. Não varia muito. Mas com este ruído nunca poderás convencer as pessoas, quero dizer, as pessoas sérias.

Lérias

Assim, mesmo este juízo elementar é fruto de uma negociação delicada entre os dois investigadores. Para Amiel os resultados são bons; para Lucien não o são. Lucien é mais velho que Amiel e liga imediatamente a leitura dos resultados a uma actividade teórica: *convencer*. Acusa Amiel de só querer persuadir pessoas mediocres para as quais há ali um sinal que se separa do ruído de fundo. Mas se se tratar de pessoas sérias, elas só verão, pretende Lucien

simples ruído e nem sombra do início de uma informação sobre a actividade dessa famosa hormona que estão a procurar.

Essa disparidade esconde outra. Amiel não só é mais jovem que Lucien como vem de um laboratório francês olhado com certo desprezo por Lucien e pelos colegas deste. Esse laboratório é acusado de encher a literatura de endocrinologia com narrativas de isolamento de hormonas que nunca ninguém consegue encontrar. «Lérias», dizem das suas descobertas. «Coisas no ar». Diz-se muitas vezes que as suas hormonas não são factos, mas «artefactos», isto é ruído de fundo tomado por informação.

Lucien encarrega-se pois de educar Amiel e impor-lhe as condições de um «verdadeiro» trabalho científico. Ao querer dirigir-se a pessoas «sérias» são completamente modificadas as condições de aceitação da prova, e, a pouco e pouco, o conjunto das condições de produção dos factos. Outro público quer dizer outras provas, outros artigos, outros jornais onde publicar esses artigos, por vezes outras fontes de financiamento. A decisão, «será ou não informação», passa por uma negociação sobre o sentido da carreira desses dois investigadores.

Pode pensar-se que bastaria verificar as conclusões. Aplicar a regra de ouro do método científico: repetir a experiência. É este o princípio de base de todo o trabalho rigoroso. O que figura em todos os manuais e que todos os professores de física do mundo incitam os alunos a fazer. Mas não é tão simples como isso. Repetir uma experiência custa muito caro. Na verdade, uma descoberta pode ser imediatamente aceite porque foi feita num laboratório ilustre. Ou rejeitada logo à partida porque considerada «não interessante». Mas se a aposta é importante e os resultados contestados, inicia-se uma verificação utili-

zando outras técnicas e uma nova aparelhagem a fim de corrigir o que parecia defeituoso. A repetição da experiência tornou-se uma excepção.

No seu laboratório o professor Guillemin conseguiu isolar certas hormonas hipotalâmicas. Essa descoberta valeu-lhe o prémio Nobel. Mas nunca ninguém pode repetir essa experiência. Para tal seria necessário sacrificar de novo alguns milhões de cérebros de carneiro, imolar um bestial, pôr a trabalhar vinte pessoas durante dez anos, e gastar 2 milhões de dólares.

Lobbies

Finalmente, opõe-se muitas vezes a racionalidade científica à racionalidade política. Uma seria pura, abstracta, lógica. A outra caótica, aleatória, cheia de compromissos e compromettimentos.

Olhando bem, a diferença não é tão grande como isso. Os grandes investigadores são estrategos que fariam empalidecer os grandes generais e os maiores políticos. Para fazer triunfar uma ideia justa é preciso manipular a sociedade, agitando-se por todos os lados. Mobilizar tesouros de retórica. Falar com facilidade e ter talento de orador. Criar lobbies. Descobrir dinheiros. Eliminar os concorrentes. É preciso fazer o cerco ao bureau de um senador.

Argumentar passo a passo a fim de abrir os cordões à bolsa. Explicar que é possível encontrar soluções (para alimentar o planeta, fazer andar os motores, regenerar os solos). Mas que são necessários meios, muitos meios. Claro que não se garante nada quanto aos resultados: é assim a investigação, nunca se sabe o que se encontra. Caminha-se para o melhor e para o pior. E, em face destes riscos, os cientistas pedem a imunidade. Não são responsáveis.

Sabine Chaloun Demersay



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no Próximo Domingo, 1 de Novembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Sesimbra: Cintrão, das 08.00 h. às 12.00 m.

Concelho do Seixal: Argena, das 08.30 m. às 11.00 h.

Lisboa, 31 de Outubro de 1981

Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul — DSCR

EM LISBOA!

TEUC — Teatro dos estudantes da Universidade de Coimbra
2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 de Novembro, 21.30 h, com

HOMO DRAMATICUS

De A. Adelach, enc. A. Gutkin na

SPA — Sociedade Portuguesa de Autores
Av. Duque de Loulé, 31 Tel: 578320/557613

PUB. **ADÓQUE** 6.º MÊS!
teatro

**PAGA
AS FAVAS**

2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª às 21.30 h. Sábado às 20.30 e 23 h.
Domingo às 16 e 21.30 h. — FOLGA À QUARTA-FEIRA

2.ª Semana de êxito

TEATRO IBÉRICO



**Retábulo do
Amor
profano**

NO TEATRO ABERTO TODOS OS
DIAS ÀS 21.30 H
DOMINGOS — ÀS 18 H

**EXTERNATO SULENSE
EXAMES AD-HOC**

12.º ANO (Via Ensino)

SALAS DE ESTUDO
PARA ALUNOS EXTERNOS

15.30 AS 18 HORAS

AV. ALMIRANTE REIS 188 (Metro Alameda)
Telefones: 80 22 44 - 80 48 58